

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MULHERES NEGRAS E SEUS CABELOS: UM ESTUDO SOBRE  
QUESTÕES ESTÉTICAS E IDENTITÁRIAS**

**CAMILA SIMÕES ROSA**

**SÃO CARLOS  
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MULHERES NEGRAS E SEUS CABELOS: UM ESTUDO SOBRE  
QUESTÕES ESTÉTICAS E IDENTITÁRIAS**

**CAMILA SIMÕES ROSA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos.

Orientadora: Profa. Dra. Elenice Maria Cammarosano Onofre

**SÃO CARLOS**

**2014**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

R788mn Rosa, Camila Simões.  
Mulheres negras e seus cabelos : um estudo sobre  
questões estéticas e identitárias / Camila Simões Rosa. --  
São Carlos : UFSCar, 2014.  
145 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2014.

1. Mulheres. 2. Negras. 3. Estética. 4. Identidade. I. Título.

CDD: 305.4 (20<sup>a</sup>)



Programa de Pós-Graduação em Educação  
Comissão Julgadora da Dissertação de mestrado de

Camila Simões Rosa  
São Carlos 28/02/2014

### BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elenice Maria Cammarosano

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiane Cosentino Rodrigues

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Walburga dos Santos

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete de Sousa Nogueira

*Elenice*

*Tatiane Cosentino Rodrigues*

*Maria Walburga dos Santos*

*Claudete*

## *Dedicatória*

Dedico este trabalho às pessoas que por mim mais se dedicaram, aos meus maiores amores e melhores amigos.

Pela presença, pela participação, pelo apoio em cada fase.

Pela paciência incalculável e pela dedicação zelosa.

Pelo amor inigualável e recíproco, que só neles me é possível o encontro.

Pelo que me ensinaram e ainda ensinam.

Pelo que sou.

Aos meus pais, Carlos e Maria José e ao meu irmão Gustavo.

As conquistas e alegrias de meus passos se fazem reais quando compartilhadas com vocês.

## *Agradecimentos*

Retribuir gratidão a cada um daqueles que fizeram e se fazem presente na superação de mais uma etapa vivida/vencida é de fato inspirador. A inspiração surge das lembranças de como de forma singular cada pessoa atuou de forma tão carinhosa e dedicada para fazer o caminho mais leve e me leva a valorizar para além dos percalços, as delícias que as boas escolhas me proporcionaram. Nesta parte me permiti uma postura menos acadêmica - se com bonitezas essas pessoas coloriram meus passos, é com um pouco da poesia da vida que as agradeço.

As vivências acadêmicas em certos momentos exigiram passos mais firmes, posturas mais rígidas e cabeça menos sonhadora - senti-me desafiada a andar por ruas de asfaltos onde nem sempre a beleza era visível. Se tornar gente grande tem disso, as belezas das coisas permanecem ali, mas as dificuldades dos dias nos turvam a visão. Para além das dificuldades, o que cabe neste espaço é o reconhecimento que tanto nos dias de cores quanto nos de palidez, não sei se por sorte, por merecimento ou por um misto dos dois, pude contar com pessoas maravilhosas que com amizade, dedicação e amor permitiram-me seguir confiante, permitiram-me os sonhos e a fé vívidos.

Primeiramente agradeço a Deus e aos espíritos de luz que sempre comigo estiveram. Meu fortalecimento espiritual é o que me permite ir além, sempre.

Aos meus pais e irmão sempre muito amorosos, atentos e preocupados, agradeço por compreenderem os vários dias de mau humor, por saberem as palavras e o momento certo, por me incentivarem em cada passo, pelos abraços, sorrisos, confidências e por alegrarem meus dias.

À tia Néia, Amanda, Aline e Ariane, pelas visitas no meio da tarde, pelas risadas e maluquices das meninas, por me ampararem emocionalmente e colorirem meus dias. Aos meus avós e tios, que mesmo sem o contato diário compreenderam minha ausência em alguns eventos e sempre estiveram disponíveis para o que fosse necessário.

A um grande casal de amigos, Mari e “Sem Chance”, que alegraram vários de meus fins de semanas, à Camila Gigante, à Natália Stranghetti, à Nayara e à Karine e, pelas melhores conversas, por sempre acreditarem, à Natália Paschoalino, que na mais sincera amizade se preocupou com minha saúde física, emocional e principalmente espiritual. Vocês me deram forças e são meus mais lindos presentes. E já dizia Quintana: a amizade é um amor que nunca morre.

Às colegas e amigas que preencheram minha trajetória do mestrado com belíssimos conhecimentos e trocas. Aline D., Silvana, Kergilêda, Sara, Natália B., Aline C. e Maxi, obrigada por dividirem comigo as angústias e alegrias da academia, pela cumplicidade e amizade.

Ao NEAB – UFSCar e aos professores Douglas e Tatiane, pela instrução, pelas discussões, por me ensinarem o valor da militância. A professora Petronilha por ser fonte de inspiração e conhecimento.

Por fim, meu agradecimento maior é à melhor orientação que poderia ter recebido. À professora Elenice, que me escolheu dentre tantas outras boas opções. Que agiu com serenidade e sabedoria, mostrando-me as dificuldades do caminho acadêmico, mas me permitindo desfrutar de todas as delícias que ele nos proporciona. Que teve paciência e não me permitiu o desamparo em momento nenhum da pesquisa. Que é fonte de inspiração, de amizade e de ensinamentos, você é um exemplo de mulher e de educadora, muito obrigada.

## Resumo

O processo de construção identitária em mulheres negras a partir da relação que estabelecem com seus cabelos é a proposta deste estudo e se fundamenta e se justifica em discriminações relacionadas às questões de gênero, principalmente étnico-raciais, que quando analisadas como construções sociais causam prejuízos e conflitos na edificação das identidades das mulheres negras. Nesta direção é possível constatar que a representação social feita ao cabelo dos/as brancos/as como sendo “bom” e dos/as negro/as como sendo ruim, faz parte de um processo racista e estas características recaem sobre os sujeitos. Há então, uma zona de tensão entre estética negra e branca, sendo que esta última é tomada como padrão de beleza a ser buscado e alcançado por mulheres negras e não negras. A partir destas fundamentações, o objetivo estabelecido para a investigação ficou assim estabelecido: compreender a relação da mulher negra com sua estética, analisando de que forma o cabelo interfere/interferiu na construção da sua identidade ao longo da trajetória de vida. Com base no objetivo geral foram traçados como objetivos específicos: compreender como as mulheres negras significam sua identidade; identificar e analisar situações de racismo vivenciadas por estas mulheres; analisar como a questão estética, principalmente o cabelo crespo, é compreendida pelas mulheres na relação com o “ser negro”. O estudo procura responder à questão de pesquisa: **De que forma o cabelo marca a construção da identidade na trajetória de vida da mulher negra?** Como instrumentos metodológicos foram utilizados a observação com registros em diários de campo, as entrevistas e a roda de conversa e participaram como colaboradoras cinco mulheres negras. Os dados coletados foram organizados em quadros de análise e destes emergiram três focos de análise. O primeiro foco denominado “As vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar” nos oportunizou compreender vivências da infância e do ingresso escolar das mulheres colaboradoras. Foi possível perceber a importância da figura materna na manipulação dos cabelos e reconhecemos a escola como primeiro espaço de negação e inferiorização do corpo negro e do cabelo crespo. No segundo foco, “Significado do ser negro e representações de si” nos debruçamos sobre as compreensões das mulheres colaboradoras em aspectos da negritude, suas vivências relacionadas a racismo e práticas discriminatórias, a hipersexualização do corpo da mulher negra, além das estratégias que elas utilizam para superar a dificuldade de ser negra em uma sociedade machista e racista. Por fim, no terceiro foco de análise “Cabelo crespo e identidade negra” buscamos compreender as percepções das mulheres colaboradoras sobre questões identitárias relacionando tais questões à relação que estabelecem com seus cabelos. Os resultados da investigação revelaram elementos para a

compreensão do racismo e nos permitiram ampliação de nossas visões acerca do preconceito vivenciado diariamente por mulheres negras. Constatamos que para além do conflito que enfrentam por conta da negação de suas estéticas, estas mulheres aprendem e utilizam estratégias para superar e lidar com brincadeiras racistas, o mito da democracia racial, a hipersexualização de seus corpos e os estereótipos negativos associados à negritude. Este estudo não almejou uma exposição de verdades absolutas e inquestionáveis, mas ao contrário, traz algumas contribuições significativas para o debate na área da educação com o propósito de superação das desigualdades étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Mulher negra; Questões estéticas; Identidade.

## Abstract

The identity construction process in black women, starting from the relation that they have with their hair, it is the proposal of this study and based on discrimination regarding gender issue, and mainly ethnic-racial, that when are analyzed as social construction induce loss and conflicts in the identity of black women. Through this it is possible find out that the social representation made to the hair of white people as being “good” and black people as being “bad” it is part of a racist process and this characteristics fall on the individual. There is a stress zone between white esthetic and black esthetic and the white esthetic is taken as standard of beauty to be sought and followed by black or not black women. From this foundation the goal set for the investigation was: to understand black women and their esthetic analyzing how the hair interfere/interfered in their identity construction along of path life. Based om general goal were definite as specific goals: to understand how the black women mean their identity, identify and analyze racism situation experienced for this women, analyze how the esthetic issue, especially curly hair, is understanding by women related with “to be black” The study seek to answer the research question: **How does the hair define the construction of the identity on the black women path life?** As methodology instruments were used the observation with diary fields records, interviews and conversation and participated as cooperators five black women. The collected data were organized analysis screen and from them emerged three analysis focus. The first focus is “Experienced of Childhood – The black girl in the family and school context” provided us an opportunity to understand childhood experienced and the school admission of the women cooperators. It was possible to realize the important of mother figure on the hair treat and we recognize the school as the first space of denial and "inferiorization" of black people body and curly hair. On the second focus, “The mean of to be black and the representation of themselves. We concentrated on the cooperators women understanding in the blackness aspects, your experienced related with racism discriminatory practices, the high sexuality about the black woman body, beyond the strategies that they use to overcome the difficulties of being black in the male chauvinist and racist society. Lastly, in the third analysis focus “Curly Hair and Black identity” we searched to understand the perceptions of cooperator women about identity issues connecting this issues with the relation that they establish with their hair. The results of this investigation showed elements for the racism understanding and allowed us to extend our vision about the preconception experienced daily by black women, We found out that beyond the conflict that they face because of the denial of your esthetics, these women

learn and use strategies to overcome the racism jokes, the myth of racial democracy, the high sexuality of their bodies and the negative stereotypes regarding the blackness. Third study did not have purpose to expose absolute and unquestionable truths, against it, we want to bring some significant contributions to the discussion in the education sector with the purpose to overcome ethnic-racial inequalities.

**Keywords:** Black Woman, Esthetics Issues, Identity.

## Sumário

Introdução.....	12
Trajetória.....	13
Capítulo 1 – Contextualização: compreendendo a temática .....	21
1.1. Consequências do eurocentrismo na América Latina.....	22
1.2. A prática social e processos educativos .....	27
1.3. Brasil: raízes crespas e o ideal liso .....	30
1.4. Identidade étnica e a (des) valorização da beleza da mulher negra.....	36
Capítulo 2 - O percurso metodológico da pesquisa .....	42
2.1. As alternativas e as escolhas do caminho .....	43
2.2. Abordagem qualitativa e as técnicas de coleta de dados .....	46
2.3. Nossos passos .....	50
2.4. Silas e o salão Raízes Black Power .....	54
2.5. E elas, quem são? .....	58
2.5.1. Irene.....	59
2.5.2. Dandara.....	60
2.5.3. Jéssica .....	61
2.5.4. Thulany .....	62
2.5.5. Monalisa .....	62
2.5. Organização dos dados .....	64
Capítulo 3 – Vozes e reflexões: análise dos dados coletados.....	67
3.1. As vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar .....	68
3.1.1. O cuidado com o cabelo no contexto familiar .....	69
3.1.2. O ingresso no espaço escolar e a identidade e alteridade do corpo negro e do cabelo crespo .....	72
3.1.3. A temática racial na sala de aula e a construção de um pertencimento étnico-racial positivo.....	79

3.2. Significado do ser negro e representações de si .....	85
3.2.1. Percepções sobre o racismo e outras práticas discriminatórias .....	85
3.2.2. A hipersexualização da mulher negra .....	95
3.2.3. Estratégias de luta e combate contra práticas racistas e discriminatórias .....	100
3.3. Cabelo Crespo e Identidade Negra .....	106
3.3.1. Alisado, trançado e natural: as escolhas das mulheres colaboradoras .....	108
3.3.1.1. Irene .....	109
3.3.1.2. Dandara .....	110
3.3.1.3. Jéssica.....	112
3.3.1.4. Monalisa.....	116
3.3.1.5. Thulany .....	119
3.3.2. Significados e consequências das escolhas de formas de manipulação do cabelo crespo .....	121
3.3.3. Relações possíveis entre cabelo e identidade .....	126
Algumas Considerações Não Finais: o encontro comigo mesma.....	133
REFERÊNCIAS .....	140

# Introdução

---

Tendo um cabelo tão bom cheio de cacho e movimentos  
Cheio de armação, emaranhado, crespura e bom comportamento  
Grito bem alto sim  
- Qual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim?  
- Qual foi o Otário, equivocando que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado?  
- Ruim pra quê?  
- Ruim pra quem?  
Infeliz do povo que não sabe de onde vêm  
Pequeno é o povo que não se ama, povo que tem na grandeza  
Da mistura o preto, o índio, o branco, a farra das culturas  
Pobre do povo que sem estrutura, acaba crendo na loucura  
Que tem que ser outro pra ser alguém, num vem que num tem  
Com a palavra eu bato, num apanho, escuta essa neném  
Sou milionário do sonho.<sup>1</sup>  
(Milionário do Sonho – Elisa Lucinda)

---

<sup>1</sup> Letra Música: Milionário do Sonho. Compositores e Intérpretes: Elisa Lucinda e Emicida/ Álbum: O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui/ Gravadora Independente – 2013.

## Trajetória

Com a intenção de contextualizar a opção pelo tema de investigação no curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos, na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, inicialmente apresento minha trajetória pessoal como forma de elucidar as motivações que me levaram à escolha pela temática étnico-racial.

Apesar de questões étnico-raciais permearem inúmeras práticas sociais nas quais nos educamos e somos educados, a formação acadêmica nem sempre se dedica a esta temática de forma consciente e possibilitadora de mudança. Válido destacar que a UFSCar é uma universidade de referência quando pensamos em ações afirmativas, pois se preocupa com a representação de todos os grupos sociais e étnico-sociais que compõem a sociedade.<sup>2</sup> Esta característica possibilitou com que minha formação acontecesse em uma instituição na qual a discussão sobre racismo e práticas discriminatórias se fizessem presentes.

Durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, uma das disciplinas promoveu debate mais direcionado para a temática, e este é o ponto – dentro da academia – que trago como marco inicial do meu interesse e engajamento pela luta étnico-racial. A disciplina intitulada *Problemas de Ensino e Aprendizagem nas Séries Iniciais*, ministrada por uma professora envolvida com a temática étnico-racial, propunha como metodologia, a leitura de diversos/as autores/as, e entre eles, destaco alguns textos de Nilma Lino Gomes<sup>3</sup>, que serviram como ‘inspiração’, uma vez que situavam e problematizavam o lugar do/a negro/a em diversos contextos. Tais leituras, juntamente com discussões e relatos de outros/as estudantes sobre o assunto, foram aos poucos, fazendo com que eu me descobrisse no espaço do meu mundo, como mulher negra.

Na prática do ouvir e do falar nesta disciplina, pude ir remontando fases anteriores que fizeram parte da minha trajetória de vida, nas quais não me via como negra, e por essa razão, não me era possível reconhecer, compreender e atuar a partir de minha identidade étnico-racial.

---

<sup>2</sup> SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Ações Afirmativas na UFSCar: em busca da qualidade acadêmica com compromisso social. *Políticas Educativas*, v. 2, p. 41-53, 2008.

<sup>3</sup> Refiro-me aos textos: GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: Kabengele Munanga. (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2ed. Brasília: MEC, 2005, p. 143-154. & GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. In: RAMALHO, Betania Leite; HENRIQUES, Ricardo. (Org.). *Educação como exercício de diversidade*. Brasília: UNESCO/MEC/ANPEd, 2005, p. 227-247.

Como um semestre não me foi suficiente para saciar minhas inquietações, decidi cursar a disciplina *Didática das Relações Étnico-Raciais* na época optativa, para o curso de Pedagogia. As leituras e vivências propiciadas pela disciplina serviram para fortalecer meu interesse e engajamento pela luta do combate às discriminações raciais, e para conhecer e me envolver com outros/as alunos/as com trajetórias de vida bastante semelhantes com a minha. Pude perceber que as vivências de mulheres negras, apesar de serem bastante diversificadas, são quase sempre sofridas e dolorosas, por estarem imersas em uma ideologia machista, racista e discriminatória.

Interessante destacar que conforme realizava esta pesquisa e intensificava meu contato e minhas vivências com outras pessoas negras, percebi que em vários casos, assim como ocorreu comigo, o reconhecimento da negritude se dava somente no espaço acadêmico. Muitas pessoas do meu convívio de estudo também se descobriram como negros/as dentro da universidade, que aparece na vida de muitos como primeiro espaço para a discussão da temática étnico-racial.

Ressalto ainda, em minha trajetória da graduação, vivências que favoreceram a percepção do silêncio, em torno do racismo existente e recorrentes no cotidiano escolar. Atuando em estágios curriculares e em outras atividades dentro da escola, inquietava-me e perturbava-me ver alunos/as negros/as sendo agredidos/as verbalmente, das mais variadas formas. Algumas destas agressões eram intituladas inclusive, como “brincadeiras”, e ficavam como despercebidas para professores/as e equipe gestora da escola.

Por muito tempo estas práticas racistas no meio escolar também passaram por mim de forma despercebida. Quando não desenvolvemos uma consciência e um olhar crítico, é muito comum não analisarmos estas situações com a importância que elas merecem. Como mulher, negra e educadora – agora com um olhar mais aguçado e crítico – senti-me sensibilizada e responsável por um envolvimento com a luta antirracista, e dediquei-me à elaboração de um projeto de pesquisa no curso de mestrado voltado para a temática étnico-racial.

Para além das questões acadêmicas, trago também parte da minha educação para as relações étnico-raciais no bojo familiar, pois para compreendermos quem somos no presente, é fundamental que voltemos nossas atenções ao passado, de forma a compreender quais realidades e quais situações foram primordiais para nossa construção enquanto sujeitos.

Sou filha de mãe branca e pai negro e fui criada junto ao meu irmão (também negro). O reflexo desta relação interétnica é uma mestiçagem que, por muito tempo, não permitiu me enxergar/aceitar como negra.

Como frequentei escolas particulares, via-me como as crianças de minha escola, como as pessoas da família de minha mãe – com quem tive mais contato-, e apesar do meu cabelo crespo e da pele e traços negros, enxergar-me como branca era espontâneo, por ter sido criada dentro desta tradição étnico-racial. Talvez por isso, meu cabelo causasse tamanho incômodo, reconhecia-me branca, mas não entendia nem aceitava um cabelo diferente das pessoas que, para mim eram referências de beleza. Passei boa parte da minha infância e juventude numa busca incessante por um cabelo liso, como era o de minha mãe, minhas tias maternas, minhas colegas brancas de escola e as mulheres com beleza valorizada socialmente.

A família de minha mãe teve grande importância na minha construção enquanto mulher negra. Apesar de serem brancos, sempre elogiavam minha beleza, meus traços parecidos com os do meu pai e o meu cabelo crespo. Tanto minha mãe como minha madrinha (e tia materna) sempre foram muito presentes em minha vida e lembro-me muito da forma carinhosa como manipulavam meu cabelo, sempre tentando fazer com que eu o valorizasse.

Apesar de ser sido criada em um espaço familiar alicerçado em atitudes de respeito e carinho, não houve em minha educação familiar um discurso fortalecido para uma afirmação identitária étnico-racial. A consequência disto foi que em mim, esse pertencimento aconteceu de forma tardia. Por eu parecer fisicamente em alguns aspectos com minha mãe, sempre ouvia das pessoas que eu era morena. Assim, me defini por grande parte da minha vida, nem branca, nem negra, eu era uma menina morena, e para mim, por um longo período, foi suficiente assim me identificar.

Somente ao ingressar na universidade, com dezoito anos, que por meio da maturidade e de um espaço que valorizava questões étnico-raciais é que compreendi que era uma mulher negra e ver-me desta forma me propiciou entender e lidar melhor com as práticas racistas no meu cotidiano.

Não posso deixar de evidenciar que minha educação numa tradição étnico-racial predominante branca, me formou integralmente como pessoa. Ao dizer que sou negra, é necessário que se note que não nego minha formação numa tradição étnico-racial não negra. Ser filha de uma relação interracial fez com que, no princípio, eu me inclinasse para uma tradição étnica que se fez mais presente. Constituir-me como branca foi fácil, pois a realidade, vivências e experiências assim me permitiram. Quanto ao constituir-me como negra, dispensei um esforço pessoal, por isso considero que me formei enquanto negra (e não que fui formada como tal).

Repensar e analisar como fui educada na relação étnico-racial para compor este trabalho fez-me compreender que tenho uma formação familiar dupla e complementada por

uma autoformação. Foram duas tradições, a da família de minha mãe enquanto branca, a do meu pai enquanto negra, e também os meus questionamentos e a forma que optei por conduzir minha vida, que me formaram como eu sou. Acredito que a vida é um processo em que estamos a todo o momento nos edificando, e que não sou ainda um ser em completa formação, pois há em mim a convicção de que situações posteriores a serem por mim vivenciadas continuarão a me recriar dentro da questão étnico-racial.

O que almejo mostrar em minha trajetória é que a motivação para o desenvolvimento da pesquisa relacionou-se também com a possibilidade de utilização de minha história de vida como forma de aproximação e desenvolvimento da pesquisa de campo. Sendo mulher e negra, dentro do espaço acadêmico, fui conduzida a ter uma maior atenção ao que era dito e feito em práticas sociais que envolviam questões étnico-raciais, e com isto iniciei uma busca incessante por pesquisas e estudos que pudessem subsidiar a compreensão das complexidades que envolvem estas questões, e mais especificamente, as que se referem à população negra.

Ao ingressar no Curso de Pós-Graduação em Educação, na linha Práticas Sociais e Processos Educativos, pude, então, trabalhar com questões teóricas e também as de ordem prática, e sob a orientação cuidadosa de minha orientadora e a colaboração de outros/as professores/as da linha, o desenvolvimento da minha pesquisa foi realizado de forma bastante construtiva também para a minha formação.

Cursando as disciplinas do mestrado, tive a oportunidade de desenvolver em uma delas<sup>4</sup>, uma pesquisa com duas trançadeiras da cidade de São Carlos, objetivando de compreender os processos educativos existentes na prática do trançar cabelos. Esta pesquisa, mesmo com curta duração, foi de extrema relevância para a construção do presente trabalho. Convivendo por um período com mulheres negras que se dedicavam aos cuidados capilares de outras pessoas negras, pude de forma mais profunda compreender a dimensão da questão estética na vida das pessoas.

Válido também destacar que a disciplina de *Teoria da Educação e Aportes em Africanidades*, cursada durante o mestrado, trouxe a oportunidade de conhecer outras formas de se construir e disseminar o pensamento científico, e pude com isto, quebrar alguns paradigmas sobre a filosofia africana. O destaque feito a esta disciplina, é a possibilidade que tenho em minha pesquisa de estudar povos descendentes de africanos, a partir de um

---

<sup>4</sup> Refiro-me à disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos I.

pensamento do próprio continente africano, o que possibilita à investigação um caráter peculiar e coerente<sup>5</sup>.

Com o anteriormente elucidado foi-me possível identificar, em minhas vivências desde a fase da infância, alguns mecanismos de reprodução ideológica, nos quais as características valorizadas de forma positiva eram sempre as do branco, e que o ser negra não me permitia ser “socialmente aceita”. É possível agora, remontando fases da minha vida, verme imersa em tais práticas racistas, principalmente sofrendo agressões verbais por conta do meu cabelo crespo. As vivências dentro de colégios particulares e de vários outros locais considerados elitizados, restringiam meu contato com pessoas negras, e durante toda a minha infância e juventude, sentia-me obrigada a me aproximar o máximo possível da imagem do branco, uma vez que não encontrava “espelhos” para me valorizar enquanto negra.

Desde os oito anos de idade fazendo uso de produtos químicos fortes para alisar o cabelo, agora entendo a gravidade desse ato e percebo como a ausência de conhecimento e valorização de outras maneiras de manipulação do cabelo crespo contribuíram para que isso acontecesse. Por fazer uso de alisamento, como forma de manipular meu cabelo crespo, vivi um tempo considerável dentro de salões de beleza, e com isso pude perceber como o cabelo era um fator que causava incômodo, em parcela significativa de mulheres. Mulheres com trajetórias diversas, pertencentes às mais diversas etnias e classes sociais, almejando uma coisa em comum: o cabelo ideal. Mas, o que é ideal quando falamos de estética? Qual a imagem que as mulheres desejam ter e em quem se espelham para isso?

Inicialmente, tais dúvidas me intrigavam, mas, ainda, não conseguia relacionar as questões estéticas a questões étnico-raciais. Espantava-me o modo como tantas mulheres aceitavam e almejavam por um conceito de beleza único, como sendo algo natural, e não histórico-cultural e politicamente construído. Em sociedades fortemente audiovisuais, como a nossa, televisão e outras formas de mídia constituem um dos muitos caminhos por onde perpassa a construção de identidades individuais e coletivas. Assim sendo, pude perceber um reforço no padrão de beleza nem sempre real e condizente com a pluralidade étnica da qual fazemos parte.

---

<sup>5</sup>Estudos dos textos: TEDLA, Elleni. Sankofa: Africa thought and education. Studies in Africa and African-American culture, vol. 11. New York. 1995 e OLIVEIRA, Julvan. A Educação Brasileira estará receptiva à Filosofia Africana? [online]. In 34 *Reunião da ANPED – Educação e Justiça Social*, 34, Natal, 2011. Natal: ANPED, 2011. vol. 1, n. 1, ISBN 21758484. [acesso 2012-10-11]. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/index.php>

Pensar no significado do cabelo crespo em de uma sociedade racista, com padrões de beleza tão distantes de afrodescendentes, transcende questões estéticas e atinge dimensões políticas. Mulheres negras e não negras constroem seus corpos como parte de um projeto político de identificação social que segue a um padrão socialmente valorizado.

Com os problemas e vivências anteriormente colocados, comecei a me interessar em cursar pós-graduação, como forma de aprofundar os estudos sobre a temática das relações étnico-raciais, e a engajar-me de forma mais intensa no movimento contra o racismo e discriminações étnico-raciais. Na universidade em que cursei a graduação em Pedagogia encontrei no Programa de Pós-Graduação em Educação algumas possibilidades para trabalhar com essas questões e na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos a viabilidade de respostas às minhas inquietações pessoais e acadêmicas - esta linha me possibilitava ir além do espaço escolar, por reconhecer processos educativos inerentes às diversas práticas sociais.

Esta pesquisa busca, portanto, a compreensão de um dos fatores estéticos que causa maior discussão e embate na vida dos/as negros/as: o cabelo crespo. Para isso, optamos pelos espaços dos salões afro<sup>6</sup> de beleza como local inicial<sup>7</sup> para realização da pesquisa, pois conforme aponta Gomes (2008), estes são importantes locais para refletir sobre a relação entre cabelo crespo e identidade negra, uma vez que trabalham com uma das partes do corpo, o cabelo, que é receptor de codificações dentro de um grupo social.

Vale destacar que não se parte do pressuposto de que a estética prevalece, nem de que esta, sozinha, seja capaz de mudar ou por fim às práticas racistas, mas ao contrário, considera-se como um primeiro passo o reconhecimento e afirmação da existência da beleza negra, por meio do cabelo crespo.

A história e o corpo do/a negro/a têm sido negados historicamente, e isso cria na mulher negra, além da alienação histórica e cultural, a alienação que tem de seu próprio corpo. Nessa perspectiva, com um estudo sobre o modo como mulheres negras se relacionam com seus cabelos, pretende-se discutir e relacionar questões estéticas e identitárias.

---

<sup>6</sup> Apoiamo-nos em estudos de Paixão (2008), ao utilizar o termo afro no contexto da pesquisa, por este designar a especificidade étnico-racial da maior parte do público, atendido, e também pela especificidade dos serviços oferecidos relativos aos cuidados com os cabelos crespos e a proposta de estetização desenvolvida pelo salão para os mesmos sujeitos. O conhecimento prévio do campo nos permite afirmar de antemão que a opção política não impossibilita o atendimento de clientes não negros/as.

<sup>7</sup> O Salão de Beleza Raízes Black Power foi o local onde iniciamos nossa pesquisa e selecionamos com a ajuda do proprietário Silas algumas das mulheres que colaboraram com nosso estudo.

Desta forma, a questão norteadora<sup>8</sup> da pesquisa é: *De que forma o cabelo marca a construção da identidade na trajetória de vida da mulher negra?*

No que tange ao desenvolvimento da questão de pesquisa deste estudo, o objetivo geral é compreender a relação da mulher negra com sua estética, analisando de que forma o cabelo interfere/interferiu na construção da sua identidade, ao longo de sua trajetória de vida.

Com base no objetivo geral foram traçados como objetivos específicos:

- Identificar como as mulheres negras significam sua identidade;
- Analisar situações de racismo vivenciadas por mulheres negras e suas estratégias diárias de superação;
- Analisar como a questão estética, principalmente o cabelo crespo, é compreendida pelas mulheres na relação com o “ser negro”.

Para atingir a esses objetivos optamos como recursos metodológicos para a coleta de dados, a observação com registros em diários de campo, entrevistas com as mulheres colaboradoras e a roda de conversa. Os dados coletados foram organizados em quadros e os focos de análise que emergiram das conversas foram discutidos com autores/as especialistas na temática.

Diante dos objetivos e da questão de pesquisa, o presente estudo está organizado da seguinte forma:

O primeiro capítulo apresenta nosso entendimento sobre práticas sociais e processos educativos e traz uma contextualização das práticas racistas e discriminatórias no contexto latino americano e discute a questão estética em nosso país, relacionando questão estética e questões identitárias.

O segundo capítulo descreve o caminho metodológico. Evidenciamos nossa concepção de pesquisa, nossa escolha metodológica e descrevemos cada passo que demos para coletar e organizar os dados. Neste capítulo fazemos uma apresentação e descrição do salão no qual parte da pesquisa se realizou, de Silas o proprietário do salão e também das mulheres colaboradoras. Além destas questões apresentamos os procedimentos adotados para análise de dados.

No terceiro capítulo tecemos reflexões e análises sobre o que foi dito pelas mulheres colaboradoras, sempre estabelecendo relações com os estudiosos que nos alicerçam

---

<sup>8</sup> Adams (2010), ao explicar a adoção do termo *sulear* para Paulo Freire, traz que a utilização do termo implica em uma postura epistemológica e política que almeja a construção de paradigmas alternativos, enraizados em nossas próprias circunstâncias de modo a refletir a complexa realidade que temos e vivemos.

teoricamente. Neste capítulo pormenorizamos os seguintes focos de análise: “*As vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar*” que nos permitiu compreender as vivências da infância e do ingresso escolar das mulheres colaboradoras; “*Significado do ser negro e representações de si*” no qual analisamos as compreensões das mulheres colaboradoras sobre aspectos da negritude, suas vivências relacionadas a racismo e práticas discriminatórias, a hipersexualização do corpo da mulher negra, além das estratégias que utilizam para superar a dificuldade de ser negra em uma sociedade machista e racista. E o terceiro e último foco de análise “*Cabelo Crespo e Identidade Negra*” no qual objetivamos compreender as percepções das mulheres colaboradoras sobre questões identitárias e, principalmente, relacionar estas questões sendo ou não influenciadas por suas escolhas estéticas e sobre a manipulação de seus cabelos crespos.

No capítulo de Considerações Finais retomamos o significado e implicações de ser uma pesquisadora iniciante, e destacamos como os aspectos da subjetividade nos tiveram valia desde os primeiros passos, quando nos permitiram as indagações iniciais, até a etapa (in) conclusiva quando reconhecemos que o trabalho não marca um fim, e sim possibilidades de recomeços. Nesta etapa do trabalho resgatamos alguns pontos da análise como forma de evidenciar que nosso objetivo maior é que esta pesquisa possa contribuir com outros trabalhos e pesquisas comprometidos com as questões étnico-raciais.

## Capítulo 1 – Contextualização: compreendendo a temática

---

O racismo é burrice, mas o mais burro não é o racista  
É o que pensa que o racismo não existe  
O pior cego é o que não quer ver  
E o racismo está dentro de você  
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca  
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca  
E desde sempre não para pra pensar  
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar  
E de pai pra filho o racismo passa  
Em forma de piadas que teriam bem mais graça  
Se não fossem o retrato da nossa ignorância  
Transmitindo a discriminação desde a infância  
E o que as crianças aprendem brincando  
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando  
Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum tipo de racismo - se justifica  
Ninguém explica <sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Letra Música: Racismo é burrice/ Composição e Interpretação: Gabriel, o Pensador/ Álbum: MTV Ao Vivo – 2013.

### **1.1. Consequências do eurocentrismo na América Latina**

Para melhor compreensão deste trabalho, entendemos ser importante uma localização histórica e social da temática que nele será explorada. Válido então destacar, que embora a pesquisa tenha sido desenvolvida em um curso de Pós-Graduação em Educação, buscamos aportes teóricos em outros campos além do educacional para a compreensão de como o universo simbólico de significação do cabelo em mulheres negras, dinamizam a construção de suas identidades.

Para a elaboração deste referencial teórico, pautamo-nos também em autores da linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, em que esta pesquisa se desenvolve, entre os quais Enrique Dussel, Paulo Freire e Ernani Maria Fiori. Dussel nos auxilia a compreender a América Latina, em seu contexto histórico, social e cultural, nos permitindo a reflexão e análise das práticas racistas e discriminatórias das quais latino-americanos estão sujeitos. Paulo Freire e Ernani Maria Fiori, apesar de não tratarem diretamente as questões étnico-raciais, são importantes autores na construção de reflexões e ações voltadas para o combate de práticas racistas e discriminatórias.

A reflexão sobre as relações étnico-raciais em nossa sociedade exige um conhecimento histórico-social que fundamente e “justifique” historicamente o racismo e as discriminações tão recorrentes em nosso meio. Não podemos naturalizar estas práticas e continuar na crença de que vivemos em uma sociedade democraticamente racial; é preciso desvelar os motivos que nos levaram a ser uma sociedade racista e discriminatória, para a partir disto podermos buscar os caminhos para a libertação.

A opressão sustentada por teorias ideológicas eurocêntricas, desde tempos remotos, contribuiu e ainda contribui para a existência de construções históricas distorcidas e perpetuação de mitos que serviram como fonte de imagens estereotipadas sobre os povos tidos como oprimidos, dentre os quais se podem salientar os da América Latina. Almejamos a compreensão das relações que permeiam nossa sociedade e para isto é necessário que situemos a temática do trabalho dentro do contexto latino americano.

Concordamos com Andrade (2006) sobre a importância em estudarmos a recriação das culturas na sociedade latino-americana, pois esta tem reflexos na construção do pertencimento étnico-racial de homens e mulheres negras. Temos que observar que sempre se buscou uma cultura nacional ilusória que desconsidera a pluralidade cultural do nosso país e o resultado disto é a perpetuação da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, o que fortalece ainda mais o racismo e a discriminação racial contra negros/as.

De acordo com o mesmo autor, existem ideologias sustentadas historicamente que fazem com que os negros não aceitem sua pertença étnica, pois vale destacar que este pertencimento se dá no cotidiano, nas trocas entre pessoas e principalmente nas relações de opressão.

Se o Brasil é formado por diferentes grupos étnico-raciais não se trata de preocupar apenas com a identidade, pois o pertencimento étnico-racial possibilita as pessoas a assumir-se como parte diante das diferentes visões de mundo, do seu grupo particular e não de alguém que está fora dele (ANDRADE, 2006, p. 51).

Quando debatemos a temática étnico-racial o primordial é observarmos que o racismo não é uma prática natural, e sim historicamente construída e sustentada e que faz parte de um processo histórico que envolve a ação dos colonizadores, sobre os povos colonizados e oprimidos.

O racismo não surgiu de uma hora para outra. Ele é fruto de um longo processo de amadurecimento, objetivando usar mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados (SANT'ANA, 2005, p.42).

A exploração dos povos colonizados se modificou, mas não deixou de existir. Homens e mulheres negras continuam imersos em um processo de aprisionamento que os explora e inferioriza.

Van Dijk (2008) a partir de um recorte histórico, nos mostra como o racismo foi introduzido nos países da América Latina.

Do Norte ao Sul, no México, na Venezuela, na Colômbia, no Peru e, especialmente, no Caribe e no Brasil, as pessoas de origem africana foram sistematicamente inferiorizadas em todos os domínios da sociedade. Preconceitos contra os negros aliados a uma vasta rede de práticas discriminatórias reproduziram, por conseguinte, a pobreza, o baixo status e outras formas de desigualdade social no que concerne ao branco dominante e às elites mestiças (VAN DIJK, 2008, p. 13).

Quando voltamos nossas atenções para a cultura latina americana, percebemos que muitas de nossas práticas se pautam no individualismo, e conseqüentemente, na negação do Outro.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Partimos do entendimento de Dussel (1995) do “Outro” como sendo aquele que na experiência do cara-a-cara nos permite reconhecê-lo como estando além do meu mundo.

Esse idealismo individualista atua negativamente em diferentes contextos e reforça as categorias da opressão, segregando os sujeitos em oprimidos e opressores, de acordo com cada situação vivenciada. Assim, se pensarmos em uma esfera mais ampla, os valores pautados no eurocentrismo favorecem a opressão dos povos desta região.

Para compreender o eurocentrismo, temos que entender seu surgimento e as suas consequências em nossa sociedade. Em Dussel (1995), nos é possível perceber a existência e perpetuação de um mito civilizatório pautado na inocência, negando a violência utilizada pela Europa para alcançar sua superioridade. Este mito é sustentado semanticamente pelo termo modernidade. O autor sugere que, ao fazer apologia à modernidade, a história contada nos moldes eurocêntricos é apresentada como se todos os “avanços” que ela representa se tratassem de um desenvolvimento natural do ser europeu. Essa visão “única” de história desconsidera e desqualifica a América Latina, seu povo e sua cultura.

Quando se nega a cultura da América Latina se nega a diversidade e os povos desta região são levados a crer num padrão “natural” pautado em valores eurocêntricos. Nessa perspectiva, podemos repensar o que significa ser negro/a em uma sociedade que se edifica com valores tão distantes da cultura africana e afrodescendente.

Muitas vezes julgamos ou não analisamos criticamente ações de negros e negras na busca pelo “tornar-se branco”. Obviamente que não podemos presumir todas as ações e classificar a postura do/a negro/a como negação de sua identidade, mas também não podemos deixar de notar o que nos aponta Souza (1983), de que o negro percebe o branco como modelo de identificação e como único meio de tornar-se gente.

Dentro desta visão, torna-se crucial explorar os caminhos que levaram à opressão de povos negros, a partir da construção do mito da modernidade atribuído ao continente europeu. O conceito de projeto e a compreensão do mesmo são fundamentais para entendermos a atual situação da América Latina, não só em relação à questão étnico-racial e estética, mas também em outras formas de opressão a que os latino-americanos estão sujeitos.

No entender de Dussel (1995), há projetos que são capazes de colocar o homem como mediação de seu semelhante e isso nos permite explicar o “ser América Latina”.

América Latina ha sido hasta ahora mediación del proyecto de aquellos que nos han interiorizado o alienado en su mundo como entes o cosas desde su fundamento. Para nosotros va a ser muy importante esclarecer cuál es el fundamento de ese hombre que nos ha constituido como entes o cosas, para entendernos como latinoamericanos y poder plantearnos la posibilidad de la liberación, de abrirnos un camino de exterioridad (DUSSEL, 1995, p. 93).

O autor enfatiza que esta região tem sido mediação do projeto daqueles que tem nos interiorizado a alienação desde sempre. A partir desse entendimento, torna-se imprescindível compreender as ações deste homem, que nos considera como “coisas”, para que possamos alcançar a libertação de nosso povo.

Em Freire (2011), compreendemos a opressão como realidade histórica vitimizadora de vários grupos, negando a vocação do homem de "ser mais", negando seu direito à liberdade porque a opressão afeta opressores e oprimidos e é uma prática alienante. O autor ainda nos mostra que o oprimido deve ser capaz de extrojetar de dentro de si e, por ele mesmo, o opressor, a fim de resgatar seu ser livre, construtor e sujeito de sua própria história, o que permite a libertação.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos (FREIRE, 2011, p.41).

Nessa perspectiva, haveria então, a necessidade de humanização do indivíduo e humanização do mundo. O sujeito, de modo consciente, tem a missão de construir sua história e conquistar sua forma humana e este processo de se humanizar, estaria, pois, ligado à ação conscientizadora.

Para que possamos compreender a opressão e as questões étnico-raciais, nos baseamos nos estudos de Cunha (2010) que ao trazer o significado da palavra racismo e discorrer sobre práticas racistas e discriminatórias salienta que:

Freire diz que não é possível que tais práticas sejam justificadas por contingências genéticas, sociológicas, históricas ou filosóficas (por exemplo, para explicar a superioridade de brancos sobre negros, dos homens sobre as mulheres). Salienta que qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a forma dos condicionamentos a enfrentar (CUNHA, 2010, p.341).

A práxis freiriana estimula o questionamento do mundo pelo sujeito, problematizando a realidade para descobrir elementos que muitas vezes permanecem velados – dentre os quais destacamos as práticas racistas. Viver na complexidade étnico-racial e cultural da América Latina requer a busca pelos mecanismos ocultos de dominação que permeiam as práticas sociais. A educação libertadora, proposta por Freire, demanda uma compreensão rigorosa do mundo, questionando as ações que não levam à libertação e ao fim de práticas racistas e discriminatórias.

Há a necessidade de grupos étnicos, constantemente oprimidos - como é o caso da população africana e afrodescendente - se conscientizarem através de uma reflexão comprometida e buscarem caminhos nas mais diversas práticas sociais para a libertação e para o rompimento da dominação racial.

Fiori (1986) alerta que há uma consciência do mundo num dualismo que promove a negação do sujeito, a intersubjetividade, deixando seu reconhecimento e se tornando dominação da consciência, mas, apesar disto, afirma que a coisificação total do homem não é possível porque a ele sempre existe alguma subjetividade que permite sua desalienação. Logo, a luta contra a dominação racial só se torna possível com o rompimento estrutural para que surja o homem novo, e esta seria a verdadeira revolução: a conscientização restaura o homem como sujeito que domina o mundo. O autor, que entende cultura pela valorização do homem, aponta que para a libertação da pessoa há necessidade de devolver sua posição de sujeito, rompendo com as estruturas que o coisifica.

Ações para a libertação, voltadas para a construção de uma identidade positiva em mulheres negras não pode, então, aceitar uma cultura que se faz alienada e alienante, porque esta é um instrumento de dominação, o que explica uma postura sempre favorável dos agentes dominantes em relação a ela.

Ainda de acordo com Fiori (1986), a educação seria o homem e o que este produz no seu mundo e a luta pela libertação seria a forma de como reverter o papel que a educação tem instaurado, apenas fortalecendo o sistema de dominação. A conscientização surge como a luta pela libertação, e como neste processo de dominação, muitas vezes, somos levados a não considerar a estrutura vigente como promotora e mantenedora de opressão, há necessidade de estarmos envolvidos e engajados numa luta que busca avanços em prol da libertação de povos histórica e socialmente oprimidos, pois somente assim, quebraremos as relações de poder que permeiam e escravizam nossa sociedade.

A educação, nesse processo de conscientização é a responsável pela obtenção da condição humana. Dentro do processo de aprisionamento em que a América Latina se encontra, torna-se imprescindível a conscientização dos povos que nela habitam. A reflexão comprometida é a chave para a práxis da libertação, a ação necessária para que o sistema de dominação seja rompido através da educação.

O encontro entre consciência e mundo, é de acordo com Fiori (1986), o surgimento destes, pois:

Antes do mundo consciente, a consciência é vazio total: fora da consciência do mundo, este é ausência sem nome. Juntos, consciência e mundo ganham realidade. Um não se perde no outro, perdendo sua identidade, identificam-se através do outro (p. 4).

Haveria então, a presença do mundo ser significado através da consciência, já que ambos - mundo e consciência - fazem parte de uma relação dialógica. A conscientização seria a ação transformadora do mundo.

Para que a libertação seja possível para as mulheres negras, compartilhamos com os ideais de Fiori (1986), de que há a necessidade de devolver a elas sua posição de sujeito, rompendo com as estruturas que as coisificam. A forma humana, neste processo, não seria constante, sua recriação aconteceria na conscientização histórica, e a consequência disso seria uma cultura que se refaz permitindo a diversidade. O saber crítico surge como único caminho para que a cultura não se faça nem alienada, nem alienante.

Apoiamo-nos na concepção de educação presente em obras de Freire e Fiori que entendem o homem como um ser inacabado que se constitui nas e pelas práticas educativas. Assim sendo, concordamos com a incompletude do ser e que está em constante formação e permanente processo de educar e de educar-se. É nessa permanente formação que se afirma a identidade étnico-racial como parte desse processo realizado pelo homem, nos mais diversos âmbitos da sociedade, inclusive na relação da mulher negra com o seu cabelo crespo.

Estudar a realidade da qual fazemos parte nos permite nela atuar, com o intuito de alcançar libertação de grupos e povos que são histórica e socialmente negados. Partindo dessa compreensão, a prática social deste estudo direciona seu foco para as questões étnico-raciais, partindo da questão de opressão e negação sofrida por mulheres negras, principalmente no que se refere à estética de seus cabelos.

## **1.2. A prática social e processos educativos**

Pensando nesta concepção de homem como ser inacabado e em constante processo de formação, pelas mais diversas relações estabelecidas, acreditamos que a formação do “ser negro” acontece *nas e pelas* práticas sociais e processos educativos.

Quando falamos em “ser negro”, nos referimos à identidade, às características que especificam alguém com este pertencimento étnico-racial. Esta identidade não é estática, está

em permanente construção, num contexto social de interações. Construimos nossas identidades na medida em que nos inserimos em diferentes práticas sociais.

É através dos grupos, ou seja, das relações sociais que cada indivíduo configura uma identidade pessoal, em toda sua complexidade. Uma busca de identidade é sempre um fenômeno social, uma constante transformação, uma metamorfose. Portanto, as identidades se relacionam dialeticamente com a sociedade, na medida em que se constituem a partir dela e são constituídas por ela (SILVA, 2005, p. 30).

Este estudo partiu do anseio de compreensão de como mulheres negras se educam nas relações étnico-raciais a partir da relação delas mesmas com seus cabelos, na construção de suas identidades.

O início de nossa pesquisa de campo ocorreu no espaço de um salão étnico da cidade voltado para a beleza da mulher negra. A escolha do salão como local onde parte da pesquisa se realizou pode também ser justificada a partir do entendimento de que nestes espaços ocorrem práticas sociais que resultam em uma rede complexa de processos educativos. As vivências das mulheres nestes espaços se constituem em uma prática social, pois são geradas a partir de interações que elas ali estabelecem com as demais mulheres.

De acordo com Oliveira et al. (2009, p. 5), práticas sociais têm “[...]o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas”.

Como afirmam os autores estas práticas derivam e são promotoras de interações que os indivíduos estabelecem entre si e também com o ambiente em que vivem, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. Nossa compreensão de práticas sociais parte deste entendimento e acreditamos que onde haja interações entre pessoas, independente de qual o propósito, temos uma prática social.

No interior destas práticas, são gerados processos educativos, homens e mulheres se educam e educam a outros/as, e nessa convivência e troca de saberes eles/as se constroem enquanto sujeito. Por meio destas práticas os indivíduos se constroem e as relações que estabelecem os formam enquanto sujeitos ativos capazes de atuar de forma consciente, transformando suas realidades. Oliveira et al (2009) enfatizam que ao participarem de diferentes práticas sociais, as pessoas se apropriam de valores e comportamentos de seu tempo e lugar e lutam por sua existência.

Neste estudo partimos da compreensão de práticas sociais que se concretizam e ganham sentido através das relações estabelecidas entre diferentes pessoas em diferentes espaços. A importância de se elucidar este conceito na pesquisa surge a partir da consideração de que é a partir das comunicações entre diferentes sujeitos que estes edificam a si mesmos e também as suas identidades. A característica plural e diversificada de nossa sociedade permite que nas trocas das práticas sociais as pessoas se eduquem e se edifiquem.

Partimos da crença de que práticas sociais intercorrem de relações, constituindo deste modo, a existência social. Essas relações se entrelaçam e tecem uma complexa rede de sujeitos, percepções, situações, etc. Sendo assim, um sujeito realiza uma prática social ao se relacionar, e nessas relações, os processos educativos constroem e reconstróem homens e mulheres enquanto sujeitos, num processo de humanização.

Dentre os objetivos das práticas sociais optamos destacar a busca pelo “reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade” (OLIVEIRA et al, 2009, p. 5). O modo como as mulheres negras lidam com seus cabelos crespos, mostra através da estética, uma das possíveis formas de valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Ao considerarmos a construção identitária em mulheres negras como uma prática social, reconhecemos que nossa formação se dá no contato com o outro, semelhante ou diferente de nós. Nossas atenções se voltam às práticas sociais que desqualificam a mulher negra na sua posição de sujeito, coisificando-a e desconsiderando sua história, cultura e até mesmo suas manifestações estéticas.

No interior das práticas sociais estabelecidas entre os sujeitos, estão envolvidas culturas, histórias e tradições, que constituem o patrimônio simbólico de um povo, elementos que formam as raízes que sustentam um determinado grupo. Há que se atentar também que:

As práticas sociais tanto podem enraizar como desenraizar ou levar a criar novas raízes. O enraizamento parte e busca manter vivas as tradições, entendidas como as referências primeiras que sustentam visões de mundo e permitem que sejam refeitas, sem abandonar sua origem (BORNHEIM, 1978)... O desenraizamento, como ensinam Simone Weil (1979) e Stuart Hall (2003), partindo de diferentes contextos, pontos de vista e em datas distintas, expropria seres humanos, transformando jeitos de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos, recompõe identidades. (OLIVEIRA et al, 2009, p. 4)

A desvalorização da beleza negra é uma prática de desenraizamento, uma vez que o que se valoriza é a beleza branca, distante da estética africana e afro-brasileira. Realizando a

pesquisa com mulheres negras, buscamos compreender o conceito de enraizamento e desenraizamento da identidade negra a partir de questões estéticas. O fato de termos em nossa sociedade uma realidade desigual que institui posições a partir de diferenças étnico-raciais, traz a relevância em estudos construídos sobre o viés aqui proposto.

É necessário analisarmos o significado de ser mulher negra em uma sociedade machista e racista, para que a partir disto possamos pensar em estratégias para a luta contra as mais diversas práticas discriminatórias.

### **1.3. Brasil: raízes crespas e o ideal liso**

Ao nos deslocarmos de uma realidade mais abrangente, América Latina, e direcionarmos nossas atenções para uma conjuntura mais específica, no nosso caso, a realidade brasileira, vemos que o reflexo do eurocentrismo persiste em uma atuação violenta e dolorosa para grupos com valores distintos e distantes de europeus.

Quando analisamos a situação dos negros em do nosso país, os dados, números e gráficos se tornam bons aliados para comprovarmos que estamos longe de um discurso tão presente, de sermos uma democracia racial.

Fomos o país que mais importou homens e mulheres negros para escravidão, fomos também o último país a abolir a escravidão negra e somos ainda o país que concentra o mais elevado percentual de população negra fora do continente africano. De acordo com o censo de 2000<sup>11</sup> cerca de 45% dos brasileiros se declararam negros ou pardos e segundo dados do Seade o Estado de São Paulo contava, em 2005, com a maior população negra do país, somando cerca de 12,5 milhões de habitantes de cor preta ou parda.

Se analisarmos dados demográficos de inúmeros países, inclusive do Brasil, podemos observar a grande presença demográfica de afro-brasileiros. O resultado do Censo Demográfico 2010 que levantou dados sobre as “Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência”, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, apesar da população negra já ser predominante no Brasil, ela ainda sofre profundamente com a desigualdade racial.

Que as estatísticas nos sirvam só para nos situarmos, as vivências servem para nos alertamos sobre o que é ser negro em um país onde apesar de o grupo étnico ser maioria,

---

<sup>11</sup> Fonte: Fundação Seade – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.

ainda tem práticas que nos convencem diariamente de que estamos longe de ser uma democracia racial.

Apesar dos dados e das práticas diárias de racismo contra a pessoa negra, ainda é muito presente o discurso de que a raça no nosso país não é um fator determinante, que não é utilizada para classificar e hierarquizar sujeitos. Concordamos com Guimarães (1999) que o racismo no nosso país é um tabu e que há alguns condicionantes que levam o povo brasileiro a falsamente acreditar que vive em uma democracia racial.

Ao desenvolver esta pesquisa, conforme mostraremos mais adiante, o tabu sobre a temática racial ficou evidente. Mulheres negras que iniciavam suas falas negando sofrer qualquer discriminação racial, com algum tempo de conversa percebiam que são vítimas de racismo diariamente e compreendiam que o fato de serem negras demandava muito mais esforço para se aproximar de conquistas, que para pessoas não negras era tão espontâneo.

O que queremos demonstrar é que há um discurso tão forte da inexistência do racismo, e de que brancos e negros dispõem das mesmas chances e oportunidades, que em alguns casos, quando não há reflexão, os/as próprios/as negros/as, maiores prejudicados neste pensamento, se convencem de que isto é real, de que vivemos realmente num paraíso racial.

Conforme nos sinaliza Ferreira (2000), o mito da democracia racial é reflexo de racismos e discriminações, nem sempre explicitamente declarados, como aconteceu, por exemplo, nos Estados Unidos, onde a legislação prescrevia a discriminação. O autor afirma que em nosso país, o mito da democracia racial encobre o preconceito e torna o combate contra o racismo muito mais difícil, “a discriminação opera no nível dos indivíduos de maneira inconsciente e nem sempre identificável como tal.” (FERREIRA, 2009, p. 40).

Compartilhamos da compreensão de Gomes (2005), sobre o mito da democracia racial de que este:

[...] pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado negar a discriminação racial contra os negros no Brasil e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre este grupo racial (p.57).

Não precisamos ir muito longe para perceber o quão longe estamos de ser uma democracia racial, pois se atentarmos às práticas cotidianas compreendemos que a classe

social juntamente com a cor da pele são definidores hierárquicos. Pessoas negras não ocupam posições de poder e de prestígio e quando ocupam são vistas como “menos negras”.

Vivemos em uma sociedade que utiliza de dois instrumentos antagônicos: o mito da democracia racial e as constantes práticas racistas e discriminatórias e o que percebemos é que ser negro em nosso país carece a adoção de posicionamentos, de lutas diárias que permitam resistir às mais dolorosas práticas racistas.

Souza (1983), em sua obra *Tornar-se Negro*, nos esclarece que ser negro no Brasil, é tornar-se negro, é ter que se impor o tempo todo para não ser atacado. Para isso, o primeiro passo é reconhecer e compreender nossos alicerces sustentados em teorias que classificam sujeitos a partir de seus pertencimentos étnico-raciais e somente a partir desta tomada de consciência poderemos superar os obstáculos sociais das vivências de negros e negras.

Nesta mesma obra a autora nos alerta sobre a necessidade de entendermos o contexto histórico.

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (SOUZA, 1983, p. 19).

O reflexo desta sociedade escravista, conforme nos sinaliza a autora, é uma sociedade multirracial e racista que classifica as pessoas de acordo com a proximidade dos padrões raciais das classes dominantes. Desta forma o tripé que sustenta nossa sociedade é o contínuo de cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial.

Ao falarmos da realidade brasileira em relação às questões étnico-raciais, temos que estabelecer também um paralelo entre cor e classe, pois:

[...] o Brasil pode ser descrito como uma sociedade onde as distinções de classe são marcadas e profundas, onde a classe e a cor podem se sobrepor, mas não coincidem, onde a classe social frequentemente prevalece sobre a cor (BERGHE, 2010, p.105).

É necessário que atentemos que além do preconceito racial há outro que se pauta na posição social do indivíduo, é o preconceito de classe social. Mais do que isso, temos que observar que um preconceito não anula o outro, pelo contrário, estes preconceitos se sobrepõem, e quanto maior o nível de pobreza, maior o sofrimento do/a negro/a.

Para compreender esta questão podemos analisar um ditado popular que diz que “o dinheiro embranquece”. Esta expressão tão recorrente nos permite compreender que o/a

negro/a não deixa de sofrer preconceitos ou de ser inferiorizado pela sua cor, mas quanto melhor as condições econômicas, mais dificuldades as pessoas tem em caracterizar um sujeito como negro. Neste sentido percebemos que é como se brancos fossem o modelo ideal, portadores de todas as qualidades e para o negro coubesse à aproximação dos valores da branquitude na busca pelo ser mais.

Compreender esta postura da pessoa negra, de almejar a aproximação de valores da branquitude é reconhecer as consequências negativas do eurocentrismo na construção identitária de negros e negras. São evidentes as consequências do eurocentrismo, no interior da prática social que este trabalho objetiva apresentar. A questão estética recebe influências de um padrão de beleza que não condiz com a pluralidade étnica da América Latina. Válido destacar que entendemos a questão estética como uma prática social e historicamente construída.

Pensar em aspectos estéticos, que envolvem a construção do corpo da mulher negra dentro desta sociedade que impõe valores brancos, faz parte de um contexto mais amplo, no qual outros valores também são impostos, onde, de um modo ou de outro, a negritude é negada, inferiorizada e desumanizada.

Por conta desta constante desvalorização da estética negra, concordamos com Sant'Ana (2005), que o negro vive em uma sociedade branca, criada e dominada pelos brancos e o racismo é a forma mais dolorosa de discriminação porque ao negro/a não há a possibilidade de mudar as características raciais que a natureza lhe deu.

Nas revistas, novelas, propagandas e tantas outras imagens trazidas pela mídia, a supervalorização e imposição estética eurocêntrica do corpo branco, pode estar acentuando uma ausência de identidade da cultura negra. Como as mulheres podem valorizar e afirmar a beleza negra, se os meios de comunicação, quase em sua totalidade, evocam a beleza da mulher europeia, branca e de cabelos impecavelmente lisos?

Afirmar a existência de um padrão estético instintivo ou natural faz parte de uma construção estética eurocêntrica que nos leva a ignorar a tradição, história, cultura e ancestralidade de diversos povos. E na questão da opressão sofrida por mulheres negras, podemos apontar a branquitude como reflexo do eurocentrismo.

[...] se estabelece, no Brasil, a branquitude como norma inquestionável, da mesma maneira que em outras sociedades que tentam se universalizar como brancas e, portanto, herdeiras do mundo ocidental europeu (SILVA, 2007, p.491).

Observando e analisando as manifestações racistas existentes nos mais diversos locais, percebemos que grande parte delas ofende e agride os atributos físicos, sobretudo o cabelo crespo das mulheres negras. A estética, conforme apontado por Gomes (2008) age como um fator político, definindo quem são os sujeitos e delimitando quais lugares devem ocupar. Sendo assim, ter cabelo crespo, num meio que cultua o “cabelo bom” (como comumente nomeado), faz com que o ideal imaginário logo seja o impecavelmente liso. Essa visão de beleza tem origem nas relações de dominação que se formaram e perpassam a sociedade atual.

No Brasil, país em que o preconceito racial é, a um só tempo, difuso e dissimulado, os traços físicos dos descendentes de africanos são sistematicamente desvalorizados. A expressão “cabelo ruim”, por exemplo, denota exatamente esse tipo de desqualificação (QUEIROZ e OTTA, 2000, p. 61).

O destaque feito para a questão do cabelo, neste trabalho, tem em vista a estreita relação que este estabelece com a cor da pele, pois vemos frequentemente que a classificação racial tem como base o cabelo do sujeito, principalmente da mulher negra.

Para uma melhor compreensão desta relação, Gomes (2002) evidencia em seu estudo os sentimentos do/a negro/a sobre o próprio corpo, articulando-os com experiências escolares e não escolares. A autora defende que o cabelo é um dos principais símbolos utilizados no processo de impressões e representações sobre o corpo negro e que este, desde a escravidão, tem sido utilizado como elemento definidor do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro. Mostra-nos ainda, que ao se inserir em círculos sociais fora do universo escolar, aumentam as tensões vividas pelos negros nas relações estabelecidas e o cabelo crespo entra como fator agravante para as tensões raciais.

A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos (GOMES, 2002, p.47).

Há o questionamento se o fato de tantas meninas e mulheres negras alisarem seus cabelos pode estar nos alertando para a alienação construída e imposta histórica e socialmente, que o/a negro/a tem do seu corpo, da sua cultura e da sua história. Deparamo-nos, a todo o momento, com crianças que com idade inferior a dez anos, fazem uso de

produtos químicos fortíssimos por conta de uma supervalorização da beleza branca e do cabelo liso.

O que se observa, pois, em nossa sociedade é que a cor da pele deixou de ser, em primeiro plano, a marca perceptível da aparência física utilizada pela pessoa que discrimina. O cabelo aparece então como uma característica física mais funcional para se discriminar racialmente. A explicação para isso seria o fato de que, no imaginário social, estereotipar e fazer comentários negativos acerca do cabelo parece não constituir uma forma descarada de racismo, diferentemente do que acontece com a cor da pele.

Faz-se importante destacar que não há a compreensão que a negritude se represente somente por meio do cabelo e esta investigação busca compreender em que medida o cabelo influencia na construção da identidade de mulheres negras. A mulher negra, assim como todas as mulheres, tem a opção de alisar, modificar ou manipular seu cabelo da forma como considera melhor, podendo ser apenas uma questão de praticidade, e isto não a faz mais ou menos negra uma vez que a questão da negritude está na consciência.

A problematização parte do significado e importância do cabelo crespo na mulher negra, e no fato de que ao invés de ser compreendido na sua forma de ser, este é muitas vezes, tomado como um problema. Os apelidos, frequentemente dado ao cabelo crespo, como “Bombril”, cabelo duro, e outras marcas pejorativas, são comuns, e muitas vezes tratados com indiferença, mas geram, principalmente na mulher negra, um mal estar e baixa autoestima.

A partir da perspectiva da psicologia, almejamos também, tecer neste estudo algumas considerações sobre autoimagem e autoestima, uma vez que consideramos que tais valores também são construídos e refletidos no interior de práticas sociais. Custódio et al. (2010), trazem que as representações que cada pessoa constrói acerca de si mesmo, permitem interpretar e dar significado às experiências vivenciadas, possibilitando a manutenção de uma imagem coerente de si próprio.

A construção de tais representações não ocorre num vácuo social sendo influenciada por diversos factores e contextos, nomeadamente o familiar e o grupo de pares. O autoconceito pode ser definido como o conjunto de percepções que as pessoas possuem acerca de si próprias (Shavelson & Bolus, 1982), assumindo um carácter fundamentalmente cognitivo (CUSTÓDIO et al, 2010, p. 1615).

Nesta direção também nos apoiamos em Queiroz e Otta (2000) que salientam que questões de beleza tem um significado tão grande para mulheres que a insatisfação de uma mulher neste

domínio pode ter impacto negativo sobre sua autoestima, o que molda suas ações dentro das diversas práticas que ela realiza cotidianamente.

O questionamento necessário a ser feito deve ir à direção da desconstrução de que para ser belo o cabelo tem que ser liso. A educação deve ser guiada para que a pessoa se valorize e goste da sua estética, independente de que forma pretenda usar seus crespos, e que, além disso, tenha acesso ao conhecimento de técnicas diferenciadas de manipulação do cabelo.

Mudar o cabelo, conforme enfatiza Gomes (2008), pode ter vários significados: desde a tentativa de sair do lugar de inferioridade imposto pelo racismo ou até mesmo a introjeção deste, um sentimento de autonomia expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo e a presença de um pertencimento negro positivo.

O que buscamos nas falas das mulheres negras colaboradoras foi compreender o porquê adotam cada uma das distintas formas de manipulação de seus cabelos e como isto interfere em seus cotidianos e na aceitação ou negação de sua negritude.

#### **1.4. Identidade étnica e a (des) valorização da beleza da mulher negra**

Quando nos propusemos a realizar um estudo que envolvia questões identitárias, um dos nossos desafios foi encontrar um conceito para o termo identidade. Gomes (2005, p.40), também utiliza desta discussão e alerta que houve uma popularização do termo, o que resultou num uso difuso, trivial, e irresponsável.

Não temos aqui uma definição do significado de identidade, mas para mostrarmos nosso entendimento e para evitar esta banalização do termo procuramos conhecer e compreender o uso deste termo por alguns autores renomados, para que a partir disto pudéssemos fazer um uso consciente.

Gomes (2005) traz que a reflexão sobre a construção identitária tem que se atrelar a questões mais amplas, enquanto processo que “possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social” (GOMES, 2005, p. 42).

Nosso entendimento de identidade parte também dos estudos de Hall (2004), que nos permite esta discussão a partir de esferas mais amplas. O autor nos mostra que é na pós-modernidade, com as discussões e o processo de globalização que surgem novas identidades promotoras de uma fragmentação do indivíduo, uma vez que se rompe com a concepção

individualista de sujeito e identidade no período iluminista e com a concepção de identidade se formando na interação com a sociedade, como defendia a sociologia.

O sujeito pós-moderno não se define com uma única identidade, pois segundo o autor, este assume identidades diferentes, em diferentes contextos. No dizer de Hall (200), o sujeito pós-moderno vive uma crise de identidade, construída e reconstruída, conforme os momentos e situações que lhe são postos. Mesmo direcionando nosso olhar para a construção da identidade em mulheres negras, reconhecemos que elas também não possuem uma única identidade, o que as tornaria um “eu uno”. Mulheres negras são então constituídas por identidades múltiplas que se modificam constantemente.

Na perspectiva de Munanga (2009), a identidade não é algo inerente ao homem, mas faz parte de uma construção, que nasce a partir da conquista de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, e que a consciência identitária não acontece da mesma forma, com todos os negros.

Neste estudo, a discussão sobre identidade negra não pretende se limitar a uma visão essencialista, na qual não se questiona a natureza do ser. Consideramos a identidade negra dentro de diversas práticas sociais, o que nos impossibilita considerá-la como uma identidade estática.

Conforme nos alerta Lucena e Lima (2009), há necessidade de nos apoiarmos em referenciais teóricos que entendem as realidades da identidade negra, como sendo historicamente determinadas e constantemente atualizadas nas práticas sociais, afastando-se portanto da discussão de uma visão monolítica da elaboração de “identidades negras”.

Povos inferiorizados lutam por políticas públicas de afirmação, como forma de construir suas identidades, sendo assim valorizados e sendo “dignos” de obter e gozar de todos os direitos sociais. Reis (2009), afirma que o povo negro foi por muito tempo privado de se expressar, e que é possível retomar suas identidades através de espaços para realização a do ser, da expressão de sua cultura, valores e costumes.

A forma de expressão da negritude, no vestir, no trançar o cabelo, no dançar (entre diversas outras expressões) contribuiu para manter a cultura afro-brasileira como expressão de resistência para que o negro e a negra reafirmassem seu pertencimento e sua identidade étnica (REIS, 2009, p. 4).

Há uma visão negativa que recai sobre a mulher negra e por esta razão, muitas vezes o caminho por elas adotado é de negação de suas negritudes. Porém, é necessário salientarmos que:

Este ideal desejado pelos/as negros/as é humanamente impossível de ser realizado. Esta impossibilidade física e histórica tem gerado consequências negativas poderosas na formação do pertencimento e da identidade étnico-raciais (NOGUEIRA, 2007, p. 44).

De acordo com esta autora a pessoa negra, neste contexto que a desvaloriza, impõe sua negação e começa a ter uma relação persecutória com o próprio corpo.

Os (as) negros (as) nem conseguem estabelecer uma identidade como os (as) brancos (as) e nem com o próprio grupo étnico-racial, do qual tem um sentimento de horror. No intuito de expurgar, negar, a marca, rejeita, e até pode violentar o próprio corpo, como por exemplo, fazendo plástica no nariz, alisando o cabelo, etc. (NOGUEIRA, 2007, p. 45).

O que vemos é que a identidade e o pertencimento étnico-racial estabelecem ligações com uma postura política e com o modo como as relações sociais e raciais se estabelecem em nosso país, merece destaque a questão estética.

Diante do exposto, pode-se inferir com base nos autores apresentados, que há pontos de convergência em relação ao entendimento e importância dada aos cabelos crespos e uma relação explícita entre estética e identidade negra. O cabelo faz-se então, um objeto de estudo relevante, por permear as relações raciais vivenciadas por mulheres negras.

A relação entre o corpo e a busca por identidade negra, é apresentada no estudo de Munanga (2009), quando indica que a alienação que o negro tem em relação à sua corporeidade é um dos problemas a ser discutido, compreendido e enfrentado. É a partir dessa perspectiva, que no decorrer da pesquisa, buscamos compreender como o cabelo crespo pode estar ou não contribuindo com a construção da identidade negra nas mulheres - seria o cabelo crespo uma forma de busca ou de negação da identidade da mulher negra?

Optamos pelo cabelo crespo como um dos possíveis atributos físicos que pode contribuir para a recuperação da identidade negra. Para se relacionar os cabelos com o pertencimento negro, há necessidade de aqui fazermos uma ressalva no entendimento que se tem da relação entre estética e identidade.

Munanga (2009) sinaliza que o discurso da negritude, como base da formação da identidade dos/as negros/as deve passar pela cultura, e também, pela sua cor de pele e pelo corpo, uma vez que a alienação do negro tem se realizado pela inferiorização de seu corpo, antes de atingir a mente, o espírito, a história e a cultura.

A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade (MUNANGA, 2009, p. 19).

Partimos do pressuposto de que identidades são construídas historicamente por meio de mediações que variam de acordo com as diferentes práticas sociais. Como o cabelo e cor da pele recebem forte significação em nossa sociedade, para estudá-los faz-se necessário considerar as diferentes formas de expressão corporal adotadas em diferentes práticas.

Gomes (2002) enfatiza que no caso dos negros/as, existem códigos na forma de manipular o cabelo que não poderão ser decodificados facilmente por aqueles que não fazem parte desse grupo étnico/racial ou não possuem a convivência necessária para tal. Há a consciência de que não devemos fazer juízos precipitados, afirmando que uma pessoa fortalece/abandona suas raízes negras ao usar determinado penteado.

Como apresentado anteriormente, este estudo trata de questões estéticas e identitárias em mulheres negras, focalizando o modo como estas se relacionam com seus cabelos. Para isso, buscamos fundamentar a investigação, em alguns autores que estudam a temática racial e as questões estéticas e identitárias.

Torna-se relevante nessa perspectiva, sinalizar o estudo de Paixão (2008, p. 5), quando afirma que “a experiência estética vivenciada pelos sujeitos está relacionada com uma política da imagem inserida num contexto de resistência identitária”. A autora indica que o cabelo é um fator importante a ser estudado na temática étnico-racial, uma vez que nos permite melhor compreender as dimensões inerentes à identidade negra.

A opção feita ao cabelo, também está embasada no estudo de Gomes (2002), onde a autora afirma que o cabelo é um dos principais símbolos utilizados no processo de impressões e representações sobre o corpo negro.

Mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro, e mais especificamente para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial (GOMES, 2002, p. 44).

A representação social feita ao cabelo da mulher branca como sendo “bom”, e da negra como sendo ruim, faz parte de um processo racista, e são conseqüentemente, aplicados aos sujeitos. Há então, conforme nos indica Gomes (2008), uma zona de tensão entre estética

negra e branca, sendo que esta última ainda é tomada como padrão de beleza a ser buscado e alcançado por mulheres negras e não negras.

O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária (GOMES, 2008, p. 33).

Nessa direção, o estudo de Paixão (2008), sinaliza que o processo de construção identitária, está imerso na experiência estética, há uma insubordinação de sentidos e o cabelo se torna símbolo de estigmatização e signo identitário de suporte simbólico de pertencimento a um grupo.

Necessário apontar também que, mulheres negras sofrem processo de opressão por dois fatores determinantes da sociedade - os que dizem respeito à questão de gênero e de raça, e conseqüentemente, são postas à margem da hierarquia social.

Conforme nos aponta Nunes (2010) pensar na relação entre raça e gênero significa lembrar não apenas a dupla opressão que vive a mulher negra, mas também as diferenças na estruturação do racismo quando se trata de um homem ou uma mulher. A autora nos alerta que as características raciais são sexualizadas, pois no imaginário social há a hipersexualização dos negros, mas que para a mulher isto significa uma segunda justificativa para a dominação, porque a ela é atribuída uma sexualidade exagerada que possibilita o olhar de objeto do desejo, independente da sua vontade. A mulher negra é duplamente alvo da dominação.

Outra questão importante apontada pela autora se refere às questões profissionais

No campo das relações de trabalho, podemos perceber o duplo peso opressivo que recai sobre as mulheres negras nas estatísticas apresentada pelo SEADE25: dentre a população economicamente ativa, 7,7% dos homens brancos estão desempregados; 11,6% dos homens negros; 12,4% das mulheres brancas; 18,6% das mulheres negras. A distância entre as dificuldades encontradas pelo homem branco e a mulher negra na busca de trabalho evidencia a justaposição de raça e gênero.

Objetivamos então frisar, que quando tratamos de questões étnico-raciais, os aspectos relativos a gênero são fundamentais para uma boa análise. Nosso trabalho focaliza a mulher negra, e apesar de vários autores que utilizaremos tratarem do racismo e de práticas

discriminatórias sem distinção de gênero, procuramos estabelecer recortes evidenciando a realidade do ser negro na perspectiva da mulher.

## Capítulo 2 - O percurso metodológico da pesquisa

---

Para passar-se de uma palavra ao seu significado, antes destrói-se-a em estilhaços, assim como o fogo de artifício é um objeto opaco até ser, no seu destino, um fulgor no ar e a própria morte. Na passagem de simples corpo a sentido de amor, o zangão tem o mesmo atingimento supremo: ele morre (Clarice Lispector em *A Descoberta do Mundo*).

Considerando que uma das características principais do trabalho científico é sua estrutura metodológica a partir de concepções epistemológicas do/a pesquisador/a, sua elucidação torna-se indispensável para a compreensão da elaboração de cada etapa do trabalho. A presente seção apresenta o desenvolvimento do percurso metodológico desta investigação e, para isso, esclarecemos nosso entendimento sobre pesquisa em Educação e posteriormente justificamos cada uma das escolhas. Após a apresentação das opções metodológicas descrevemos o processo de coleta, organização e análise de dados com o intuito de evidenciar que por meio dos procedimentos adotados e da colaboração de cada mulher negra, nos foi possível a construção deste estudo.

## **2.1. As alternativas e as escolhas do caminho**

Para a realização da pesquisa, tornou-se primordial traçarmos um caminho, um método que nos permitisse o contato com o fenômeno estudado - a construção identitária em mulheres negras, a partir de questões estéticas e da relação delas com o cabelo crespo. Em muitas pesquisas, o percurso metodológico nem sempre se faz presente ou é muito pouco explicitado e nos fica a impressão de que o material utilizado para a produção de conhecimento é um instrumento que se mantém numa reserva, aguardando o uso.

No decorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa, percebemos que o caminho metodológico foi uma fase em que dispendemos considerável tempo e esforço e que foi primordial para que a pesquisa se consolidasse nos permitindo a construção desta dissertação.

As escolhas metodológicas fizeram parte de um processo de certa forma custoso, marcado por constantes (re)formulações de escolhas. Nosso ponto de partida foi o entendimento de que essas escolhas devem fundamentar-se a partir do problema a ser pesquisado e do objetivo do/a pesquisador/a. Concordamos com Gamboa (2007), quando indica que o método é o modo pelo qual o pesquisador se aproxima do objeto, construindo seu quadro de referencial na pesquisa, e que por ser o caminho em direção ao conhecimento, vincula-se à concepção de realidade que se tem.

Deste modo, antes de delimitarmos a metodologia de pesquisa, algumas questões importantes foram retomadas. Primeiramente, não era parte dos nossos objetivos buscar um método capaz de obter conhecimentos exatos e universais, mediado pela objetividade. O fato de ser uma mulher negra, com uma trajetória de vida marcada por questões estéticas atuando

na construção identitária, nos impossibilitava da total separação da subjetividade da pesquisadora e da objetividade da pesquisa.

Compartilhamos com a posição de Maturana e Varela (1995) de que não há viabilidade no conhecimento “objetivo” de fenômenos (sociais), nos quais há o envolvimento daquele que descreve o fenômeno, uma vez que todo conhecer é uma ação da parte daquele que conhece e todo conhecer depende da estrutura daquele que conhece.

O produzir do mundo é o cerne pulsante do conhecimento, e está associado às raízes mais profundas de nosso ser cognitivo, por mais sólida que nos pareça nossa experiência. [...] O fenômeno do conhecer é um todo integrado, e todos os seus aspectos estão fundados sobre a mesma base (da experiência e percepção individual do ponto de vista de cada um) (MATURANA e VARELA, 1995, p. 61).

O que almejamos destacar é esta proximidade entre aquele que estuda e o objeto a ser estudado uma vez que pretendemos deixar transparecer a interferência da subjetividade e a mediação com aspectos pessoais nas várias etapas da pesquisa.

Um segundo alvo de nossas atenções se refere às mulheres que contribuíram na construção desta pesquisa. O uso do verbo colaborar e do adjetivo colaboradoras, sempre associado a estas mulheres, é reflexo de um posicionamento por nós adotado, no qual reconhecíamos o valor de cada uma delas, que mesmo com suas atribuições e preocupações diárias, nos recebiam com prontidão, interesse e dedicação para nos auxiliar com o que fosse necessário.

A questão racial, muitas vezes é silenciada na vida de negros e não negros. Este processo fica mais evidente quando pensamos neste silenciamento por parte de quem sofreu e/ou sofre situações de racismo e outras formas de discriminações, pois falar sobre essas experiências é relembrar o que passou e pode ser um modo de reviver e ressentir uma dor.

Cada vez que uma mulher se dispunha a contar para nós sua experiência e percepções sobre o ser negra, sabíamos que poderíamos com isto despertar inúmeros sentimentos, inclusive os dolorosos. Por isso, prezamos por uma postura humana e dialógica em nossa pesquisa.

Nosso trabalho se fundamenta também e principalmente, a partir de relatos fornecidos por estas mulheres. Algumas das histórias contadas eram assuntos escondidos ou guardados em baús da memória, de onde elas nem esperavam ter mais que expô-las. Precisávamos evidenciar que a pesquisa tinha comprometimento e que cada uma daquelas mulheres poderia nos confiar suas histórias e vivências.

Oliveira (2009) nos orienta que uma das formas de obter maior confiabilidade na pesquisa, é por meio da convivência, que é quando as pessoas se permitem colocar de forma clara e franca. Infelizmente, o tempo do curso de mestrado não nos permite um convívio intenso no sentido de se relacionar com as pessoas diariamente, porém, dentro do que nos cabia, buscamos conviver na perspectiva de coexistir nos espaços da pesquisa de forma a perceber e valorizar a existência do outro com quem conversávamos, e apesar do pouco tempo que “convivemos” com estas mulheres, a aproximação que conseguimos foi muito positiva e valiosa.

A questão do diálogo também se faz necessária nesta discussão. Diálogo na perspectiva freiriana consiste no encontro entre pessoas gerando troca, construção e reconstrução de conhecimento, uma relação solidária entre sujeitos que não acontece na opressão, e sim na barganha de cultura, de saberes, de experiências sempre objetivando a transformação do mundo em que vivemos e o combate às relações de opressão a que constantemente estamos sujeitos.

Concordamos com Luca (2012), que o diálogo possibilita um desvelamento que não tem limite final ou ponto de chegada, uma vez que a vida está em constante transformação.

Desvendar-se e desvelar o Outro, num eterno entrelaçar de significados. Dialogando expomos nossa essência e ganhamos mais consciência de nós mesmos, de nossas fragilidades e fortalezas, virtudes e limitações, o que queremos e com o que não concordamos, encontrando nosso lugar na sociedade, que nada mais é do que a expressão da nossa identidade [...] são sempre o resultado de um movimento constante de avaliação e reavaliação da nossa postura perante o mundo (LUCA, 2012, p. 591).

O que buscamos foi estabelecer uma relação dialógica com cada sujeito que colaborou com a construção de nosso trabalho. Pesquisávamos com eles e nunca sobre eles, pois reconhecíamos suas histórias, suas subjetividades e nos preocupávamos em resguardar suas posições enquanto sujeitos que atuam e modificam a realidade em que vivem - pesquisávamos pessoas e não objetos.

Procuramos a partir destas questões, compreender uma das práticas sociais na qual ocorre a construção identitária em mulheres negras e nas conversas com elas buscar que percebessem sua importância na elaboração do conhecimento científico.

Somos conscientes de que esta pesquisa nada seria sem a participação de cada uma dessas pessoas, a cada etapa de participação nos preocupamos com o retorno, com o permitir

que cada colaboradora tivesse acesso às suas falas, podendo modificar aquilo que não havia ficado suficientemente claro.

## **2.2. Abordagem qualitativa e as técnicas de coleta de dados**

Tendo em vista o anteriormente exposto, para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste trabalho, a opção da natureza de pesquisa que consideramos como mais adequada foi a qualitativa, que conforme nos aponta Gamboa (2007), são pesquisas que rejeitam a possibilidade de descoberta das leis sociais, preocupando-se com a compreensão ou interpretação do fenômeno social baseado na perspectiva dos autores, considerando também os aspectos subjetivos.

Pesquisas desenvolvidas neste viés metodológico atentam para as compreensões de um dado social e rejeitam o pressuposto que legitima um modelo único de pesquisar todas as ciências, pois reconhecemos a especificidade das ciências sociais que pressupõem a necessidade uma metodologia específica para cada pesquisa.

Ao vincularmos esta pesquisa na opção qualitativa, estamos revelando que o estudo busca compreender o porquê de um fenômeno social específico, sem necessariamente quantificar valores para encontrar resultados. Minayo (1996, p. 22), ao diferenciar a abordagem qualitativa da quantitativa aponta que:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística, apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Na opção metodológica adotada neste estudo somos sujeito e objeto de nossa pesquisa e, nesse sentido, não objetivamos o empirismo ou a dedução e sim a descrição do fenômeno, valorizando aspectos da subjetividade. Outra característica das pesquisas qualitativas é que elas são multimetodológicas, possibilitando opções de métodos e instrumentos de coleta de dados.

A seguir apresentamos nossas escolhas instrumentais para a realização desta investigação: a observação registrada em diários de campo, as entrevistas gravadas e transcritas e a roda de conversa.

A observação teve grande valia, pois permitiu compreender um pouco mais as mulheres que colaboraram com o estudo, possibilitando-nos uma maior aproximação com a realidade observada, com o discurso verbal e o não verbal e que tiveram igual importância na coleta de dados.

Esta técnica metodológica nos permitiu a obtenção de informações explícitas e/ou implícitas na prática que observávamos. Conforme nos esclarecem Queiroz et al. (2007) a cientificidade da observação surge quando esta passa por processos de sistematização, planejamento e controle da objetividade. As autoras nos mostram que ao executar esta ação com finalidades científicas, o/a pesquisador/ além de olhar os acontecimentos, observa a partir de um olhar direcionado alguns acontecimentos específicos, o que contribui para a obtenção de informação na ocorrência espontânea do fato. As autoras continuam explicando que:

Não se trata apenas de ver, mas de examinar. Sendo assim, pode-se dizer que a observação é tão ampla e abrangente que, de uma forma ou de outra, utiliza todos os procedimentos de pesquisa. A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, principalmente com enfoque qualitativo, porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa (QUEIROZ et al., 2007, p. 277).

A observação nesta pesquisa teve papel fundamental, pois foi por meio do olhar atento e de registros em diários de campo que nos foi possível perceber as peculiaridades dos espaços e as singularidades de cada colaboradora.

As observações foram registradas em Diários de Campo (D.C.), instrumentos que potencializaram a coleta de dados, uma vez que neles foram elaboradas descrições e reflexões de elementos que nem sempre as conversas evidenciavam – gestos, olhares, silêncios, risos. De acordo com Whitaker (2002), o diário de campo, mais do que apenas guardar informações, pode conter reflexões cotidianas que, quando relidas teoricamente, são portadoras de avanços, tanto no âmbito da intervenção quanto da teoria.

Concordamos com Costa (2002) que o D. C. é mais do que um registro de fatos ocorridos e que sua validade tem relação com o olhar atento do pesquisador para captar detalhes do trabalho de campo, auxiliando-o na memória do/a pesquisador/a para que haja uma análise aprofundada das informações. Para este autor, “é perfeitamente possível atribuir ao diário de campo a possibilidade de realizar em profundidade (para um investigador e os sujeitos da pesquisa) a dialética do encontro de subjetividades.” (COSTA, 2002, p. 157).

Nesta pesquisa, o diário de campo teve dupla finalidade. Em um primeiro momento, contribuiu para que compreendêssemos a realidade do salão de beleza no qual a pesquisa teve início. Ao entrarmos no espaço buscávamos “fotografar” mentalmente o que víamos e registrar as imagens obtidas por meio de palavras; cada espaço, cada acontecimento do salão, cada detalhe, passava interiormente por um “filtro de subjetividade”, e era por nós “fotografado” e registrado em papel de acordo com o que considerávamos mais relevante.

Em um segundo momento, os D.C. surgiram como complemento às conversas individuais e à roda de conversa. As falas eram gravadas e transcritas, mas além das palavras ditas, outros aspectos necessitavam de registro para que as conversas pudessem ser (re)significadas. Registrávamos nos D.C. os risos de alegria e de desespero, os silêncios que muito diziam, as tristezas que os olhares refletiam quando a pauta era racismo vivenciados.

Esse instrumento metodológico nos permitiu anotar nossas impressões, registrar o convívio com as mulheres entrevistadas, o que nos facilitou a reedificação de suas histórias de vida, pois nos oportunizou o exercício da memória nas anotações que fazíamos após cada conversa. Por isso acreditamos que o uso dos Diários de Campo foi um possibilitador de encontro de subjetividades. Acreditamos que os registros garantem às pesquisas um caráter único, pois a situação vivenciada pode ser a mesma, mas os registros partem do nosso momento enquanto pessoa e enquanto pesquisador/a.

A técnica de entrevistas também fez parte de nossas escolhas metodológicas. A vantagem deste tipo de instrumento metodológico é que nosso papel foi o de introduzir o tema e cada mulher tinha a liberdade para discorrer da forma que lhe fosse melhor. Nossas perguntas eram respondidas em uma conversa informal e com isso pudemos explorar mais amplamente a questão de pesquisa.

As entrevistas possibilitaram o conhecimento e reflexão sobre a trajetória de vida das mulheres. Vale destacar que não utilizamos de roteiros rígidos de perguntas, o que nos garantia a espontaneidade das falas.

Nosso primeiro passo foi o contato com as mulheres. Apresentamos a pesquisa, conversamos sobre o que pretendíamos e mostramos como elas poderiam nos auxiliar. Todas as mulheres com quem estabelecemos esta primeira conversa aceitaram com prontidão participar, o que nos foi bastante favorável e ao que somos muito gratas.

Em um segundo momento, agendamos encontros individuais com cada uma das mulheres. Os locais variavam de acordo com a disponibilidade e praticidade para cada uma delas. Nesta segunda conversa, relembramos os objetivos do estudo e, a partir disto, pedíamos que elas nos contassem suas histórias de vida e como se relacionaram com seus cabelos e suas

identidades enquanto mulher negra. Conforme o que iam contando, intervínhamos - quando necessário - com questões de aprofundamento, sempre buscando conduzir a conversa para atender nossa questão de pesquisa: De que forma o cabelo marca a construção identitária em mulheres negras?

A adoção desta metodologia nos foi de grande valia, pois conseguimos conduzir a conversa para onde acreditávamos que a pesquisa deveria seguir, e ao mesmo tempo, permitíamos que cada mulher conduzisse a conversa para o que era primordial para ela.

A roda de conversa foi nossa última etapa da coleta de dados e teve papel primordial para a construção deste trabalho. Desde nossa primeira conversa com as mulheres, explicávamos que pretendíamos realizar um encontro final, com todas reunidas em um mesmo espaço, de forma a possibilitar uma troca de experiências e um debate sobre a questão de nossa pesquisa.

A metodologia das rodas de conversa é participativa e possibilita ao/a pesquisador/a o contato com diferentes contextos de diálogo sobre um assunto específico. De acordo com Silva e Bernardes (2007)

[...] é um meio profícuo de coletar informações, esclarecer ideias e posições, discutir temas emergentes e/ou polêmicos. Caracteriza-se como uma oportunidade de aprendizagem e de exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas. A conversa desenvolve-se num clima de informalidade, criando possibilidades de elaborações provocadas por falas e indagações (p. 54).

Partindo deste conceito apresentado pelas autoras, buscamos, na roda de conversa, que as elaborações de fala de cada mulher participante fossem estimuladas. Para isso, elaboramos um guia norteador, a partir de falas mais recorrentes que surgiram das conversas individuais e a partir da leitura dessas falas (sem identificar a autoria), solicitamos que complementassem com o que achassem válido. Esta opção metodológica nos possibilitou sucesso, pois a conversa fluiu bem e nos permitiu complementar vários dados anteriormente coletados.

Após termos a apresentação e conceituado de nossas escolhas, detalhamos as etapas da pesquisa para que o/a leitor/a possa compreender melhor os resultados da análise.

### 2. 3. Nossos passos

Enquanto desenvolvíamos o projeto e pensávamos como realizaríamos a coleta dos dados, reconhecemos múltiplas vantagens em realizar a pesquisa em um salão étnico, voltado principalmente para a beleza da mulher negra. Em uma sociedade onde os valores da branquitude estão presentes também nas questões estéticas, um salão que se preocupa e volta suas atenções para a mulher negra e para a manipulação do cabelo crespo, surge como um espaço político, um espaço de construção identitária.

[...] espaços que podem ao mesmo tempo ser considerados públicos, uma vez que são um empreendimento mercantil, constituem uma empresa e praticam algum tipo de publicidade, e locais alternativos para a construção de um outro padrão de beleza, já que os discursos e imagens ali contidos são reproduzidos na direção de uma reafirmação substancialmente étnica (SANTOS, 2000, p. 2).

Partindo destas reflexões, nosso passo inicial foi conversar com mulheres negras, estudantes e professoras do programa de pós-graduação, que manipulavam seus cabelos nestes espaços, para listar os salões existentes na cidade. Nosso conhecimento sobre salões étnicos ainda era muito limitado, sabíamos que a cidade possuía alguns espaços de intervenção estética no corpo negro, mas não sabíamos os nomes nem as localidades dos estabelecimentos.

Nesse primeiro levantamento, alguns nomes de profissionais foram sendo apontados por estas mulheres, mas foi ao salão Raízes Black Power que as indicações foram mais recorrentes. Alunas e professores/as nos indicavam o salão como um espaço adequado e benéfico para a realização da pesquisa, muitos conheciam o Silas<sup>12</sup>, proprietário do salão, e nos apontavam qualidades positivas que nos fizeram escolher este espaço.

Mas a decisão não era só nossa, por ser um espaço de trabalho no qual outros compromissos são desenvolvidos diariamente, precisaríamos averiguar se haveria disponibilidade e interesse do profissional em ceder parte do seu tempo para contribuir com a pesquisa. Assim sendo, realizamos o contato com o responsável pelo salão e apresentamos nossa intenção, e juntos, analisamos a possibilidade de realizarmos inserções no espaço.

Ao explicar a temática e apresentar a questão de pesquisa, facilmente foi possível demonstrar porque este salão seria um espaço propício à realização do estudo. Em nossa

---

<sup>12</sup> Os nomes originais dos/as colaboradores/as da pesquisa foram mantidos por opção de cada um deles/as. Todos preferiram que seus nomes fossem divulgados, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

conversa inicial, Silas se mostrou bastante curioso e interessado em compreender os objetivos e prontamente dispôs de seu tempo e de seu espaço de trabalho para realizarmos nossas inserções. O fato de Silas disponibilizar seu tempo e abrir as portas do salão nos foi bastante confortante. Nesse primeiro momento, percebemos que havia nele o interesse em participar e o fato de ter em meio aos seus clientes docentes e discentes da UFSCar, acredito que o deixou mais seguro de nossa presença. Foi nesta etapa que sentimos nossa pesquisa dando passos maiores.

Apresentamos os procedimentos metodológicos que pretendíamos utilizar e explicamos que necessitaríamos de quatro mulheres negras com disponibilidade para colaborar. Para a seleção das quatro mulheres, explicamos que adotariamos como critério a forma distinta com que manipulavam seus cabelos. Assim sendo, nossa aspiração era conversar com mulheres de cabelo alisado, trançado, cabelo natural ou Black Power e uma mulher que fizesse uso de dreads.

Silas achou a ideia de diversificar as formas de manipulação adotadas por essas mulheres interessante, porém apontou-nos que talvez teríamos dificuldade em encontrar algumas daquelas formas de manipulação, pois não eram tão comuns. Nesta conversa, ele fez sugestão de algumas mulheres que acreditava que teriam contribuições valiosas para a pesquisa. Neste encontro e no segundo que realizamos para continuar conversando conseguimos elaborar uma lista de contato com algumas mulheres que poderiam colaborar.

A descrição detalhada que estamos fazendo sobre as conversas iniciais com Silas recebem tanto destaque porque acreditamos que esta etapa inicial foi primordial para todo o andamento da pesquisa de campo. Reconhecemos e valorizamos toda disponibilidade, atenção e cuidado que o proprietário do salão teve conosco.

Ainda nessa fase inicial das inserções, voltamos nossas atenções à frequência com que as mulheres iam ao salão e poucas eram as que frequentavam semanalmente. A partir desta observação, cogitamos a impossibilidade de realizar a pesquisa somente dentro daquele espaço, já que pretendíamos fazer mais do que uma conversa com cada mulher e nosso tempo não nos permitia esperar seus retornos ao salão. Assim sendo, ainda em conversa com Silas, pensamos em usar o espaço do salão para fazer esta seleção de mulheres e utilizar outros espaços que fossem mais convenientes a cada uma delas para realizar as conversas individuais.

Concordamos que a melhor opção era Silas estabelecer o primeiro contato com cada uma das mulheres que havia me indicado, contando brevemente sobre a pesquisa, para que posteriormente eu pudesse entrar em contato com elas para agendar a primeira conversa.

Começamos a pensar juntos, na melhor forma de eu me aproximar destas mulheres. Concordamos que o primeiro contato deveria ser feito por ele, que combinou comigo que ligaria para cada uma das mulheres (com exceção da que trabalha no salão, que ele disse que eu poderia conversar com ela ali mesmo), contando para elas sobre minha pesquisa e pedindo autorização para que ele passasse para mim seus contatos, para que eu mesma pudesse em um segundo momento ligar e agendar conversas com cada uma delas (Diário de Campo – 26 de março de 2013).

As inserções dentro do salão étnico se constituem como etapa inicial da pesquisa de campo. Foi a partir de vivências neste espaço que algumas ideias surgiram e outras se modificaram e em contato com algumas possíveis colaboradoras da pesquisa, aos poucos, pudemos ir formulando melhor nossas opções metodológicas.

Silas indicou primeiramente Jéssica, uma das funcionárias do salão. Acatamos a sugestão, tendo em vista que teríamos a possibilidade de convívio e de conversas, com uma mulher, negra, e que lida diariamente com questões da estética negra. As conversas com Jéssica ocorreram no salão e isto nos possibilitou certa familiaridade com o espaço do salão étnico e uma melhor compreensão sobre as formas de manipulação do cabelo crespo.

A segunda indicação de Silas foi Irene e Dandara, mãe e filha negras, frequentadoras do salão. As conversas com essas duas mulheres foram em suas casas, um espaço onde o acolhimento não poderia ter sido melhor.

As outras duas mulheres colaboradoras não foram indicações do Silas e sim pessoas com quem eu tive contato ao longo da pesquisa e que considerei pertinente realizar a pesquisa. Tanto com Monalisa quanto com Thullany as conversas aconteceram no espaço da Universidade.

Com os contatos realizados, a próxima etapa foi a conversa com as mulheres. As conversas não seguiam roteiros pré-estabelecidos, conforme explicamos anteriormente. Nosso procedimento era apresentar o trabalho sempre deixando claro o que objetivávamos com a pesquisa. A partir desta exposição de nossos objetivos e metodologias, buscávamos mostrar para cada uma das mulheres como elas poderiam contribuir. Neste momento, também conversávamos e entregávamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver Anexo 1) para que elas ficassem mais seguras quanto à sua participação.

Conforme apontamos anteriormente, não utilizamos roteiros pré-estabelecidos para as conversas, e esta metodologia mais “livre”, nos coube muito bem e foi ideal para a nossa

proposta. Apenas introduzíamos o assunto e a conversa fluía de modo natural e apenas quando percebíamos que o assunto desviava de nossa questão central, interferíamos de modo a voltar ao foco da conversa.

Com Irene e Dandara a conversa foi realizada sem interferências, por estarmos dentro da casa delas. A conversa não tinha interrupção e também por este motivo elas se mostraram a vontade para falar de forma espontânea, deixando o sentimento transparecer quando necessário.

Com Jéssica, a conversa foi mais turbulenta, pois o espaço do salão tinha muito movimento, éramos interrompidas constantemente e percebemos que em alguns momentos as emoções de Jéssica eram “abafadas”, por estar em seu espaço de trabalho. Além do mais, o espaço, por conta do secador e das conversas, tinha bastante barulho e os ruídos tornaram as transcrições mais penosas.

Com Monalisa e Thulany, apesar de realizarmos a conversa em locais públicos, tivemos bastante êxito, não fomos interrompidas e elas demonstraram desenvoltura em nossas conversas.

Algumas conversas eram mais rápidas, Monalisa e Dandara eram bastante sucintas nas respostas e as outras duravam um pouco mais. Não nos preocupávamos com o tempo, desde que não atrapalhasse os compromissos das mulheres colaboradoras. Buscamos não estabelecer um tempo ideal para cada encontro, tomávamos as decisões de tempo conforme a conversa acontecia.

A experiência de pesquisadora iniciante trouxe alguns medos e inseguranças. Anteriormente a cada encontro sentia uma ansiedade muito grande, principalmente nas primeiras conversas com cada uma das mulheres. Mas, a disposição que elas tiveram em colaborar com o estudo, e todo o respeito e dedicação foram aos poucos nos permitindo mais confiança, oportunizando deste modo que guiássemos a conversa de modo satisfatório.

A roda de conversa também trouxe alguns receios, pois havíamos conquistado alguma prática com as conversas individuais, mas uma conversa coletiva demandava outra postura. Todo o receio foi superado assim que as mulheres se encontraram para o café da tarde que tivemos antes de nossa conversa, foi um momento muito agradável e rico e que trouxe contribuições valiosas.

As mulheres pareciam se identificar, não houve mal estar, nem timidez, conforme iam se conhecendo, conversavam como se o fato de serem mulheres negras já as tornassem de alguma forma mais próximas. Vale destacar que, como esta conversa era mais complexa,

contamos com a ajuda de uma pessoa próxima, que nos auxiliou com a gravação e com anotações.

Após esta apresentação dos passos da pesquisa, apresentamos os sujeitos colaboradores, para que o/a leitor/a possa compreender a fala, sabendo brevemente de quem estamos falando.

#### 2.4. Silas e o salão Raízes Black Power

Conforme já apontamos anteriormente, parte desta pesquisa de campo aconteceu no salão Raízes Black Power (RBP) onde contamos com a colaboração do proprietário Silas. Válido destacar que Silas é uma pessoa de importância inegável na construção deste estudo, pois é ele que nos “abre” alguns caminhos e nos permite acesso à boa parte das mulheres colaboradoras.

Sobre ele é válido destacarmos que é um homem negro, preocupado com a estética de seus clientes e também com a sua própria. Sempre vestido de forma elegante e com postura educada, Silas nos cativou. Com uma história de vida marcada por momentos tristes e com estratégias de superação, ele nos mostra que é um vencedor.



Imagem1: Silas, proprietário do salão (Fonte: Pesquisadora, 2013)



Imagem2: Salão Raízes Black Power (Fonte: Pesquisadora, 2013)

[...] disse que sua história de vida é marcada por muitas dificuldades, e que constantemente ele pensa que deveria escrever sobre as coisas que passou, que sofreu e que superou. Silas não se envergonha de ter um passado não tão feliz, e pelo contrário, se orgulha por ter superado cada uma das dificuldades de sua vida e de ter chegado onde está (Diário de Campo – 23/03/2013).

Em entrevista, Silas nos contou que atua na profissão há 20 anos e diz que sua capacidade em lidar com cabelos crespos é um dom de Deus. Quando perguntamos de onde vem sua competência no trabalho ele nos mostra que a vida o fez perceber a necessidade de profissionais voltados para a beleza negra.

[...] na verdade, a técnica de quem tem cabelo afro a gente aprende com as circunstâncias da vida. A gente passa humilhação, as pessoas olham com diferença pro nosso cabelo, nossa pele. Principalmente pessoa de pele clara não dá muito interesse no nosso cabelo, que é um cabelo diferenciado, que precisa de cuidados diferentes (Silas).



Imagem 3: Sala de atendimento do profissional Silas (Fonte: Pesquisadora, 2013)

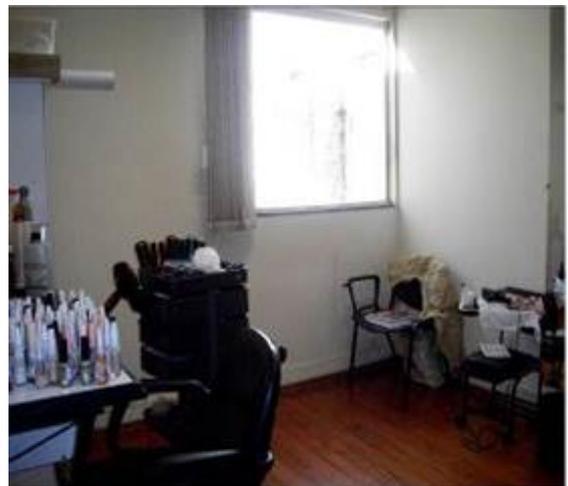


Imagem 4: Sala de atendimento da profissional Jéssica (Fonte: Pesquisadora, 2013)

Silas tem posturas bastante firmes, também no que se refere às formas de manipulação do cabelo crespo e não é favorável à técnica de alisamento em mulheres negras.

Olha, eu acho que as mulheres negras não devem alisar o cabelo, sim fazer um relaxamento, assim pra ficar mais prático pra cuidar no dia a dia. Por que o cabelo afro ele é muito difícil de cuidar, então se você não faz nada ele se torna muito difícil e às vezes as pessoas se

incomodam na maneira do crescimento dele, ele arma, cresce pra cima. Então eu acho que, na minha opinião, as negras não deviam alisar e nem colocar cabelo liso. Sou a favor de cabelo natural, de soltar mesmo, fazer um penteado afro, eu sou a favor (Silas).

Apesar de manter esses ideais, Silas nos conta que suas duas filhas usam o cabelo alisado, mas que acredita que com a maturidade elas irão deixar seus cabelos naturais como forma de afirmar sua negritude.

Como profissional, ele mostra que sua atuação vai além da manipulação do cabelo crespo, nos conta que muitas de suas clientes tem baixa autoestima e que o salão é um dos lugares de debate e discussão sobre a questão racial.

Nossa, pra mim é maravilhoso, por que eu nunca tive essa visão, então a partir do momento que eu comecei a trabalhar com cabelo afro, mudou totalmente minha vida, minha visão, minha maneira de ver, de pensar (Silas).

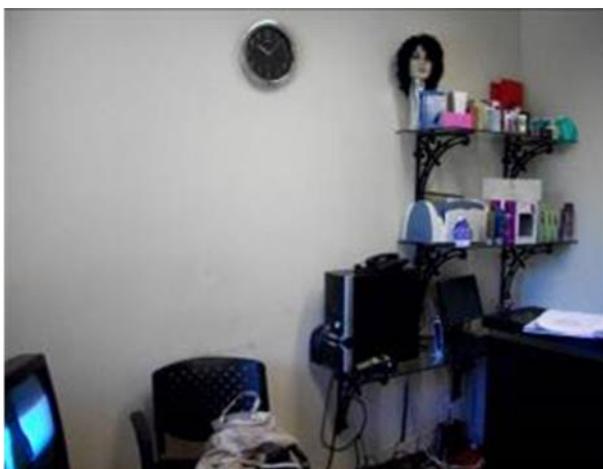


Imagem 5: Sala de espera do salão. (Fonte: Pesquisadora, 2013)



Imagem 6: Cartaz de divulgação de uma das marcas utilizadas no salão (Fonte: Pesquisadora, 2013).

O primeiro fator que chama a atenção ao entrar no salão são os funcionários, Silas (proprietário e cabeleireiro), Jéssica (cabeleireira) e uma segunda mulher (receptionista e cabeleireira), todos negros.

Vale ressaltar que nos salões que costumava frequentar, a presença de funcionários/as negros/as era muito baixa e na maioria das vezes ocupavam funções de limpeza e/ou de organização do salão. Ser mulher negra em um salão predominantemente branco causa

algumas inseguranças, pois tendemos a pensar que ninguém melhor para entender e cuidar de um cabelo crespo como alguém que possui um cabelo com características semelhantes.

Silas nos relatou que São Carlos, pela quantidade de habitantes negros, se preocupa muito pouco com a estética negra e que são poucos os salões com técnicas especializadas. Conforme conversamos com as mulheres colaboradoras, a fala de Irene elucida esta questão, pois ela aponta como são poucos os salões que voltam sua atenção para a beleza da mulher negra e conta uma experiência mal sucedida de cortar cabelo em um salão não étnico.

Mas teve uma época que tava difícil pra arrumar alguém que cortasse black power. Porque branco, não sabe cortar black power. Por que o cabelo de branco eles puxam e passam a tesoura, o nosso não tem que cortando com ele pra cima, usa o garfo e vai cortando, ajeitando ele. Tem que ter uma paciência muito grande. Uma vez fui cortar no fulano<sup>13</sup>, ele cortou meu cabelo igual corta cabelo de branco. Você tem que ver os buracos que ficaram (Irene).



Imagem 7: Entrada do salão. (Fonte: Pesquisadora, 2013)



Imagem 8: Escadaria de entrada do salão. (Fonte: Pesquisadora, 2013)

O destaque que fazemos a esta fala é para chamar a atenção que os cuidados do cabelo crespo necessitam de conhecimento e práticas específicas. Para atender mulheres e homens negros é necessária uma postura profissional que reconheça e valorize o cabelo crespo. No salão RBP, nos fica nítido que esta postura é muito presente, pois os profissionais respeitam suas clientes e auxiliam na elevação da autoestima de mulheres negras.

<sup>13</sup> Nome do cabeleireiro foi preservado por questões éticas.

Além de funcionários/as negros/as, outra característica do salão que nos chamou a atenção foi as fotos de mulheres negras nos cartazes de divulgação de produtos cosméticos. O cartaz de divulgação de um dos produtos que o salão utiliza tem uma modelo negra, conforme podemos observar na Imagem 6. Se observarmos em perfumarias e outros estabelecimentos que trabalham com produtos cosméticos, as modelos negras são muito pouco recorrentes e nos fica a impressão que tinturas, xampus e condicionadores não são feitos também para mulheres negras. Encontrar no salão mulheres negras como garotas-propaganda destes produtos permite-nos identificação e valorização da beleza de mulheres afrodescendentes. É uma forma de mostrar a mulheres e homens negros que existem empresas de cosméticos que valorizam a estética negra, e mais do que isso, desenvolvem produtos específicos para atender às necessidades do cabelo crespo.

Outra característica do salão que achamos válido destacar é relacionada com seu espaço físico. A sala de espera (imagem 5) e as duas salas dos profissionais Silas e Jéssica (imagem 3 e 4) ficam bastante próximas. Em sua atuação profissional, todos os funcionários mantêm uma boa relação e durante todo o dia ficam todos bastante próximos, o que garante para o salão um clima agradável.

Também é possível observar este clima na relação do profissional com seus/suas clientes. Todos os funcionários parecem conhecer a maioria das pessoas que entram no salão, talvez por ser um dos poucos da cidade voltado para a beleza negra, os clientes são fiéis e mostram muito carinho e respeito pelos cabeleireiros que ali atuam.

Com algumas inserções no salão, também me senti familiarizada com os que ali atuavam, pois todos/as são muito preocupados em fazer com que quem visite o salão se sinta bem.

## **2.5. E elas, quem são?**

Para a construção desta pesquisa, houve colaboração de cinco mulheres negras, sendo três frequentadoras do salão Raízes Black Power e duas estudantes da UFSCar. A escolha destas mulheres, conforme apresentamos, teve colaboração do profissional e proprietário do salão RBP, Silas. Os critérios estabelecidos foram: ser mulher, ser negra, ter formas distintas de manipulação do cabelo e disponibilidade e interesse em colaborar com a pesquisa.

Apesar de atender a esses critérios e de colaborarem com o trabalho, as singularidades dessas mulheres são um entendimento necessário para que possamos compreender e interpretar suas falas.

Para esta caracterização partimos da questão inicial que foi feita a cada uma delas na entrevista: “Fale-me um pouco sobre quem é você”, e de algumas percepções que tivemos no contato e nas conversas que com elas estabelecíamos.

### **2.5.1. Irene**

Irene é viúva, tem duas filhas e é aposentada. Perdeu o pai ainda jovem, e perdeu a mãe recentemente. Quando lhe perguntamos quem é Irene, nos responde com prontidão:

Como explicar quem é Irene? Ah... A Irene é uma pessoa muito feliz, ah eu sou sabe? Sou muito feliz mesmo, por que graças a Deus na minha vida, eu já sofri muito, mas a gente sempre tem o apoio da família (Irene).

A princípio não tínhamos uma compreensão exata do que significava essa fala, mas com algumas horas de conversa, tendo a possibilidade de conhecer um pouco sua história de vida e de compartilhar suas tristezas e os obstáculos que já superou, concordamos com Irene que esta é uma ótima forma de apresentá-la: uma mulher que apesar de tudo que passou, carrega sempre um sorriso no rosto e uma alegria contagiante.

Irene desde criança utiliza o cabelo da forma como estava no período da pesquisa, cabelo Black Power. Quando perguntamos sobre essa escolha, ela afirma que é o penteado mais prático, mas em nosso capítulo de análise retomaremos esta questão.

No começo da conversa afirma com prontidão que não sofre por ser negra numa sociedade racista, diz saber que o racismo existe, mas que não a atinge. Conforme aprofundamos nossas conversas, ela se convenceu que vivencia sim, muitas situações discriminatórias por ser mulher e por ser negra.

Um dos pontos principais da sua fala é sobre a aceitação, uma das ações que ela acredita ser fundamental para enfrentar as dificuldades. De acordo com ela, se nos aceitarmos como somos, com nossos defeitos e qualidades, conseguimos lidar melhor com as dificuldades da vida.

A vida é muito simples, não adianta você ficar querendo ser aceita, você é o que é, o importante é a gente se aceitar como é. Isso eu aprendi de criança: se você se aceitar, as pessoas vão gostar de você. Mas se você ficar com história com você mesmo, se não se aceitar, quem vai te aceitar? Não adianta ficar com história, você é o que é. E eu sou assim, sempre feliz, de boa (Irene).

Quando relemos toda a conversa com Irene, vemos que nessa questão do ser negro, ela valoriza a educação como forma de modificar a estrutura racista vigente. Educar-se para ser melhor, é isso que nos fica também quando pensamos na criação de suas filhas: uma delas tem uma graduação e está com outra em andamento, e a outra estuda em cursinho pré-vestibular e pretende estudar medicina.

### **2.5.2. Dandara**

Dandara é filha de Irene, tem 24 anos, tem formação em Letras e é graduanda em Terapia Ocupacional na UFSCar. Das mulheres colaboradoras, Dandara é a que menos se pronunciou, e desde nossa primeira conversa até a roda final de conversa, ela nos deixou bastante claro que contribuiria, mas que gostava de falar pouco. E assim o fez, falou pouco, mas também nos ensinou muito. Apesar da timidez e da fala concisa, ela trouxe valiosas contribuições para a pesquisa e conforme nossa conversa fluía, ela se sentia mais a vontade e compartilhava várias experiências interessantes.

Como caracterizado pela própria Dandara, ela é um camaleão quando se refere às formas de adoção de manipulação de seus cabelos crespos: já alisou, já usou mega hair, já fez tranças, dreads de lã, relaxamento e agora está com um black, muito bem cuidado e sempre enfeitado com um acessório. Quando questionada com seu sentimento em relação à sua estética ela nos diz:

Eu me sinto bem. Assim, só fiquei meio assim quando eu cortei o cabelo, por que eu fiquei meio homem, sabe? Por que eu estava acostumada ou com o cabelo Chanel<sup>14</sup>, ou com o cabelo cacheado, que era um pouco mais comprido. Aí fiquei meio assim, mas agora eu

---

<sup>14</sup> Chanel é um estilo de corte de cabelo reto que acompanha a linha da nuca.

uso flor... E agora eu me sinto mais a vontade, por que dá pra ficar mudando, e eu gosto de mudar (Dandara).

Muito do que narrava Dandara já havia sido adiantado por sua mãe, Irene. Conversar com mãe e filha foi uma experiência curiosa e positiva, eram histórias que em alguns pontos divergiam, mas na maioria, se complementavam. Ficou-nos evidente que muitas das estratégias de combate e superação de práticas racistas e discriminatórias haviam sido aprendidas no bojo familiar e que mãe e filha negras muito ensinavam e aprendiam com experiências por elas vivenciadas.

### 2.5.3. Jéssica

Jéssica é casada, não possui filhos e trabalha no salão Raízes Black Power há dez anos. Começou a trabalhar com manipulação de cabelo ainda jovem e por isso sempre prezou por um cabelo bem cuidado. Sempre foi consciente dos riscos do uso de alisantes, então optou por usar seus cabelos ou naturais ou apenas com relaxamento; eventualmente trança seus cabelos e diz ser outra forma de manipulação que a agrada.

No salão, seu conhecimento e prática sobre manipulação de cabelos, principalmente o cabelo crespo, pode ser comprovado pela clientela que Jéssica mantém. Sobre sua profissão ela destaca que:

E por eu ser negra, eu acho legal fazer as pessoas mudarem um pouco de conceito, por que algumas acham que o cabelo dela é ruim, e não é ruim, é um cabelo mais complicado, mais trabalhoso, mais seco, então tem que tirar um pouco a ideia das pessoas de achar que o cabelo delas é duro, que o cabelo é feio [...] o cabeleireiro afro mexe com a autoestima. (Jéssica).

Por conta de sua experiência em salões com maioria negra, Jéssica muito contribuiu com conhecimentos sobre a estrutura do fio de cabelo crespo e sobre cuidados necessários para esse cabelo manter sempre uma boa aparência. A questão da boa aparência é bastante recorrente na fala de Jéssica, que nos diz que o preconceito não é com o cabelo crespo e sim com o cabelo mal cuidado. Ela destaca a importância da manutenção capilar, independente da forma que a mulher opte por utilizar o cabelo crespo.

#### 2.5.4. Thulany

Para apresentar Thulany podemos partir da história do seu nome, um nome africano que significa paz e inteligência. Filha de pais militantes, compreendemos o porquê da escolha do nome e Thulany foi educada desde sempre a se orgulhar de sua origem e de ser negra.

Então minha construção da identidade foi a partir do meu nome, quando eu perguntava aos meus pais eles sempre me contavam uma história: "Seu nome é Thulany, é africano, seus antepassados vieram da África e foram escravizados, foram arrancados de sua terra", então eu fui crescendo com essa história, a minha formação de fato começou aí. Então meu nome ele liga minha identidade, nem se eu quisesse desligar não teria como (Thulany).

Seu pai foi o primeiro secretário estadual da secretaria de combate ao racismo, e desde muito nova Thulany participa de eventos de militância, congressos e encontros, dos quais sempre ouviu e compartilhou a luta do movimento negro. Seu discurso é bastante politizado, Thulany carrega na fala a vontade de mudança, o apoio às políticas de cotas e a valorização da estética negra.

É formada em Letras pela UFSCar, é pesquisadora do NEAB<sup>15</sup> e pretende fazer mestrado sobre a temática étnico-racial. Tem um filho de três anos, chamado Daruê – nome africano que significa força e coragem – a quem ela educa com os mesmos valores que aprendeu com seus pais, construindo sua identidade de homem negro a partir de seu nome. No período das entrevistas estava com os cabelos relaxados e sempre escovados, mas já fez uso de tranças e também do seu cabelo sem intervenções químicas ou físicas. Não é cliente do salão Raízes Black Power e nos contou que algumas vezes quem cuida de seu cabelo é uma prima.

#### 2.5.5. Monalisa

Monalisa tem 24 anos, é estudante da UFSCar e cursa o 3º ano de Enfermagem. Vive a vida universitária de forma muito intensa, tanto em relação aos seus estudos quanto à

---

<sup>15</sup> O NEAB - UFSCar (Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos) se preocupa com a realidade dos afrodescendentes, discutindo mecanismos de combate à práticas racistas e discriminatórias.

diversão. Quando perguntamos o que ela acharia importante que soubéssemos dela, o ingresso na universidade tem destaque em sua fala e o orgulho em estar em uma universidade federal é evidente.

[...] sou apaixonada pela vida que eu tenho, foi através do meu esforço e dedicação que consegui chegar onde eu estou... Poucas pessoas da minha família conseguiram ingressar em uma universidade federal, e eu estou aqui agora (Monalisa).

Suas vivências em relação ao cabelo crespo foram bem elucidadas, percebemos em sua fala que estas questões a incomodam, que constantemente ela comparava sua beleza com a de meninas brancas de cabelos lisos e que isso causava desconforto e sofrimento.

Apesar de dizer valorizar a beleza do cabelo crespo natural, Monalisa alisa seus cabelos desde muito nova, evita ao máximo situações que a obriguem a molhar o cabelo e a perder o efeito da escova e o retoque do procedimento químico para alisamento é realizado com frequência.

Então quando a raiz do meu cabelo tá grande é uma bosta, por que eu não fico com vontade de nada. Já teve vez de eu estar de TPM, e aí não queria sair de casa por que meu cabelo tava ridículo. Passava chapinha arrumava e pensava "Está muito feio, não vou sair de casa". Já faltei de aula por causa disso. Mas tipo, hoje eu estou bem mais tranquila, bem mais resolvida (Monalisa).

A espontaneidade de Monalisa em sua fala nos garantiu uma conversa sincera: Monalisa não media palavras e deixava bem claro seus sentimentos de alegria, raiva e indignação.

Cada uma das mulheres colaboradoras auxiliou na construção da pesquisa de forma singular. Acreditamos que parte da realização deste trabalho é resultado da escolha em relação aos sujeitos colaboradores e principalmente a boa vontade que cada um deles teve em nos auxiliar.

## 2.5. Organização dos dados

A etapa de organização dos dados demandou esforço e reflexão, mas foi também a fase que nos permitiu compreender nossos referenciais teóricos de forma mais contemplativa e aprofundada.

Nosso primeiro passo foi a releitura das transcrições de cada entrevista realizada com as mulheres colaboradoras. Nesse processo de leitura atenta, acompanhada de reflexões, fazíamos marcações selecionando as falas que nos ajudariam a responder nossa questão de pesquisa “De que forma o cabelo marca a construção identitária na trajetória de vida de mulheres negras?”.

As transcrições nos mostraram a riqueza das falas e cada parágrafo de conversa transcrita teve imenso valor. Porém as conversas eram longas e algumas transcrições ficaram bastante extensas e, por conta desta riqueza do material coletado, coube a nós selecionar a parte que melhor atendesse aos objetivos deste estudo.

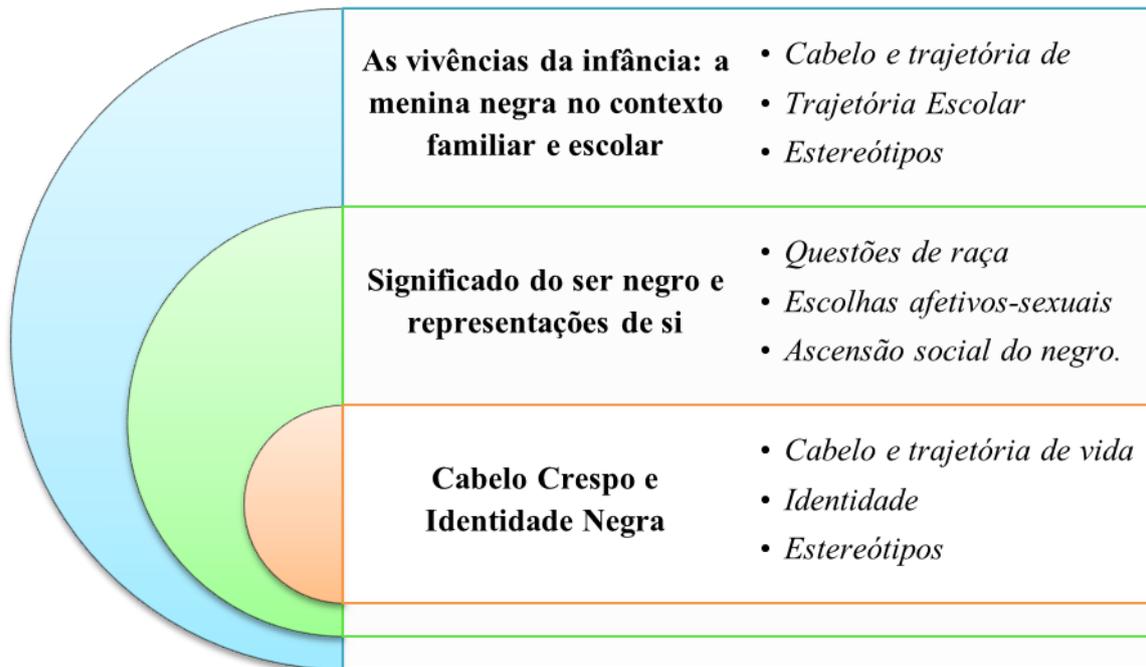
Após esta seleção, o segundo passo foi a organização dos dados em quadros de análise. Como nossa proposta metodológica utilizou como instrumento entrevistas sem um roteiro pré-estabelecido, não nos foi possível separar os quadros por questões, já que estas variavam de acordo com o rumo que a conversa tomava com cada mulher colaboradora.

Porém, nessas releituras percebíamos que as conversas convergiam para temáticas complementares. Deste modo, para melhor organização dos quadros, agrupamos as falas nos eixos temáticos mais recorrentes e que estabeleciam relações diretas com nossa pesquisa. Os eixos foram: Que lembranças têm de suas vivências escolares e vivências universitárias? Que preconceitos já vivenciou? Como compreende as questões/escolhas afetivo-sexuais? O que pensa sobre raça e racismo? Que relação estabelece entre cabelo crespo e identidade negra?

Após selecionar os eixos e elaborar cada um dos quadros com os trechos de fala correspondente a cada temática, fizemos uma nova leitura, desta vez procurando o que cada trecho tinha de central. Primeiramente depreendíamos os grandes temas, e em muitos casos, para um mesmo trecho encontrávamos mais do que um deles.

A partir dos grandes temas emergiram os focos de análise. Num primeiro momento os focos de análise foram: *Questões de raça; Ascensão social do negro; Trajetória Escolar; Estereótipos; Escolhas afetivo-sexuais; Cabelo e trajetória de vida e Identidade*, porém com uma análise mais apurada, percebemos que poderíamos agrupá-los, o que nos permitiria uma análise mais aprofundada. Desta forma, agrupamos os focos *Questões de raça e Ascensão social do negro; Trajetória Escolar e Cabelo e trajetória de vida; Escolhas afetivo-sexuais,*

*Identidade e Estereótipos*, ficando estabelecidos três focos de análise: “As vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar”, “Significado do ser negro e representações de si” e “Cabelo Crespo e Identidade Negra”.



Como forma de melhor elucidar os caminhos para a análise de dados, optamos por apresentar a forma de organização de um de nossos quadros de análise.

QUE LEMBRANÇA TEM SOBRE INFÂNCIA, VIVÊNCIAS ESCOLARES e VIVÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS?		
UNIDADES DE SIGNIFICADO	GRANDES TEMAS	FOCOS DE ANÁLISE
Minha mãe pegava, trançava, fazia duas carreiras assim, sabe? Ela inventava, pra gente ir toda bonitinha pra escola, mas quando não dava tempo ia com os cabelos meio desarrumados [...] Aí os branquinhos davam risada, aí você ficava tentando arrumar os cabelos (Irene).	- Rituais de manipulação; - Reforço de estereótipos e representações negativas; - Experiência pública de rejeição do corpo negro.	✓ Trajetórias Escolares; ✓ Estereótipos; ✓ Cabelo e trajetória de vida.
Mas África nada, e seria interessante, porque tinha alunos negros na sala, e eu acho que seria interessante abordar todas as culturas, não só mostrar uma só (Dandara).	- Educação para diversidade; - Questões étnico-raciais e conteúdos escolares.	✓ Trajetórias escolares
Mas todo negro sofre bullying principalmente por causa do cabelo. A cor nem tanto, mais o cabelo (Jéssica).	- Reforço de estereótipos e representações negativas; - Experiência pública de rejeição do corpo negro.	✓ Trajetórias Escolares; ✓ Estereótipos.
É todo mundo, todo negro sofre por causa do cabelo. Os meninos desamarravam nosso cabelo, ficava armado, e a gente não conseguia amarrar mais (Jéssica).	- Reforço de estereótipos e representações negativas; - Experiência pública de rejeição do corpo negro.	✓ Trajetórias Escolares; ✓ Estereótipos.
A primeira raiva que eu senti do meu cabelo foi no meu batizado, que eu lembro que minha mãe me levou num lugar pra trançar meu cabelo, meu cabelo era todo crespo. E tipo, doía muito, por que aquelas tranças enraizadas, a mulher puxava, nossa, doía muito, muito, muito, muito (Monalisa).	- Rituais de manipulação.	✓ Trajetórias Escolares; ✓ Cabelo e trajetória de vida.
<i>(Quando questionada sobre a existência debate sobre as questões raciais no meio escolar)</i> Não, não era debatido não, as professoras não trabalhavam, e eu queria entender por que não tinha isso, por que eu não me encontrava, por que não tinha nenhuma princesa negra, por que não tinha “Barbie” negra (Thulany).	- Questões étnico-raciais e conteúdos escolares	✓ Trajetórias Escolares

No próximo capítulo analisamos cada foco de análise com base em referenciais teóricos estudados ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

## Capítulo 3 – Vozes e reflexões: análise dos dados coletados

---

Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro é silêncio, é luto  
Negro é a solidão

Negro que já foi escravo  
Negro é a voz da verdade  
Negro é silêncio é a luta.  
Negro também é saudade.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Sorriso Negro - Ivone de Lara (autor: Adilson Barbado/ álbum: Canto da rainha/ Gravadora Universal – 2009)

Conforme apresentado anteriormente da coleta e organização dos dados emergiram três focos de análise: *Escolhas afetivo-sexuais, Identidade e Estereótipos*, ficando estabelecidos três focos de análise: “As vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar”, “Significado do ser negro e representações de si” e “Cabelo Crespo e Identidade Negra” que analisamos neste capítulo. Não temos a intenção de esgotar as análises, mas trazer algumas contribuições de nosso estudo.

### **3.1. As vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar**

Deixa o menino jogar ô iaiá  
 Deixa o menino aprender ô iaiá  
 Que a saúde do povo daqui  
 É o medo dos homens de lá  
 Sabedoria do povo daqui  
 É o medo dos homens de lá  
 A consciência do povo daqui  
 É o medo dos homens de lá<sup>17</sup>

Conversando com as mulheres colaboradoras, um dos pontos de convergência das falas se refere à fase da infância e às vivências que elas tiveram no contexto familiar e escolar. Ao analisar e refletir sobre suas histórias nos questionamos sobre o que significa ser uma criança negra em nossa sociedade e quais os mecanismos de defesa e combate contra o racismo que estas mulheres aprenderam desde muito jovem.

Apesar de vivenciarem períodos diferentes, dos quais os valores e práticas também se diferenciavam, as colaboradoras nos narram a presença da figura materna como primeira lembrança que têm sobre a manipulação de seus cabelos. Conforme veremos neste capítulo, apesar destas experiências nem sempre se constituírem como boas lembranças, elas nos indicam que houve sim preocupação e empenho de suas mães nesta fase de suas vidas e que isto influenciou de forma significativa na relação que estabelecem com seus cabelos nos dias de hoje.

---

<sup>17</sup> Música: Deixa o menino jogar/ Compositor: Alexandre Carlo Cruz Pereira/ Intérprete: Banda Natiruts/ Gravadora: Orbeat Music/ Ano: 2007.

Após esta fase, as mulheres nos narram o ingresso no meio escolar e as dificuldades de ser menina negra em espaços onde a beleza negra e a cultura africana e afrodescendente são marginalizadas ou negadas. Conforme apontaremos nesta parte do trabalho, o espaço escolar vivenciado por estas mulheres teve dificuldades em lidar com as situações e práticas racistas sofridas por elas e as agressões verbais que recebiam por serem negras e por terem cabelo crespo.

Além disso, percebemos que com graus diferentes de criticidade e militância, nenhuma delas se sentia representada pelo currículo e pelo material didático e literário que fizeram parte de sua formação escolar. Percebemos também que o fato de terem pouco ou nenhum contato com outras pessoas negras durante a fase de escolarização também foi prejudicial nos processos de construção identitária.

Nessa direção faz-se importante nos questionarmos e atuarmos a partir da importância de práticas de valorização da cultura e da beleza negra na fase da infância e de ingresso escolar, pois meninas negras não podem mais ser vítimas de agressões e de racismos que dificultam uma construção positiva de suas identidades.

O presente capítulo traz vivências e experiências das mulheres colaboradoras, objetivando o repensar e o reconstruir de práticas para que outras meninas negras não sejam submetidas a este tipo de violência.

### **3.1.1. O cuidado com o cabelo no contexto familiar**

*“Quando eu era criança lembro que eu tinha que acordar super cedo pra minha mãe pentear meu cabelo e eu detestava”<sup>18</sup>*

Quando relatam sobre vivências durante a fase da infância, as mulheres colaboradoras trazem inúmeras memórias que tem sobre os rituais de manipulação realizados nos cabelos. Após apresentarmos nossa temática de trabalho e pedirmos para que elas nos contassem as principais lembranças que tinham da relação com o cabelo crespo, percebemos que os relatos se iniciam no espaço familiar durante o período de ingresso ao meio escolar.

---

<sup>18</sup> Entrevista Dandara (2013) – Fonte: Pesquisadora

Apontamos este como um dos pontos de convergência e diálogo das entrevistas realizadas – a lembrança do processo de manipulação dos cabelos crespos realizados pelas mães no período de ingresso à escola.

Neste ponto da análise, percebemos que, apesar de terem idades diferentes, as vivências durante a fase da infância e a experiência do cuidado das mães com os cabelos no momento de ingresso à escola são bastante semelhantes.

Gomes (2002) aponta em seu estudo um dos fatores que evidenciamos em nossa pesquisa que é o fato de meninas negras, durante a infância, serem submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo.

Quando analisamos a fala de Irene relatando sobre sua infância e os rituais de manipulação realizados por sua mãe, percebemos que se trata de uma lembrança desagradável, e que os movimentos realizados para desembaraçar seus cabelos crespos causavam certo sofrimento.

Eu lembro que minha mãe para desembaraçar cabelo, meu Deus do céu... E nosso cabelo ficava bem armado de manhã, e minha mãe ia pentear todo mundo, pegava o pente assim e puxava. Ai, a hora de pentear o cabelo era um sofrimento (Irene).

A mesma situação se repetiu com a filha, Dandara, que em sua fala aponta que este ritual de manipulação quando realizado pela sua mãe era um momento que causava certo desconforto.

Ah eu não gostava, e não gosto até hoje, de acordar cedo, e eu tinha que acordar cedo pra pentear, e a gente entrava no banheiro e minha mãe ia puxando meu cabelo, aquilo doía bastante, aí ela amarrava e trançava às vezes, ou só deixava aquele pompom, tenho raiva até hoje (Dandara).

Quando eu era criança lembro que eu tinha que acordar super cedo, pra minha mãe pentear meu cabelo, e eu detestava, até hoje eu não gosto de pentear o cabelo, mas tem que pentear. Eu lembro que quando eu era mais nova as pessoas ficavam me zoando por causa do cabelo, por que às vezes minha mãe amarrava tudo e ficava uma bola, aí ficavam me chamando de pompom, até hoje eu não gosto. (Dandara).

Em suas falas, Dandara sempre traz a questão do levantar cedo como problemática e como algo desagradável. O fato de na infância ter que acordar mais cedo para que sua mãe manipulasse seu cabelo, desembaraçando e fazendo penteados, surge então como uma lembrança pesarosa. Além disso, a forma como sua mãe optava por prender seus cabelos, assemelhando, de acordo com ela, com um pompom, não a agradava, já que com isto era vítima de brincadeiras negativas por parte de colegas.

A estrutura do cabelo crespo leva os fios a se embaraçarem facilmente. Durante a noite, o contato e o atrito do cabelo com o travesseiro agrava esta situação e, muitas vezes, ao se levantar o cabelo fica com nós, que ao pentear podem sim causar desconforto e dor para as meninas e mulheres com este tipo de cabelo. Hoje em dia já existem técnicas de manipulação e uma diversidade muito grande de produtos capilares que auxiliam neste processo, mas como todas as mulheres colaboradoras vivenciaram outros momentos, a realidade era outra e por isso essa questão da manipulação do cabelo ao acordarem é algo tão sofrido.

O que observamos também é a existência da relação apontada por Gomes (2002) entre estas experiências ritualísticas de manipulação do cabelo crespo com a adoção de algumas mulheres pelo alisamento e alongamento capilar.

Conforme percebemos, na infância a manipulação do cabelo crespo, ainda que realizada pelas mães, causava desagrado para as mulheres colaboradoras. A consequência disto é que em momento posterior, quando já tinham maturidade e independência para escolher a forma como cuidariam de seus cabelos, essas mulheres optaram por penteados e técnicas de cuidados capilares que consideravam mais práticos.

Minha mãe às vezes me levava pra trançar o cabelo, e era mais prático pra mim, por que aí não tinha que pentear todo dia, e acho que com onze anos fui ao Silas pra fazer relaxamento (Dandara).

Nesta fala de Dandara percebemos que um dos motivos que a levou a utilizar técnicas capilares de relaxamento foi pela sensação de ter o cabelo desembaraçado sem esforço.

O que percebemos neste foco de análise é que a manipulação do cabelo é uma prática recorrente nas mais diversas famílias e que este processo, conforme também evidenciado na pesquisa de Gomes (2002), não se dá sem conflitos.

Estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. As múltiplas representações construídas sobre o cabelo

do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola (GOMES, 2002, p. 44).

Apesar de se tratar de uma situação conflituosa e algumas vezes sofrida, a manipulação do cabelo realizada pelas mães das mulheres colaboradoras nos permite vislumbrar a presença materna das mães no cuidado com os cabelos destas mulheres durante a infância. Estas ações podem ter contribuído para a construção de identidade de cada uma delas, se no espaço familiar há alguém que se preocupa e cuida de um dos atributos de suas negritudes, isto pode ter contribuído no fortalecimento destas mulheres em seus pertencimentos étnico-raciais.

Independente de fazer as manipulações de maneira que causava incômodo ou dor, o fato de se dedicarem aos cuidados com os cabelos crespos, logo pela manhã, nos permite afirmar que houve empenho destas mães, que tinham um determinado entendimento de como o cabelo crespo deveria ser mantido e a partir disto manipulavam o cabelo de suas filhas.

### **3.1.2. O ingresso no espaço escolar e a identidade e alteridade do corpo negro e do cabelo crespo**

*“Mas quando a gente chegava na escola, era tudo diferente.”<sup>19</sup>*

Outro ponto de convergência na fala das mulheres colaboradoras que é fundamental para nossa análise refere-se ao ingresso no meio escolar. Conforme apontamos anteriormente, as experiências da infância nos permitem compreender a importância da presença materna como primeira lembrança que elas têm da relação com seus cabelos.

A partir do que foi relatado, percebemos que no espaço familiar o único conflito que vivenciaram foi em relação à dor e/ou o incômodo que sentiam ao terem seus cabelos desembaraçados pelas suas mães, mas não relataram experiências de racismos, discriminações e agressões verbais contra seus cabelos até o período de ingresso no meio escolar. Isto nos permite concordar com Gomes (2002) de que a aparência da menina negra na fase da infância

---

<sup>19</sup> Entrevista Thulany (2013) – Fonte: Pesquisadora

é algo comum entre seus amigos e familiares mais próximos e que esta realidade passa a ser conflituosa com o ingresso no meio escolar.

O ingresso na escola, conforme evidencia a fala das mulheres colaboradoras, é o momento quando elas percebem o significado do ser negro e é quando vivenciam suas primeiras experiências de racismo e de discriminação, nas quais o cabelo é um dos principais alvos de agressões verbais de outros colegas do convívio.

Percebemos na fala de Jéssica que tanto em suas vivências escolares como a partir de seu olhar sobre estas vivências em outras meninas e mulheres negras, ela considera o cabelo como causador de conflito.

É todo mundo, todo negro sofre por causa do cabelo. Os meninos desamarravam nosso cabelo, ficava armado, e a gente não conseguia amarrar mais. A gente ia com ele preso, mas eles soltavam e a gente não conseguia fazer a trança de novo, aí ficava armado né. Mas todo negro sofre bullying principalmente por causa do cabelo. A cor nem tanto, mais o cabelo (Jéssica).

Mas mesmo assim, é considerado como bullying o cabelo crespo, por que não abaixa. As meninas querem fazer “rabinho”, mas fica armado né. É um cabelo totalmente diferente de outros, é mais trabalhoso, mais seco. Mas a cor em si... O menino brinca, quer dizer, judia da menina por causa do cabelo, nem tanto é a cor (Jéssica).

Nestas falas de Jéssica sobre o significado do ser negro no meio escolar, ela nos aponta que compreende a cor de pele como uma característica menos conflituosa do que o cabelo crespo. Ela acredita que meninas negras não sofrem pelo tom de pele mais escuro e sim por terem o cabelo crespo.

Válido destacar que algumas correntes teóricas consideram práticas racistas no meio escolar como bullying<sup>20</sup>. É função da escola trabalhar questões étnico-raciais com alunos e outros sujeitos escolares para que estas práticas sejam minimizadas e para que crianças possam ter a escola como lócus da construção identitária de forma positiva, que valorize a cultura e a beleza africana e afro-brasileira.

Já Irene tem percepções diferentes de Jéssica sobre a questão cor/cabelo.

---

<sup>20</sup> Não existe uma tradução do termo bullying para o português, mas seu significado se refere à humilhação e práticas de maus tratos entre jovens e crianças.

Sim, tipo na escola, quando você tá cursando colegial, que você tá convivendo com várias pessoas, você sofre discriminação, mas não pelo cabelo, e sim pela cor da pele, eles já englobam tudo. (Irene)

Ela acredita, conforme apontado em sua fala, que a cor da pele causa mais conflito do que o cabelo no espaço escolar. Independente do que focalizam como central nos processos de discriminação e/ou racismo no meio escolar, os relatos de Jéssica e Irene nos permitem uma mesma afirmação: a escola ainda é um espaço que nega e exclui a menina negra por seu pertencimento étnico.

Assim como na pesquisa realizada por Gomes (2002) percebemos nas falas das mulheres negras que a trajetória escolar tem grande influência no processo de construção da identidade negra, e que na maioria dos casos a escola surge como espaço que reforça estereótipos e representações negativas sobre o padrão estético de meninas negras. As falas das mulheres colaboradoras nos permitem a compreensão do cabelo crespo como um importante símbolo identitário durante suas infâncias e suas experiências escolares.

Nas falas de Thulany e Irene isto fica evidenciado quando elas narram que antes do ingresso na escola não tiveram dificuldades, mas que ao ingressar na escola a realidade era outra, e conseqüentemente, a relação que elas estabeleciam com seus cabelos e seus corpos também mudou.

Mas quando a gente chegava na escola, era tudo diferente. Então eu não tinha problema nenhum com o meu cabelo, por que minha mãe fazia trança, deixava ele lindo, e eu achava que tava lindo. Mas quando eu cheguei na escola eu sofri um pouquinho sim (Thulany).

Aí os branquinhos davam risada, aí você ficava tentando arrumar os cabelos. Mas eu nunca tive problema de vergonha, por que eu pensava: "Ah, minha mãe tá trabalhando, por isso ela não teve tempo de cuidar do meu cabelo" (Irene).

Coutinho (2010) considera o cabelo como símbolo mais poderoso da feminilidade, e ao narrar sua trajetória de vida relata como este gerava dor física, pelas severas formas de manipulá-lo e também dor moral, nas diversas agressões e preconceitos que sofria. A dor moral e o preconceito sofrido por mulheres negras têm largo histórico no interior de escolas, onde a identidade negra da criança é construída e este processo de construção se dá justamente no conflito.

O processo de aceitação do ser negro e o de aceitação da cor e do cabelo faz parte de um período conflituoso e doloroso porque a imagem do negro é associada com inferioridade.

Desta forma, o sonho de ser branco e ter cabelos lisos percorrem o imaginário das crianças que no ensino escolar se deparam com um modelo de educação cristã, branca, eurocêntrica e excludente reforçada por estereótipos que inferiorizam aqueles que fogem deste modelo desconsiderando as pluralidades existentes no cotidiano escolar (COUTINHO, 2010, p. 15).

Infelizmente estamos distante de um modelo de educação capaz de valorizar e fortalecer a identidade negra. Coutinho (2010) nos alerta que o problema não é o cabelo crespo e sim a forma como ele é visto pela sociedade. Há muita discriminação quando o cabelo não é usado em uma forma aceitável pela sociedade, como por exemplo, com bastante volume, com dreads, etc.

Quando pensamos nas vivências da menina negra ao ingressar no meio escolar ficam evidentes os processos de apelidação e outras práticas racistas sofridas por ela. Figueiredo (2010) traz que os silêncios escolares frente à discriminação podem influenciar negativamente no rendimento e na permanência da criança negra na escola, e o mais agravante é que o posicionamento do silêncio frente a estas agressões ganha significados ambíguos nas relações estabelecidas, podendo agravar ainda mais as práticas racistas e discriminatórias nestes espaços.

A realidade evidenciada pelas mulheres colaboradoras é ainda, infelizmente, a realidade que temos nos dias de hoje. Meninas negras são diariamente agredidas verbalmente e seus cabelos são apelidados como Bombрил, cabelo duro, cabelo ruim, e tantas outras atribuições ofensivas que objetivam desqualificar seus cabelos e seus pertencimentos étnicos. O problema maior é que estas ofensas tem influência direta na construção de suas identidades, atuando no processo de baixa autoestima em meninas com cabelos crespos.

No meio escolar os apelidos comumente dados ao cabelo da menina negra fazem parte de uma construção social racista. Em muitos casos, crianças e também adultos reproduzem estes apelidos sem mesmo saber de seus significados e de suas funções discriminadoras e inferiorizadoras. Chamar o cabelo crespo de “fuá”, por exemplo, pode no imaginário social significar somente um cabelo com uma textura crespa e por isso considerado mais trabalhoso na manipulação, mas o significado da palavra traz a ideia de conflito, intriga e briga o que nos permite compreender que esta nomeação do cabelo crespo carrega um tom agressivo e de

crítica negativa. Os apelidos como Bombril, cabelo de vassoura ou ninho de passarinho também trazem a depreciação da menina negra, coisificando seu cabelo.

Gomes (2002) nos alerta que estes apelidos presentes nas experiências escolares marcam a história de vida da criança negra.

São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos (GOMES, 2002, p. 45).

A autora mostra que a insatisfação com o padrão estético e com a textura do cabelo faz parte de um conjunto de experiências acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo os seus principais representantes.

Tais sinais diacríticos assumem um lugar diferente e de destaque no processo identitário de negros e brancos brasileiros. A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família (GOMES, 2002, p. 47).

A fala de Monalisa também nos permite compreender que ela estava constantemente se comparando com outras garotas da escola, e que isto causava decepção, já que seu cabelo não era parecido com o das colegas.

Mas pensando na relação de mim para outras meninas, lógico tinha as meninas da minha turma que tinham um cabelão, comprido, nossa meu sonho né? Lembro que quando eu era criança colocava as camisetas do meu pai na cabeça, ficava e dançava – isso antes dos 10 anos, porque eu queria ter o cabelão (Monalisa).

Este relato apontado por Monalisa nos permite compreender o que Fazzi (2006) constatou na pesquisa que realizou com crianças de 7 a 9 anos, de que desde muito cedo a criança aprende que beleza é uma característica de cabelos lisos e este conceito é reforçado quando os elogios aos cabelos crespos na infância são raros ou inexistentes.

Ao ser perguntada sobre o que era feio no cabelo dos negros, Maria morena respondeu que “eles não pintiam o cabelo” e que ela gostava

de cabelo penteado, liso e comprido. Esse padrão de beleza, liso e comprido, é quase unanimidade entre as crianças (FAZZI, 2006, p. 115).

Além desta questão da depreciação da menina negra e da desvalorização de sua beleza, acreditamos que outro fator que dificulta a construção identitária de forma positiva é a presença/ausência de negros/as nos espaços por elas frequentados. Quando as questionamos sobre a existência de outros/as alunos/as negros/as nas escolas que elas frequentavam, percebemos eram as únicas ou uma das poucas negras da turma.

Quando eu estudei no Diocesano, de negro tinha eu, meu primo e mais uma menina, na escola. Então em volta era todo mundo de cabelo liso, loiro, não tinha muita gente parecida comigo. (Dandara)

Não, olha, quando eu estudei aqui no Álvaro Guião eu era a única negra da sala, só tinha eu e mais uma. (Jéssica)

Onde eu estudava não tinha bastante criança negra não. Era eu só, e mais uma menininha. (Thulany)

Na pesquisa de Gomes et al. (2009) os autores apontam que a identidade se constrói nas relações que o sujeito estabelece na sociedade e nas trocas se transmitem valores e se constroem representações sobre o mundo. Sara, uma das mulheres que colaborou com a referida pesquisa, assim como as mulheres que colaboraram com a nossa, se inseriu em contextos sociais e escolares nos quais não existiam outros sujeitos negros/as, o que fazia com que ela sentisse solidão, pois era a única “diferente” naquele espaço.

Ser negra onde havia muitos negros já era difícil, segundo ela, mas ser a única negra, ser vista como a única “diferente”, foi para ela ainda muito pior. Aquela nova situação representou um aumento na tensão que envolvia a forma de Sara se relacionar com as outras pessoas (GOMES, 2009, p. 199).

Na fala de Thulany percebemos sua decepção durante a infância ao querer ser uma das paquitas<sup>21</sup> da Xuxa, mas não encontrar nenhuma paqueta com as mesmas características que ela.

---

<sup>21</sup> As paquitas eram assistentes de palco do programa de televisão “Xou da Xuxa” que foi transmitido durante os anos 1986 a 1992.

Principalmente na fase que eu queria ser a paqueta da Xuxa, por que não tinha negra e meu cabelo não era liso, e aí? (Thulany).

É importante refletirmos sobre o que significa ser a única menina negra de uma sala de aula, o que significa não ter professores/as negros/as, não ter ídolos negros/as, e se sentir “diferente” meio a esta situação. Como se constrói a identidade se não há espelhos para nos identificarmos?

Quando analisamos as vivências escolares de Monalisa, vemos que a estratégia adotada por ela foi a de se “esconder” no meio de outras meninas que passavam por situação de conflito.

Na minha turma da escola, na minha sala tinha uma menina negra, e ela era bem na dela. Aí eu acho que andava no meio dela para me camuflar um pouco, andava também com uma menina que não era nada bonita, e os meninos enxiam o saco dela, e ela tinha muito cheiro de transpiração, e os moleques pesavam na dela<sup>22</sup>; eu via tudo isso, mas nunca falei nada pra defender, porque não queria virar o alvo, eles podiam começar a fazer comigo, então eu ficava sempre muito quieta na minha, me camuflava para não aparecer tanto (Monalisa).

A estratégia utilizada por Monalisa objetivava que ela não fosse o único alvo das críticas e possíveis gozações feitas por outros colegas. Percebemos que ela acreditava que estando no meio de outras meninas com dificuldades diferentes da dela, o fato de ser negra e ter os cabelos crespos - o que para ela também era dificuldade - passaria despercebido.

Com estes relatos, o que percebemos é que o período de ingresso escolar foi marcante para todas as mulheres colaboradoras. Talvez se houvesse um posicionamento da escola em relação às práticas de racismo que sofriam neste espaço, estas mesmas práticas que marcaram suas lembranças de maneira tão negativa, pudessem ter sido utilizadas para gerar debates e romper com preconceitos que outras crianças demonstravam.

---

<sup>22</sup> Aqui a expressão “pesavam na dela” significa que esta menina também era alvo de críticas e brincadeiras com caráter ofensivo.

### 3.1.3. A temática racial na sala de aula e a construção de um pertencimento étnico-racial positivo

*“A única parte que falava sobre o negro era sobre escravidão, nunca tive nada falando da história da África”<sup>23</sup>.*

A cultura africana é muitas vezes invisibilizada no meio escolar. Além da negação de seu pertencimento étnico e de sua estética o espaço escolar, e principalmente os componentes curriculares, podem também contribuir para a negação e/ou desvalorização da cultura e história africana, o que agrava ainda mais a construção de identidade em meninos e meninas negras.

Nos relatos das mulheres colaboradoras percebemos que há um sentimento de indignação, pois não se sentiam representadas nos materiais didáticos e não tiveram em sala de aula acesso ao conhecimento de cultura e história africana e afro-brasileira.

Não, não tive nada disso não. A única parte que falava sobre o negro era sobre escravidão, nunca tive nada falando da história da África, nem no cursinho. E a gente estuda Estados Unidos, Europa né? Mas África nada, e seria interessante, por que tinha alunos negros na sala, e eu acho que seria interessante abordar todas as culturas, não mostrar uma só (Dandara).

Concordamos com Santos e Molina (2012) que a constituição do estudante negro ocorre em um contexto que desvaloriza sua cultura e que

[...] seu pertencimento étnico-racial, sendo ou não percebido, proporciona uma série de situações de constrangimento, discriminação, isolamento e outras formas de violência, influenciando decisivamente na sua formação (SANTOS E MOLINA, 2012, p. 524).

Considerando que a formação de identidades é um processo que faz parte das diferentes fases da vida, pensar na atuação dos sujeitos escolares e dos livros didáticos pode nos trazer importantes reflexões sobre como este espaço tende a não representar as crianças negras.

Em geral a imagem do negro dificilmente está presente e quando está é de forma estereotipada e incapaz de valorizar e permitir a construção positiva de identidades em

---

<sup>23</sup> Entrevista Dandara (2013) – Fonte: Pesquisadora

meninos e meninas negras. Os contos de fadas e histórias infantis têm, em sua maioria, personagens brancos que divulgam e valorizam somente um modelo de criança, de beleza e de cultura.

Silva (1999) nos traz que a invisibilidade da cultura e história africana, assim como a inferiorização dos seus atributos, faz com que povos africanos e afrodescendentes desenvolvam comportamentos negativos, “resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais, e em preferência, pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações” (SILVA, 1999, p. 22).

Para compreendermos esta questão da valorização de uma estética nas representações, trazemos o relato de uma das mulheres colaboradoras:

Eu lembro que as histórias que a gente via era Branca de Neve, Cinderela, esses clássicos que a gente não se encontrava neles. Eu sentia um vazio, até que minha madrinha me deu um livro "A menina bonita do laço de fita", então eu achava lindo aquele livro (Thulany).

Quando se opta por trabalhar na sala de aula somente livros com contos de fadas que tem como personagem principal princesas e príncipes brancos, se ensina desde muito cedo para criança a desvalorização do povo negro e de suas características.

Concordamos com Gomes (2009) que a função da escola que se pretende democrática é combater os preconceitos, os estereótipos negativos acerca do negro e, neste caminho, a prática de leitura com histórias em que crianças negras estejam presentes em situações positivas é essencial e:

Pode contribuir para a construção de atitudes valorativas das identidades que estão em formação no espaço escolar. Para Gomes (2004), a escola como espaço de socialização e de sociabilidade constitui-se em um local privilegiado para a superação dos conflitos e preconceitos raciais. Sendo assim, o trabalho com a literatura infantil afro-brasileira pode ser um elemento potencializador das discussões e superações dos mitos raciais no âmbito escolar (GOMES et al, 2009, p. 193).

Thulany, como já apresentado anteriormente, desde menina vivenciou espaços de militância negra e por isso ainda criança tinha percepções e reflexões sobre suas experiências. Isto fez com que durante o período escolar percebesse e questionasse seus pais sobre o fato de não estar representada nos livros escolares que tinha contato diariamente.

Eu lembro que eu estudava numa escolinha particular e eu cheguei em casa e falei pros meus pais [...] que as professoras não trabalhavam, e eu queria entender por que não tinha isso, por que eu não me encontrava, por que não tinha nenhuma princesa negra, por que não tinha Barbie negra. Por que, por que, por quê? (Thulany).

*(Quando questionada sobre a existência debate sobre as questões raciais no meio escolar).* Não, não era debatido não. As professoras não trabalhavam, e eu queria entender por que não tinha isso, por que eu não me encontrava, por que não tinha nenhuma princesa negra, por que não tinha Barbie negra. Por que, por que, por quê? Então eles sempre tentavam de um jeito ou de outro dar uma camuflada pra eu não sofrer mais ainda, mas eu lembro que meus pais foram na escola, e conversaram com a coordenadora pedagógica para incluir aquele livro na contação de história. Então eu fiquei feliz que a professora trabalhou isso, claro que ela não sabia muito bem como fazer, mas com a história eu me identifiquei (Thulany).

Conforme narrado por Thulany, seus pais, envolvidos com o movimento negro, tiveram uma atuação muito presente e consciente e, a partir da reclamação dela, levaram o debate para as professoras da escola que conversaram com a coordenadora e incluíram o livro “Menina Bonita do Laço de Fita”<sup>24</sup> em suas práticas escolares, permitindo deste modo que ela se reconhecesse e se sentisse valorizada.

O que temos que considerar é que o caso de Thulany é uma exceção frente à realidade de outras famílias negras. Deste modo as práticas escolares que não valorizam a cultura e a identidade negra não podem depender somente da atuação de sujeitos externos à escola para modificarem suas ações.

Conforme sugere Figueiredo (2010), temos que refletir sobre a importância da literatura na construção da identidade da criança negra, pois apesar de terem um papel fundamental, há uma escassez de materiais que tratam a questão étnico-racial.

O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em nosso país sempre tem associação à escravidão e/ou às dificuldades financeiras e sociais do continente africano. Não

---

<sup>24</sup> O livro *Menina Bonita do Laço de Fita* escrito em 1986 tem como personagem principal uma menina negra que é comparada com imagens do imaginário infantil a partir de uma trama divertida e capaz de valorizar a beleza da menina negra.

há um debate sobre as riquezas de África, nem mesmo sobre as questões de racismo do povo negro em nossa sociedade.

Santos e Molina (2012) sinalizam que há uma dificuldade considerável nos estudantes negros em encontrar elementos de identificação dentro do espaço institucional da escola, tanto em relação aos sujeitos escolares como também nos componentes curriculares.

O negro não estuda sua origem, os costumes de seus antepassados, nem sua importância na formação do país. A escola, em geral, ainda vê e mostra o negro como povo secundário, que ganha visibilidade apenas no período da escravidão, reforçando a imagem de trabalhador braçal de intelecto reduzido. A escola, como instituição social responsável por uma parcela importante da educação dos cidadãos, deve se posicionar politicamente contra toda e qualquer forma de discriminação (SANTOS E MOLINA, 2012, p. 523).

Há necessidade de salientarmos que o ambiente escolar é uma das instituições que possibilita a formação de opiniões e a construção de identidades em crianças negras e não negras. Este espaço não pode se ausentar de sua função e seu comprometimento com uma sociedade diversa étnica e culturalmente. Seu objetivo deve ser a formação de indivíduos que valorizem e respeitem essa diversidade.

Jéssica, em sua fala, expressa perceber mudanças significativas em relação às questões étnico-raciais no contexto escolar com o passar do tempo.

Não, na escola não tinha isso de conversar sobre isso. Agora que tem uma matéria de negro na sala de aula, mas antes não, nunca era tratado. Falava um pouco da abolição dos escravos, do treze de maio, mas dava uma pincelada, era algo superficial. [...] mas não era colocado como é colocado nas escolas hoje (Jéssica).

Interessante observar que ao se referir a uma educação que contempla as diversidades e valoriza a cultura africana e afrodescendente, Jéssica traz a expressão “matéria de negro”. Isto nos gera reflexões, primeiramente, sobre o modo que ela compreende questões de natureza étnico-raciais no espaço escolar, nos levando a compreender que acredita que estas questões se refiram unicamente ao negro, quando na verdade, diz respeito a todos/as os/as estudantes e sujeitos escolares.

O fato de não oferecer espaços de debates sobre a temática pode ser um dos fatores que faz com que, ao mesmo tempo em que em sua fala Jéssica se mostre indignada com

práticas racistas e com a atual situação de pessoas negras, ela carregue pensamentos enraizados numa cultura racista, e por isso, apresenta o que em nosso entender são ideias que mereçam amadurecimento e fundamentação.

Acreditamos que, ao dizer que houve mudanças no cenário educacional em relação às questões étnico-raciais, Jéssica pode estar se referindo aos avanços da Lei 10.639/03<sup>25</sup> que visa à modificação do espaço escolar e dos currículos escolares com a integração da cultura africana e afrodescendente.

Conforme nos indica Brito (2011), o momento de aprovação da Lei 10.639 é uma das iniciativas impulsionadas no decorrer da década passada e que possibilita avanços para o momento presente.

A Lei 10.639/2003, que, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional atualmente vigente, dispõe sobre a obrigatoriedade de incorporação da temática do ensino da história do continente africano e das culturas afro-brasileiras no currículo das escolas de educação básica brasileiras, públicas e privadas. Esse dispositivo legal, longe de expressar uma imposição governamental de caráter autoritário sobre o trabalho que se desenvolve no interior das escolas, sintetiza o acúmulo de mobilizações históricas empreendidas pelo Movimento Social Negro ao longo de sua trajetória histórica (BRITO, 2011, p.58).

No campo educacional, pensar nos avanços que esta lei possibilita é fundamental uma vez que, conforme nos aponta Andrade (2006), o currículo escolar tende a construir uma ideologia de superioridade e inferioridade dentro do nosso intercâmbio cultural. O autor parte do entendimento de que não há dominância quando nos referimos à cultura, já que todas têm seu valor e sua importância, e nos mostra que a depreciação de uma cultura é tão forte que faz com que alguns questionem se suas raízes culturais têm importância na construção do conhecimento na sociedade.

O autor justifica a importância em estudarmos a recriação das culturas na América, pois esta tem reflexos na construção do pertencimento racial de negros/as. Sempre se buscou uma cultura nacional que não é real, pois desconsidera a pluralidade cultural do nosso país e é sobre a ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial que se fortalece o racismo e a discriminação racial de negros. “A afirmação positiva da existência da diversidade cultural existente no Brasil é base fundamental para que os negros assumam publicamente o seu pertencimento étnico racial” (ANDRADE, 2006, p. 47).

---

<sup>25</sup> A Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Segundo ele existem ideologias sustentadas historicamente que fazem com que os negros não aceitem sua pertença étnica, e de acordo com ele, este pertencimento se dá no cotidiano, nas trocas entre pessoas e principalmente nas relações étnico-raciais.

Se o Brasil é formado por diferentes grupos étnico-raciais não se trata de preocupar apenas com a identidade, pois o pertencimento étnico-racial possibilita as pessoas a assumirem-se como parte diante das diferentes visões de mundo, do seu grupo particular e não de alguém que está fora dele (ANDRADE, 2006, p. 51).

Thulany, que foi mais uma das pessoas negras que vivenciou uma cultura escolar excludente e não contempladora das riquezas de África, após se formar em Letras, buscou reverter esta situação repensando na sua prática enquanto educadora.

Quando eu comecei a lecionar, você percebe uma barreira muito grande, primeiro por que você pega um público mais ignorante em questão de conhecimento. Mas sempre de uma maneira ou de outra eu tentava levar para eles, principalmente para os negros... Porque quando você vai numa escola de periferia, a maioria são negros e pardos, não tem jeito. E eu sempre tentava mostrar pra eles a cultura (Thulany).

Concordamos com Gomes (2002) que o espaço escolar deve voltar atenções às práticas pedagógicas capazes de valorizar o pertencimento étnico de todos/as os/as alunos/as e combater a discriminação racial e que a Lei 10.639 pode ser uma forte aliada para uma pedagogia antirracista. O espaço escolar deve atentar-se às práticas pedagógicas mais direcionadas e capazes de contribuir no combate à discriminação racial.

O que constatamos ao realizar um diálogo entre os estudos de autores apresentados neste capítulo e os relatos das mulheres colaboradoras, é que as experiências de meninas negras em relação ao seu corpo e cabelo são conflituosas. O espaço escolar, muitas vezes, é o primeiro espaço onde elas se deparam com o preconceito de sua raça e a negação e desvalorização de seu corpo e sua cultura - uma realidade que infelizmente persiste até os dias de hoje.

Há ainda certo silenciamento escolar frente a estas temáticas, o que nos permite sugerir a necessidade e importância de investimentos em políticas de ações afirmativas como forma de contribuir na construção positiva da identidade étnico-racial de meninas negras. A escola pode e deve ser um local para romper com as representações racistas e negativas sobre

o sujeito negro, seu corpo e sua história, e para isso, nós educadores/as devemos nos manter atentos para a elaboração e desenvolvimento de um currículo no qual estas questões sejam contempladas.

### **3.2. Significado do ser negro e representações de si**

Não fomos vencidas pela anulação social  
 Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial  
 O sistema pode até me transformar em empregada  
 Mas não pode me fazer raciocinar como criada  
 Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo  
 As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo  
 Lutam pra reverter o processo de aniquilação  
 Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão  
 Não existe lei Maria da Penha que nos proteja  
 Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza  
 De ler nos banheiros das faculdades hitleristas  
 Fora macacos cotistas  
 Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão  
 Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação.<sup>26</sup>

#### **3.2.1. Percepções sobre o racismo e outras práticas discriminatórias**

*“Eu acho muito bobo o preconceito, não dá pra gente viver numa boa?”<sup>27</sup>.*

Quando desenvolvemos o projeto para a realização desta pesquisa e conforme realizávamos as leituras que nos alicerçaram na construção deste trabalho, já presumíamos que as conversas com as mulheres colaboradoras trariam relatos de vivências relacionadas a racismos e outras formas de discriminação sofridas por elas. O que não imaginávamos é que estes relatos fossem tão intensos e dolorosos e o quanto marcam a vida destas mulheres.

O que percebemos é que a mulher negra sofre diariamente e que por conta disto sente necessidade de exteriorizar suas vivências almejando denunciar e escancarar para a sociedade

---

<sup>26</sup> Mulheres Negras. Compositor: Eduardo (Facção Central). Arranjador e Intérprete: Yzalú

<sup>27</sup> Entrevista Irene (Fonte: Pesquisadora)

que não são passivas neste processo. Os sofrimentos vivenciados as levaram a criar estratégias de combate e de luta e esta ação faz delas mulheres guerreiras.

Na fala de Irene percebemos grande incômodo e indignação sobre as atitudes de racismo e discriminação das quais mulheres negras estão sujeitas. É interessante observar que em nossa primeira conversa, Irene inicia com um discurso sobre racismo que diz ser externo à sua realidade, afirmando acreditar na existência do racismo, mas salientando que estas práticas desumanizantes não fazem parte de sua realidade nem de sua trajetória de vida.

Eu não sei, acho que eu sou diferente, eu não sinto essa coisa de preconceito. É assim, se eu não sou aceita, eu saio, se eu não to agradando, eu saio. Eu não me preocupo com os outros não (Irene).

A mesma situação ocorre com Jéssica, que apesar de reconhecer e compreender a existência de racismo em nossa sociedade, inicialmente aponta tal prática como distante da sua realidade.

*(Quando questionada se já vivenciou situações de preconceitos e/ou racismo)*

Eu não! Bom, da minha parte não. Eu nunca senti (Jéssica).

Esses dois relatos poderiam ser um fator de análise para discussão sobre a diminuição de racismo em nossa sociedade, porém, o que observamos é que estas falas são apenas reflexos de uma sociedade que esconde caminhos da opressão atrás do mito da democracia racial.

O fato de não termos nos limitado a apenas uma conversa com as mulheres colaboradoras, permitiu um processo de conscientização, de reflexão e de reconstrução de vivências. O processo da pesquisa foi de elaboração de conhecimento não só para a construção deste trabalho como também para a ressignificação de experiências por parte das mulheres colaboradoras. Conforme íamos conversando o discurso destas mulheres se modificava por meio de reflexões que realizavam, e a convicção de nunca terem passado por racismo e/ou outras práticas discriminatórias aos poucos foi sendo desconstruída.

Irene e Jéssica, conforme apontamos, num primeiro momento alegaram o racismo como algo não pertencente às suas realidades, mas em momento posterior, se deram conta de que vivenciaram e ainda vivenciam muitas discriminações por serem mulheres e por serem negras.

[...] se vai prestar uma prova você tem que se dedicar muito mais que o outro pra passar. O esforço do negro tem que sempre ser maior. Eu fui funcionária pública, trabalhei no DER por 25 anos, e lá eu sofri preconceito por ser mulher, negra e pobre (*risos*) (Irene).

Nesta fala de Irene, percebemos que além do preconceito racial e de gênero ela também sofreu discriminação por sua condição social. Ela, que trabalhou por um longo período em um espaço com maioria masculina, relata várias atitudes e discursos negativos de colegas de profissão que desacreditavam na sua capacidade por ser negra e por ser mulher.

O ápice destes relatos é seu início de atuação neste local de trabalho quando, apesar de ela ingressar por meio de um concurso público, muitos não acreditaram que ela teria conseguido por capacidade ou por mérito pessoal, e seus colegas de trabalho associaram essa conquista a alguma relação amorosa e/ou sexual que ela poderia ter desenvolvido com seu chefe.

Porque eu era mulher, eu "conhecia" o chefe, quer dizer, capacidade eles não achavam que eu tinha né, achavam que eu não tinha capacidade de entrar no concurso, que eu tinha entrado de outro jeito [...] Mulher, lindinha, depois negra, e aí eles achavam que eu não tinha capacidade (Irene).

A questão da capacidade intelectual do negro, infelizmente ainda é muito presente em nossa sociedade. Muitos acreditam que a mulher negra quando consegue ingressar numa carreira de sucesso utilizou de outros meios que não àqueles que se referem à sua inteligência. O que percebemos nas falas tanto de Irene como de Jéssica é que uma das estratégias que utilizam na tentativa de romper com o estereótipo de incapacidade associado à pessoa negra é sempre se esforçar além do que é necessário para pessoas não negras, como forma de sobressair, de mostrar suas capacidades.

Porque branco tem essa mania de achar que negro não tem capacidade, não sei se é geral, mas muita gente ainda acha que negro não tem capacidade. Mas na hora que a gente sai pra luta, eles veem que a gente tem muita capacidade. Mas quando eles veem que a gente tem muita capacidade, vão tocando serviço pra você, aí volta à escravidão (Irene).

Você vai pra um escritório, ou qualquer outro trabalho, você tem que se sobressair como negro, porque as pessoas vão olhar pra você como se você não tivesse capacidade de pensar, então você tem que ser melhor que os outros (Jéssica).

O negro incapaz é um dos estereótipos criados e difundidos socialmente - o negro é burro, o negro é sujo, o negro é ladrão, e tantas outras características pejorativas e negativas sempre associadas à pessoa negra.

Outras vivências de racismo que se referem aos estereótipos relacionados à pessoa negra também podem ser observadas nas falas de Dandara quando relata sobre a associação que as pessoas fazem de negro com ladrão.

Também às vezes no ônibus, às vezes as pessoas ficam te olhando, você vai sentar e elas te olham. Dá mesmo vontade de falar "Eu não vou te roubar, não é porque eu sou negra que eu vou te roubar". Isso me irrita, dá vontade de sair xingando, mas não dá pra sair xingando (Dandara).

Nesta pesquisa percebemos que o imaginário social associa a mulher negra a várias características negativas, e que isto traz lembranças negativas e dolorosas para quase todas as mulheres colaboradoras. Com Irene ocorreu durante sua infância, no curso de catequese. Quando uma das alunas “perdeu” um livro, a professora pediu para que Irene abrisse a bolsa para verificar se o livro não havia sido roubado por ela.

A única coisa que me marcou mesmo foi quando me acusaram de ter roubado um livro de uma menina. [...] “Deixa eu ver sua bolsa”, eu bem simples, entreguei a bolsa. [...] Chorei uns três dias sem parar, e isso nunca mais saiu da minha cabeça, e ainda quando eu falo (*momento de muita emoção, com choro*), quando eu falo, dói tanto (Irene).

Mas isso não foi por preconceito, eu acho que é porque ela não gostava de mim mesmo. E eu achei uma estupidez por parte da professora. Eu lembro que meu irmão já queria dar uma surra nela, mas eu disse que não, mas eu chorei, chorei... E até hoje eu choro. Porque se você pudesse voltar no tempo eu falaria pra ela procurar com os outros também, mas não, ela só procurou comigo. Dói muito não fazer uma coisa e alguém te acusar. Eu gostaria tanto que sumisse isso de mim, mas acho que nunca vai sumir (Irene).

Esta fala de Irene representa um dos momentos mais marcantes de nossa conversa. Ela, conforme apontamos em outros momentos, está sempre sorrindo e contente, mas neste momento, demonstrou grande emoção e pela primeira vez vimos o seu sorriso se transformar numa expressão dolorosa e triste.

Apesar de Irene parecer tentar se consolar com a crença de que tal atitude ocorreu apenas por esta menina não simpatizar com ela, considerando que a sala era formada por outros alunos e alunas, o fato da professora ter solicitado somente à Irene – a única aluna negra - abrir sua bolsa, demonstra uma atitude racista que de fato marcou a sua trajetória de vida de forma muito negativa.

Situação parecida também foi relatada por Thulany numa vivência que ocorreu durante a fase da adolescência enquanto comprava alguns produtos de beleza para sua mãe na perfumaria e foi solicitada a abrir sua bolsa, como se ela tivesse roubado algum artigo do estabelecimento.

Aí a gente entrou na perfumaria, e quando eu fui passar no caixa eles me pediram pra abrir a bolsa. Eu abri a bolsa, claro, e o moço pediu desculpa, porque não tinha nada, e eles me acusaram de ter roubado (Thulany).

A questão do negro ladrão também é evidenciada na fala de Jéssica quando diz que nas lojas, alguns funcionários/as tendem a seguir pessoas negras por acreditar que todo negro é bandido.

Dependendo do lugar eles não deixam você nem entrar. Se você vai entrar, vamos supor, numa cafeteria, numa bomboniere, ou até mesmo num supermercado ou numa loja, pode perceber que as meninas vão ficar atrás de você. Vai achar que você vai pegar alguma coisa, que negro é bandido. A maioria, todo mundo condena como bandido (Jéssica).

O que percebemos é que as vivências das mulheres negras associadas a este estereótipo do negro ladrão são as que mais constrangeram e marcaram a vida delas. Concordamos com Abrahão e Soares (2011) que para compreendermos os mais diversos estereótipos temos que nos atentar às relações concretas que existem entre cada situação e as demais situações com as quais ela se relaciona.

O que importa assinalar, entretanto, é que uma vez formados e consolidados, os estereótipos se interpõem entre a percepção e a realidade, fazendo o indivíduo ver, em parte, ao invés de cada tipo, o estereótipo correspondente. Em relação ao negro, poder-se-ia dizer que o preconceito racial consiste, em certo sentido, num característico sistema de reações estereotipadas, mais ou menos integradas, que são adquiridas, por diversos modos, na vida social - não no contato com o negro, mas através da assimilação das opiniões existentes sobre os negros. (ABRAHÃO E SOARES, 2011, p. 270).

Nas falas de Irene percebemos vários estereótipos racistas que ela percebeu ao longo de suas vivências e que associam a imagem do negro a sujo, feio e pobre.

E a professora sempre que passava matéria nova, ela se dirigia a mim, porque eu era esforçada. E o menino ficava assim: "Negrinha, negrinha, negrinha", eu falei "Sim e daí?", e ele respondeu "Você quer aparecer, mas você nunca vai aparecer porque você é negra, você é suja". Mas eu era criança, minha atitude foi dar um tapão na cara do moleque, aí eu falei: "Nossa, você é tão branco que ficou até vermelho" (risos) (Irene).

Engraçado ninguém nunca fala que o negro é bonito. Tem até uma piadinha né que fala que as vezes que o negro é chamado de bonito, eu não sei onde guardei ela, mas ela fala que o negro é bonito quando chega atrasado, que o chefe fala "Bonito hein", aí vai mostrando várias situações, tudo em sentido pejorativo, e era tão legal, porque você lendo você acha graça, o absurdo é grande (Irene).

No comércio mesmo né, você fala que vai pagar com cheque o pessoal fica meio assim, tipo não é porque você é negro, mas por ser negro, já pensam que é pior ainda (Irene).

O destaque que fazemos à questão dos estereótipos é por considerarmos que estes são importantes valores para a compreensão e o combate às práticas racistas. Conforme sinaliza Araújo (2010), os estereótipos permitem compreendermos os valores de ideologias e culturas em práticas sociais discursivas racializadas de nossa sociedade.

Os estereótipos correspondem a imagens ou representações coletivas que categorizam o mundo, são ideias pré-concebidas, universais, que cada sujeito faz de uma classe ou tipo de pessoas, geralmente pejorativas, comuns a um grupo social (ARAÚJO, 2010, p. 20).

O autor explica que o estereótipo é a representação coletiva de um grupo que pode ser criado pelo próprio grupo ou por outro e que no campo étnico-racial integra um sistema ideológico defendendo o *status quo* ou os privilégios de um grupo dominante.

Nunes (2010) tece reflexões sobre estereótipos como algo apresentado pela cultura objetivando justificar um tipo de dominação. De acordo com esta autora, o estereótipo, além de funcionar como forma de orientação de uma realidade complexa, ao apropriar-se dele o sujeito encontra a explicação na cultura para o seu preconceito.

Não há, dessa forma, espaço para a dúvida, nem para a reflexão sobre si ou sobre o outro. Como uma resposta rápida e pedindo por uma estabilidade no pensamento, que não admite mudanças, o estereótipo serve para manter as coisas como estão e o sujeito incólume a qualquer alteração na sua forma de pensar. Para tanto, o pensamento estereotipado utiliza a rigidez de seu conteúdo inalterável (NUNES, 2010, p. 23).

A autora explica que quando um grupo parte do pensamento estereotipado caracterizando outro grupo como ruim, ele fortalece a ideia do seu próprio grupo como bom, sentindo-se menos inseguro dentro de uma cultura ameaçadora.

A estereotipia do negro é uma prática recorrente que faz parte de um discurso algumas vezes aceito e disseminado de forma ainda muito natural. Nosso sistema ideológico, objetivando manter a estrutura de poder, continua a disseminar estas associações do negro às características negativas e desvalorizadas.

A comunidade negra (pretos e pardos) está exposta a um sistema ideológico complexo de subrepresentação de sua identidade na sociedade. Isto é, o negro se encontra oprimido por identidades impostas pelos outros. O que pensamos a respeito de nós mesmos é influenciado expressivamente pelo que os outros pensam de nós. As atitudes de aprovação ou reprovação dos outros nos orientam no aprendizado das funções que nos são atribuídas ou que assumimos. Interiorizando as atitudes dos outros para conosco e nossa conduta, não somente adquirimos novas funções, mas, ao mesmo tempo, também uma imagem de nós mesmos (ARAÚJO, 2010, p. 40).

O que temos que pensar é em que medida estes estereótipos influenciaram e ainda influenciam na construção que mulheres negras fazem de suas autoimagens. Questionamo-nos se, ao serem rotuladas como ladras, sujas, incapazes e outras características hostis, as

mulheres negras podem estar interiorizando valores e associando suas imagens a representações negativas.

Além disso, o que percebemos é que a mulher negra, dentro desta visão social racista e estereotipada, tem um lugar para ocupar. Segundo Pedrosa (2013, apud OIT, 2011) as mulheres negras e pobres, que enfrentam a segmentação ocupacional e a limitação às alternativas de emprego, estão em sua maioria inseridas em ocupações informais e precárias, o que traz consequências para o desenvolvimento social.

Tendo a mulher negra um lugar para ser ocupado, há ainda situações, quando elas estão fora de “seus espaços subalternos”, em que são maltratadas ou subjugadas.

As mulheres colaboradoras narraram experiências que se relacionam com esta questão em diferentes espaços nos quais elas são uma das únicas negras e por conta disso são discriminadas.

E dependendo de onde você frequenta geralmente você vê que é minoria, ou você vai ser a única. Vou pegar a igreja, que é onde eu mais frequento, nos grupos que eu frequento, no grupo do batismo e no grupo da liturgia, eu sou a única negra, negra palhaça né? (Irene).

Nossa, a maior parte dos lugares tem mais brancos mesmo, eu não sei onde estão os negros, eu não sei se pela condição que você tem você frequenta lugar diferente. Não sei onde estão os negros. Tirando a família da gente, quando sai todo mundo junto, não sei, não vejo tantos negros (Irene).

Vamos colocar as lojas que eu gasto, restaurante que a gente frequenta. Às vezes você vai ao teatro, teatro você vê algumas famílias que eu conheço, porque teatro também é um lugar que é um pouco mais caro. Então os lugares que a gente gosta, e que não tem gente da raça da gente (Irene).

Me incomoda no sentido de que eles não tem condição financeira de estar no mesmo lugar que eu esteja, e aí essa condição financeira vem muito da educação. Então essa parte assim me incomoda muito. Eu gostaria que o povo da raça negra tivesse mais condição de frequentar lugares melhores, né? É que a maioria tem os negros como aquela pessoa que tem que servir o branco né? Tipo assim, isso vem da escravidão mesmo né? (Irene).

Na minha sala tem eu e a Luana que somos negras, mas pra mim é tranquilo isso (Monalisa).

Monalisa diz não se incomodar em ser a única negra em alguns lugares, mas Jéssica e Irene se incomodam com o fato de não ter outras pessoas com o mesmo pertencimento étnico que elas, nos espaços que frequentam. Na fala de Irene, percebemos que ela acredita que pessoas negras não estão em alguns dos lugares frequentados por elas porque são espaços considerados elitizados, e o fato de não terem dinheiro não as permitem ali estar.

Uma vez eu fui num show do Roupa Nova, lá no São Carlos Clube. O clube inteiro olhou. Tinha duas negras, eu e mais uma. Mas eu fui recebida, deixaram eu entrar, porque eu tava com convite, e outra é questão de comportamento também né. Mas antes não podia nem entrar (Jéssica).

Nesta fala de Jéssica, além de evidenciar que há locais onde a mulher negra não é bem recebida, podemos analisar outro ponto muito forte sobre aparência e comportamento. Jéssica acredita que as pessoas negras não são mal tratadas ou segregadas por conta apenas de seus pertencimentos étnicos, mas enfatiza que a postura e aparência exercem papel fundamental nas atitudes de racismo e discriminação.

Tem muita mulher que é limpa na casa da patroa, mas na casa dela ela é um horror. E deixam as crianças, vamos supor, se deixa a menina com o cabelo cheio de nó, o que a professora vai falar? Que a mãe não cuida ou que a mãe é relaxada, que a criança é suja. Mas às vezes a criança não é suja, mas o aspecto mostra que é suja, a impressão é essa, e a impressão é a primeira que fica (Jéssica).

Este ponto da fala de Jéssica nos leva a várias reflexões. Jéssica afirma que tem mulheres que são limpas nas casas de suas patroas, mas que não mantêm esse comportamento em suas próprias casas. A partir disto nos questionamos se seria possível uma mulher ter posturas em relação à limpeza e higiene, tão diferentes no seu espaço familiar e na sua atuação profissional e acreditamos que talvez esta fala de Jéssica nos aponte traços de preconceitos e estereótipos negativos, associando a mulher negra à sujeira e falta de cuidado.

Além disso, percebemos um ponto de contradição na sua fala, pois ao mesmo tempo em que ela diz ser uma pessoa muito preocupada e zelosa com sua aparência, ela mesma já foi mal recebida num clube da cidade, frequentado por maioria branca e rica, o que nos indica

que o preconceito é contra seu pertencimento étnico-racial e não com o modo como se veste e se comporta.

Acreditamos que Jéssica, apesar de reconhecer a existência do racismo, tem dificuldades para se enxergar como uma mulher negra e que também é vítima dessa ideologia. Seu posicionamento permite diálogo com as falas de Irene, que em vários momentos da conversa também diz não se incomodar com o racismo, o que acreditamos ser uma possível estratégia de proteção contra as dores que o próprio racismo proporciona.

Concordamos com Zanetti e Sacramento (2008) que práticas racistas e sexistas são capazes de reforçar os lugares de pobreza, subalternização e desconforto em relação aos próprios pertencimentos, o que resulta em desigualdades sociais estatisticamente mensuráveis.

Importante salientarmos outra forma de racismo vivenciado pelas mulheres e que se refere ao discurso que outras pessoas utilizam ao referirem-se a seus pertencimentos étnico-raciais. Como algumas utilizam os termos “morena” e “mulata” no lugar do termo negra, talvez como eufemismo, baseado na crença de que as estarão ofendendo caso digam que são negras. Nesse caso, ser negro surge no imaginário social como algo negativo.

(Referindo-se ao marido) E quando ele queria me irritar ele me chamava de moreninha, pra mim isso era a morte, era pra acabar com qualquer relacionamento, aí já partia pra baixaria, mas ele falava só pra me irritar, e eu ficava muito brava (Irene).

Tem mesmo, tem gente que fala "Ah, mas você é morena", eu pergunto onde. Meu pai falava assim "cor de burro quando foge", a gente perguntava como que era essa cor, e ele mandava a gente olhar no espelho. A gente era criança, e meu pai, eu acho que já falava pra gente se acostumar como você será chamado fora de casa, sabe? (Irene).

(Sobre o espaço de trabalho do seu noivo) Lá no serviço dele, perguntam como eu sou e aí ele fala que eu sou negra, ele assume, porque tem gente que fala “Ai é morena”, não sou morena, eu sou negra, não tem dessa (Jéssica).

Mas pessoas que não te conhecem né, chegam e falam “Que morena bonita”. Eles dificilmente chamam a gente de negra, não sei se é porque eles acham que negro é quem tem a pele mais escura, e como eu não sou tão negra eles me consideram como negra... Não sei, mas

eu sou negra, minha cor é preta, pra mim não tem problema nenhum (Monalisa).

E eu odeio que me rotulem como mulata, eu odeio. Então você quer ver eu ficar brava, é eu chegar num lugar e as pessoas querem me chamar de mulata (Thulany).

Conforme nos indica Ferreira (2002) no imaginário social parece ser ‘politicamente correto’ tratar o afrodescendente como ‘moreno’ que é uma palavra que se enraizou na cultura de nosso país.

É um exemplo de uma situação que revela uma estratégia simbólica de fuga de uma realidade em que a discriminação impera. Dessa forma, as pessoas procuram elementos de identificação em símbolos do grupo considerado social e economicamente dominante, no caso o brasileiro branco-europeu. Tais questões sugerem a dificuldade de se lidar, no Brasil, com o preconceito racial. Este revela-se no dia-a-dia, nas situações mais simples. Numa sociedade em que, apesar da crença consolidada de ser o país da democracia racial, as pessoas desenvolvem um mundo simbólico, cujas características fenotípicas acabam operando como referências para o preconceito. (FERREIRA, 2002, p. 72).

O autor explica que quando pensamos na realidade de negros e negras, esta situação é ainda mais complicada, pois há um discurso racista encoberto por “frases educadas” que alimenta o mito da democracia racial.

É importante a valorização e positivação do termo negro para que pessoas não sintam medo de utilizá-lo e necessidade de substituí-lo por outro. Conforme evidenciamos, o silenciamento das questões étnico-raciais e a busca por palavras que pretendem “amenizar” a negritude são fatores que dificultam a construção positiva da identidade étnico-racial de mulheres negras.

### **3.2.2. A hipersexualização da mulher negra**

*“Falam das mulatas, que estão no céu porque as mulheres negras são mais quentes e nossa, eu detesto esse tipo de comentário!”<sup>28</sup>.*

---

<sup>28</sup> Entrevista Thulany (2013) – Fonte Pesquisadora

Mais um dos resquícios do nosso passado colonial reforçado por uma ideologia machista e racista refere-se à hipersexualização da mulher negra. O estereótipo da sensualidade da mulher negra nada tem de valorização destas mulheres, pois na maioria dos casos elas são vistas e tratadas como mercadoria.

Há então, uma representação social do corpo da mulher negra associado a questões da sexualidade e sensualidade. Conforme nos aponta Nogueira (1999), ao analisarmos a representação social do corpo conseguimos compreender a estrutura de uma sociedade, pois o corpo humano, além de sua formação biológica, forma-se e transforma-se por meio da religião, grupo familiar, classe, cultura e outras intervenções sociais, cumprindo assim uma função ideológica. Relacionando essa construção social do corpo com aspectos de natureza étnico-racial, concordamos com a autora que o corpo negro

[...] socialmente concebido como representando o que corresponde ao excesso, ao que é outro, ao que extravasa, significa, para o negro, a marca que, *a priori*, o exclui dos atributos morais e intelectuais associados ao outro do negro, ao branco: o negro vive cotidianamente a experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade (NOGUEIRA, 1999, p. 43).

Neste sentido a autora traz que a mulher negra encontra-se aprisionada em alguns lugares: a sambista, a mulata, a doméstica o que é herança de nosso passado histórico.

Nos relatos das mulheres colaboradoras, percebemos que muitas delas se incomodam com comentários sobre seus corpos, já que por serem negras são vistas como mais “quentes” e com maior potencial para o sexo. Quando se divulga essa imagem, a mulher negra é vista e valorizada somente por estas perspectivas e não há valorização de sua subjetividade nem de seus sentimentos.

Eu saia e um monte de caras queria ficar comigo, me conhecer, falavam "Quem é essa morena?". Porque querendo ou não é diferente, você chega no meio de uma roda de meninas brancas do cabelo liso; aí chega uma negra peituda com corpão, eles vão olhar e pensar "Nossa, que morena". Então acho que daí eu comecei a me aceitar e elevar minha autoestima, ver que eu era uma menina bonita, que tinha caras que queriam ficar comigo (Monalisa).

Considero uma mulher diferente, porque quando eu saio com as meninas aqui de casa, aqui eu sou a única negra, então eu sou a morena da roda. Sempre escuto "nossa e essa morena", "o morena";

então eu não sou igual a elas, mas eu não sou menos bonitas do que elas. Cada um tem a sua beleza, e eu sou bonita igual a elas (Monalisa).

Nas falas de Monalisa percebemos que este desejo que os homens têm do seu corpo é visto por ela como algo positivo, e ela o utiliza para melhorar sua autoestima. Concordamos que em muitos casos, quando a mulher negra é uma das únicas em um espaço, ela pode sim chamar a atenção e isto pode ser uma ação positiva. Porém, o que percebemos é que neste mesmo espaço nos quais Monalisa relata se sentir bem com esses elogios e esse “desejo” dos homens, ela também já se sentiu excluída e com sua beleza negada e satirizada.

Lembro uma vez que fui numa república, com umas amigas que conheciam os meninos, e eu li na parede deles assim "Eu nunca comeria uma menina de cabelo crespo", nossa fiquei muito brava na hora, pensei que aquilo era ridículo. Mas eu nunca tive nenhum problema em relação a isso (Monalisa).

O que ela leu na parede de uma casa de estudantes universitários marcou sua vida e está ainda em suas lembranças, por isso não acreditamos que ela não teve problemas em relação a isso. Essa questão do corpo da mulher visto como objeto é muito nítido nesta situação. São garotos com nível universitário que frequentam lugares nos quais a temática deveria ser muito bem discutida, escolhendo suas parceiras sexuais por questões estéticas associadas à negritude e que desvalorizam.

Quando pensamos nessa representação do corpo da mulher como objeto, a situação se agrava quando se trata da mulher negra. Pacheco (2008) realiza sua pesquisa de doutorado buscando compreender como gênero, raça e outros marcadores sociais operam nas trajetórias sociais e nas escolhas afetivas das mulheres negras e como essas pensam sobre as experiências da solidão. A autora sugere que raça e gênero, quando combinados, constituem-se como marcadores sociais que afetam mais as mulheres negras do ponto de vista de sua exclusão afetiva-sócio-cultural do que outros grupos, e confirma tal hipótese com pesquisas realizadas sobre a situação das mulheres negras na Bahia e no Brasil, nas últimas décadas.

Torna-se difícil não reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes e ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais que são

“destinados” às mulheres negras, na Bahia e no Brasil (PACHECO, 2008, p. 12).

A autora nos mostra que há representações sociais sobre mulheres negras que as associam ao mundo da natureza, devido às suas características físicas e biológicas “animalescas”. Baseada em Munanga, ela nos mostra que foi nos corpos das mulheres negras escravizadas no Brasil e em outros países que tais ideologias raciais foram perpetradas.

Nas falas das mulheres colaboradoras, percebemos seus incômodos e indignações quando são analisadas e subjugadas pelos seus corpos, que são estereotipados socialmente como mais sensuais ou com melhores desempenhos sexuais.

E aí quando você escuta alguns brancos falarem, é tipo desejando, a mulher negra que é muito bonita eles veem como prostituta, eu percebo que eles veem assim, e eu não sei mesmo quando isso vai mudar (Irene).

O corpo da mulher negra quando bem cuidado é muito lindo. Infelizmente também, a gente sabe que muitas, por ter o corpão, levam para o outro lado. Tem a questão da mulata, quando fala em mulata já pensa naquele mulherão que é pra que? Infelizmente né? Então se é aquela mulata, linda, gostosa, o pessoal acha que é pra outra coisa, eles olham como mercadoria (Irene).

Nossa, mas como isso é engraçado né, o branco quer ficar na dele lá, acha que você é uma raça inferior, mas como pode ter tanta mistura? Eles falam que não gosta, mas como mistura? Tem uns que casa com a mulata, porque acha ela tão linda que casa, mas eu acho que a maioria acha que é um artigo né? (Irene).

E eu odeio que me rotulem como mulata, eu odeio. Então você quer ver eu ficar brava, é eu chegar num lugar e as pessoas querem me chamar de mulata, ou quererem falar assim: “eu gosto das pretas porque as pretas são mais quentes”. Isso me deixa mordida, porque, infelizmente, a gente vive numa sociedade de rótulo. E criaram rótulos em cima de nós e não há meio desses rótulos serem quebrados, então eu acho que tem muito que se trabalhar (Thulany).

Tem um barzinho aqui que chama Toca da Crioula, e está sendo frequentado por muitas pessoas brancas, então a gente chega e

parece que é novidade, e as pessoas querem te oferecer bebidas, comprar você com bebidas, falam das mulatas, que estão no céu porque as mulheres negras são mais quentes. Nossa, eu detesto esse tipo de comentário, principalmente porque quando você começa a entender um pouco mais de história, você vê que os fazendeiros faziam isso com as escravas, saíam com elas, transavam com elas (Thulany).

Gomes (2010) desenvolve uma pesquisa objetivando analisar o imaginário social que existe em torno do Brasil como um paraíso de mulatas, bem como a relação do turismo com esse imaginário. A autora parte do entendimento deste imaginário como uma construção discursiva que articula construções e disputas em torno da identidade nacional, racial, de gênero e sexualidade. A autora também mostra essa questão da associação da mulher negra e mulata à natureza e ela acrescenta nos mostrando que há um imaginário que as considera e as vende como parte da paisagem brasileira, como paraíso.

Nesse paraíso Brasil, a mulata começa a se destacar como atrativo para diferenciar o paraíso Brasil de outros destinos construídos como paradisíacos. O imaginário de brasilidade deve ser reforçado para que o Brasil se torne destino turístico, assim a fusão entre mulher e natureza na comercialização do paraíso, deve ser reforçada com a fusão de mulher e cultura, com a comercialização da mulata. Assim, o Brasil se torna um paraíso de mulatas, onde natureza exuberante, mulheres sensuais e mestiçagem, fundem-se na figura da mulata (GOMES, 2010, p. 54).

A autora enfatiza que a mulata é “construída como síntese da miscigenação sexual e racial, como erótica, disponível, alegre, cheia de ginga” (GOMES, 2010, p. 68). Desta forma sua imagem se relaciona a uma identidade de gênero que leva a crença de que esta mulher é hipererotizada e disponível ao homem branco.

O que percebemos é que a supererotização do corpo da mulher negra é mais um dos estereótipos que objetivam diminuí-las e violentá-las. É necessário desconstruir o imaginário social da mulata erotizada para que socialmente a mulher negra seja reconhecida e valorizada pelas suas subjetividades, sua cultura e sua capacidade intelectual.

### 3.2.3. Estratégias de luta e combate contra práticas racistas e discriminatórias

*“E isso é verdade: quem é negro tem que ir além, sempre ir além.”*<sup>29</sup>.

Se por um lado os relatos das mulheres colaboradoras e suas vivências relacionadas ao racismo e discriminações nos causam profundos incômodos e indignação, por outro, quando ouvimos suas estratégias de luta contra estas práticas, somos capazes de reconhecer suas forças e seus desejos de modificar esta realidade opressora.

Mulheres que sofrem quase que diariamente em uma sociedade com inúmeras práticas que objetivam a desumanização e desvalorização de um grupo étnico-racial, também lutam diariamente para provar seus valores e para (sobre)viver em uma sociedade racista, na qual a mulher negra é vista socialmente, a partir de inúmeros estereótipos negativos.

Santos (1983) realiza estudo sobre questões étnico-raciais a partir da psicanálise e aponta que o negro está numa constante busca por um ideal impossível de ser alcançado e que nessa busca ele vive em constante luta para encontrar meios de eliminar seu sentimento de culpa e inferioridade.

Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco, lhe é impossível (SANTOS, 1983, p. 40).

A autora aponta que há influência do núcleo familiar, das instituições de ensino e também da indústria cultural e que esta influência leva a pessoa negra a uma busca constante pelos ideais brancos, e com isso, o/a negro/a acaba introjetando o racismo e rejeitando sua identidade. Seria necessário então que a mulher negra seguisse por outros caminhos e encerrasse a luta por um ideal que se distancia da sua realidade. A autora nos mostra que um ideal construído por meio da militância política é capaz de transformar esta realidade, pois ao se compreender como objeto da opressão o negro é capaz de lutar de forma ativa, alcançando sua real libertação.

Percebemos esta questão da militância como estratégia para a modificação da realidade principalmente na fala de Thulany, que sempre conviveu em espaços nos quais a discussão sobre a negritude era fortemente presente.

---

<sup>29</sup> Entrevista Thulany (2013) – Fonte: Pesquisadora.

A gente tinha as conversas de forma muito tranquila, porque eu viajava com meus pais desde muito pequena para congressos. Então para mim foi de forma muito natural, eu convivia com crianças negras, convivia naquele cerco de palestras, então pra mim eu tava em casa, tava no meu mundo, não sofria com isso, eu gostava. Gostava de estar no meio de Jongo, de estar no meio de dança de roda (Thulany).

Mesmo se eu quisesse pensar: "Que saco ter que ficar discutindo isso, essa conversa de preto, racismo não existe..." Mas não tem como, é forte na gente, e essa coisa de educação dos pais ela passa. Porque meu filho chama Daruê, é também um nome africano, significa força, coragem. E mesmo a educação que eu tive, eu passo pra ele, porque é um nome diferente, que ninguém tem, então daqui a pouco ele vai perguntar pra mim o porquê desse nome e da mesma maneira que eu fui ensinada ele também vai ser ensinado. Porque infelizmente a gente sabe que o preconceito existe, não tem como fugir disso, e a gente tem que se educar para poder viver nesse mundo aí, que tanto nos bate (Thulany).

Nas falas de Thulany podemos analisar dois pontos muito importantes. O primeiro, conforme já apontamos, é sobre a importância da militância como forma de luta contra o racismo. Thulany frequentava e ainda frequenta espaços que a fazem refletir sobre as práticas que vivenciava, e mais do que isso, em um grupo preocupado com questões étnico-raciais ela aprendeu que o negro precisa se reconhecer como vítima de um sistema de opressão e lutar de forma ativa para não mais ser visto com inferioridade.

Um segundo ponto que essas vivências permitiram a ela, foi compreender que o racismo existe sim e que não adianta utilizar de um discurso de sua inexistência como forma de lutar contra ele.

Um discurso muito veiculado socialmente é justamente sobre a inexistência do racismo em nosso país. Novos estudos apontam a existência de um racismo sutil, que seria uma manifestação não declarada e indireta das discriminações étnico-raciais.

Conforme nos sinaliza Nunes (2010),

Em uma sociedade abertamente racista, a discriminação não costuma apresentar ambiguidades. No entanto, em uma sociedade democrática, as ideias racistas estão em conflito com as normas não racistas da democracia. O racismo sutil existe provavelmente porque os países que se dizem democráticos já têm um norma antirracista clara (NUNES, 2010, p. 28).

A autora defende a necessidade de despertarmos o preconceito, ou seja, não permitir que pessoas sejam conformistas ou “cegas” à marginalização vivida pelas minorias, o que acaba por contribuir com a manutenção da ordem social. Há necessidade de se despertar a consciência da existência do racismo nas relações sociais.

Por isso concordamos com Ferreira (2002) que o fato de em nosso país o preconceito não ser abertamente afirmado, traz dificuldades para a elaboração de leis que favoreçam sua reversão. De acordo com ela, ao partirmos de uma ideologia que propaga a aceitação e valorização social das diferenças, estamos encobrindo a realidade e não permitindo que as pessoas se engajem em políticas efetivas voltadas para a melhoria de suas condições sociais.

O destaque que fazemos a esta questão é por percebermos na fala de algumas mulheres colaboradoras que em alguns casos elas utilizam dessa “cegueira” para as práticas racistas, como estratégia para se proteger deste sistema de opressão.

Não sei se eu sou meio doida, se não ligo pra essas coisas. Tem gente que sofre mais, eu nunca me importei. Eu penso assim, se eu vou pra um lugar e vejo que eu não sou aceita, eu saio e boa (Irene).

E eu fui conquistando o respeito das pessoas, não de todos. Porque tem uns que são preconceituosos e não assume, e eu deixava eles de lado né? Desde que não me incomoda, eu fico na minha. Se não gostar de mim, ótimo, se quer ser minha amiga, ótimo, se não quer, tudo bem. A vida é muito simples, não adianta você querendo ser aceita, você é o que é. O importante é a gente se aceitar como é. Isso eu aprendi de criança: se você se aceitar as pessoas vão gostar de você. Mas se você ficar com história com você mesmo, se não se aceitar, quem vai te aceitar? Não adianta ficar com história, você é o que é. E eu sou assim, sempre feliz, de boa (Irene).

Quer dizer eu nunca parei pra perceber tanto a discriminação assim, que eu tenho muitos amigos, a maioria brancos, e eu acho que eles me aceitam do jeito que eu sou, porque eu não fico me preocupando se eu sou negra, se onde eu estou eu sou a única negra (Irene).

Eu acho que o preconceito começa em você. Se você não se assumir, não assumir seu cabelo crespo, o natural desde que seja bem cuidado, não adianta [...] Mas a pessoa quer ser o que ela não é, ela quer ter pele clara de qualquer jeito, ela quer ter olho azul, quer ter cabelo liso. Porque o cabelo crespo cai? É de tanto as pessoas alisarem, de

tanto forcarem pra baixo, e o cabelo é um mola, se você esticar demais ele vai estourar. Dai a pessoa sofre preconceito. A própria pessoa não se aceita, Então tudo que eu faço a pessoa acha lindo, porque eu me aceito (Jéssica).

É como se Irene e Jéssica acreditassem que se a pessoa negra não se importar com a existência do racismo ele, por este motivo, deixará de existir. Quando falam sobre aceitação, percebemos que acreditam que se a mulher negra tem uma boa aceitação de seu pertencimento étnico-racial e de sua aparência, ela não sofrerá mais preconceito racial.

Estas falas de Jéssica e Irene apontam pontos de contradição, pois ao mesmo tempo em que elas dizem ter uma boa aceitação de suas negritudes elas são vítimas de racismo, o que nos mostra que somente a aceitação não é o caminho para o fim do racismo.

Outra fala importante de Irene para conseguirmos dimensionar suas percepções sobre racismo é:

Não tem como fugir disso, a gente sabe disso. Só que é um preconceito disfarçado. O negro hoje em dia tem que lutar muito pra provar que é gente também, que tem os mesmos direitos que os outros, apesar de uma falsa liberdade né? Porque a gente sempre vai ter que conviver com isso (Irene).

O que percebemos é que ao mesmo tempo em que ela utiliza o “não se importar com o racismo” como estratégia para não sentir as dores proporcionadas por ele, ela tem a consciência de que o racismo existe e mais do que isso, que em nossa sociedade ele atua de forma disfarçada.

Essa reflexão sobre o racismo velado e sobre o discurso veiculado da não existência do racismo também está presente na fala de sua filha, Dandara.

O pior é as pessoas falarem que não existe mais preconceito, que no Brasil não tem (Dandara).

Acreditamos que perceber o racismo e aceitar que mesmo quando de forma velada ele atua em nossa sociedade de forma negativa, pode ser um primeiro passo para que estas mulheres lutem pela mudança desta realidade opressora.

Outro ponto presente nas falas, principalmente de Jéssica e Irene, refere-se à necessidade da pessoa negra ir além, buscar ser melhor do que todos/as como forma de eliminar o racismo ou pelo menos amenizar os preconceitos.

É o olhar da pessoa, eu não me sinto diferente, não me sinto menos porque eu não tenho o tanto que aquela pessoa tem, ou não faço as coisas que ela faz. Não, se eu quiser aquilo que ela tem, eu vou correr atrás, entendeu? (Jéssica).

Só que eu acho que a pessoa que é negra, ela é conformada com a vida que tem. Se a maioria não fosse conformada com a vida que tem, você pode ter certeza que ia ter muito mais estudante, muito mais gente formada, muito mais dentista, médico negro, isso ainda é muito raro, eu nunca vi um médico negro aqui em São Carlos (Jéssica).

Você vai pra um escritório, ou qualquer outro trabalho, você tem que se sobressair como negro, porque as pessoas vão olhar pra você como se você não tivesse capacidade de pensar, então você tem que ser melhor que os outros (Jéssica).

Então na escola que eu entrei eu era a melhor, por nota, então eu me sobressaia, se eu não estou contente com o mundinho que eu vivo, eu luto sabe? (Jéssica).

A parte que eu me preocupo para elas serem melhor em tudo é mais pra elas conseguirem lidar na vida com esse preconceito que existe mesmo, e é disfarçado, e a gente sabe (Irene).

Branco erra, tudo bem, e negro não pode errar. Mas eu lido bem com isso, porque assim, quando eles exigem que você seja melhor, você tem que ser melhor e você vai superar muito isso. [...] Porque quando a gente sai pra provar que é melhor a gente supera. Eu sempre pensei assim, e eu crio minhas filhas assim, pra ser melhor em tudo (Irene).

Mas eu lido bem com isso, porque assim, quando eles exigem que você seja melhor, você tem que ser melhor e você vai superar muito isso (Irene).

Você quer ser alguém, tem que ter estudo. Mas, me colocar na sociedade... Eu aprendi que eu tinha que ter diferencial (Jéssica).

Você vai pra um escritório, ou qualquer outro trabalho, você tem que se sobressair como negro, porque as pessoas vão olhar pra você como

se você não tivesse capacidade de pensar, então você tem que ser melhor que os outros (Jéssica).

Ainda nesta questão de superação como forma de minimizar o racismo, outra questão central nas falas das mulheres colaboradoras se refere à necessidade da pessoa negra estudar e conseguir 'ser mais' por meio do estudo.

Então, é uma coisa que você tem que criar seus filhos diferentes, tem que dar estudo pra eles, não deixar que eles pensem que o negro não tenha capacidade, porque quando a gente sai pra provar que é melhor a gente supera... Eu sempre pensei assim, e eu crio minhas filhas assim, pra ser melhor em tudo, principalmente na parte da educação. Provar que tem educação mesmo, porque tendo educação você vai estar bem em qualquer lugar (Irene).

Na verdade o negro tem que mudar muito, a mentalidade dos filhos que não se importam. Você tem que ensinar muito seu filho, incentivar o estudo pra ser alguém na vida (Irene).

Então isso eu levei pra vida toda, foi aí que eu parei mais pra pensar ainda, sobre o que meu pai falava que pra ser diferente, você tem que estudar; pra você crescer na vida você tem que estudar, porque você tem que provar que é melhor sempre. E isso é verdade. E quem é negro tem que ir além, sempre ir além (Thulany).

Então se eu tiver que estudar mais pra entrar num lugar que eu quero, num serviço que eu quero, eu vou estudar mais, vou entrar, pronto e acabou, entendeu? (Jéssica).

Você quer ser alguém, tem que ter estudo. Mas, me colocar na sociedade... Eu aprendi que eu tinha que ter diferencial (Jéssica).

Se as pessoas não saírem do lugar, não vai. Principalmente estudando, isso de abrir as portas da universidade, isso é uma maneira de o negro estudar sabe? (Jéssica).

Concordamos com as mulheres colaboradoras sobre a importância do estudo como forma de combate ao racismo, pois acreditamos que o estudo aliado a uma postura política em relação às questões étnico-raciais faz parte do caminho da luta antirracista.

Neste sentido, compartilhamos do entendimento de Nunes (2010) que há necessidade da negritude se consolidar enquanto movimento contra a alienação do negro e a falta de consciência histórica.

Todo esse movimento não prescinde do fechamento do negro em uma possibilidade identitária. Se a essencialização do negro não é possível nem desejável, mas a ideia de negritude continua existindo nas relações concretas, as perguntas persistem: o que é ser negro? O que é possível fazer em um país como o Brasil, em que a diferença não é cultural ou étnica, mas marcada pela aparência fenotípica, pela lembrança da raça? Como isso é vivenciado pelos sujeitos negros? O que é se sentir negro? O que é se afirmar negro? O que é ter o fantasma da negritude sem a sua assunção? (NUNES, 2010, p. 55).

Não temos a pretensão de responder estas indagações propostas, mas acreditamos que uma reflexão consciente sobre questões da negritude se constitui como ferramenta essencial para o combate às práticas racistas e discriminatórias.

Além disso, é válido destacar que as mulheres colaboradoras, assim como outras mulheres negras, não são passivas no processo de racismo, mas ao contrário, elas lutam diariamente e desenvolvem estratégias para modificar uma realidade que insiste em negá-las.

### **3.3. Cabelo Crespo e Identidade Negra**

Cabelo veio da África  
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges  
Rebolos, bundos, bantos  
Batuques, toques, mandingas  
Danças, tranças, cantos  
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa  
Se eu quero enrolar, deixa  
Se eu quero colorir, deixa  
Se eu quero assanhar, deixa  
Deixa, deixa a madeixa balançar.<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Música: Respeitem meus cabelos brancos – Compositor e Intérprete: Chico César

Conforme evidenciamos anteriormente com a questão suleadora desta pesquisa “*De que forma o cabelo marca a construção da identidade na trajetória de vida da mulher negra?*”, objetivávamos compreender a relação da mulher negra com sua estética, analisando de que forma o cabelo é um fator de influência na construção da sua identidade.

À medida que conhecíamos as mulheres colaboradoras e elas conheciam nosso trabalho e nossa intenção de pesquisa, percebemos que nossas conversas ultrapassariam os limites da questão de pesquisa, pois para compreender as identidades étnicas e a relação que estabeleciam com seus cabelos, teríamos que visitar suas formações no espaço familiar e escolar, suas vivências de racismo e discriminações e suas percepções sobre o significado do “ser negra” em nossa sociedade.

O que queremos dizer é que a compreensão da construção identitária nos é possível em outros momentos além dos que as mulheres colaboradoras se referem diretamente a isso, pois ao narrar suas vivências, mesmo quando não relacionadas diretamente a questões estéticas e identitárias, essas mulheres nos mostram como se constroem e reconstroem diariamente a partir de seus pertencimentos étnico-raciais.

Válido destacar também que em nosso trabalho a discussão sobre negritude não tem como base uma visão essencialista. Analisamos o “ser negro” a partir de questões das identidades sociais numa perspectiva dinâmica, na qual o sujeito se constrói e reconstrói nas diversas práticas sociais que estabelece cotidianamente. Nossa compreensão de identidade parte do sujeito pós-moderno, considerando sua multiplicidade e mobilidade contínua, uma vez que este se forma e se transforma nas relações que estabelece e na realidade cultural em que se insere (Hall, 2006).

Nesta pesquisa buscamos compreender o processo de construção identitária nas mulheres colaboradoras, mas é válido destacarmos dois pontos que nos conduziram nesta compreensão. Primeiramente reconhecemos e valorizamos a complexidade identitária que constrói cada uma delas enquanto sujeito, uma vez que as colaboradoras, além de suas identidades étnicas, são mulheres que exercem diversas profissões e que participam de diversas práticas sociais, o que significa que possuem variadas identidades para além da que analisamos nessa pesquisa.

Um segundo ponto é que por acreditarmos que identidade é algo dinâmico, compreendemos que nossa análise é de um momento específico da identidade destas mulheres. Provavelmente se desenvolvermos esta pesquisa em momento posterior, suas vivências serão outras e suas compreensões sobre identidades também.

Este foco de análise busca na fala das mulheres colaboradoras suas compreensões sobre construção de identidade e identificar se a adoção das diversas formas de manipulação do cabelo crespo é utilizada para a afirmação ou negação destas identidades.

### **3.3.1. Alisado, trançado e natural: as escolhas das mulheres colaboradoras**

*“Eu gosto de ficar mudando, cansa ser de um jeito só”<sup>31</sup>.*

Nossa escolha pelas mulheres colaboradoras, conforme evidenciamos no percurso metodológico, procurou a diversidade de adoção nas formas de manipulação dos cabelos crespos. Questionávamos o significado dessas escolhas e objetivávamos descobrir como cada forma de uso do cabelo poderia ser um fator de influência para a construção de suas identidades.

Conforme nos aponta Paixão (2008), o cabelo é um dos elementos que tem maior viabilidade e destaque em nosso corpo e dentro das diversas realidades culturais e pessoais ele varia em relação às suas características como visibilidade, crescimento, diferentes cores e texturas e técnicas de manipulação.

Evidenciamos o que nos aponta Gomes (2008) que o cabelo é um dos elementos do corpo humano mais maleável e com mais possibilidades de manipulação e que

A manipulação do cabelo pode ser vista como uma das muitas formas criadas pelo homem e pela mulher, no plano da cultura, para afirmar sua condição humana. Para tal, são criadas técnicas e fabricados utensílios que, aos poucos, vão se tornando motivos de arte quando a eles é acrescentado algo mais que, no plano prático, não tem nenhuma utilidade. (GOMES, 2008, p. 209).

O cabelo crespo possibilita inúmeras formas de manipulação por ter uma estrutura de fios que permite melhor fixação e definição dos penteados. Percebemos esta questão na realidade de quase todas as mulheres colaboradoras, seus cabelos são versáteis e elas reconhecem e valorizam este aspecto e modificam seus cabelos de acordo com o momento que estão vivenciando.

---

<sup>31</sup> Entrevista Dandara – Fonte: Pesquisadora (2013).

A seguir apresentaremos algumas das adoções já utilizadas pelas mulheres colaboradoras.

### 3.3.1.1. Irene

Das mulheres colaboradoras, Irene é a única que nunca fez uso de nenhum produto químico para modificar a estrutura do seu cabelo. Ela adota o estilo Black Power desde muito jovem e a única vez que utilizou o cabelo liso foi quando fez catequese e sua mãe alisou seu cabelo com o procedimento físico do pente quente <sup>32</sup>.

É que eu gosto de coisa natural, e você alisar não é natural. Eu me sentia muito esquisita quando tava com o cabelo alisado. Mas como a mãe mandava né? Então a gente obedecia (Irene).

Ficava liso, eu não lembro se eu tenho foto. Era a chapinha de agora. Mas arrebatava muito, eu achava muito estranho, eu não gostava. Mas minha mãe achava que era mais prático e aí você ficava com os cabelos lisos (*muitos risos*) (Irene).

Analisar as questões geracionais neste ponto da análise nos parece relevante. As vivências de infância e juventude de Irene ocorreram em tempo distinto do que as outras mulheres colaboradoras. Apesar de técnicas e produtos de alisamento existir no mercado há um tempo considerável, foi nas últimas décadas que se intensificou a divulgação, e consequentemente, a adoção destas práticas. O fato de Irene nunca ter desejado alisar seus cabelos e se mostra muitas vezes contra essa prática pode ser também por ter vivenciado um período em que não havia tanta acessibilidade às técnicas para alisamento capilar.

Quando analisamos suas falas, percebemos que além de ser desfavorável ao uso de química para alisar, ela tem um posicionamento muito seguro e positivo em relação ao seu cabelo natural e parece estar muito satisfeita com ele, já que é um cabelo que a agrada e traz praticidade. Sobre cabelo alisado ela diz:

Eu, de livre e espontânea vontade, nunca quis. Eu não sou contra quem faz, quer fazer, se sente bem, então faz. Mas pra mim eu não

---

<sup>32</sup> Os pentes quentes são feitos de metal e aquecidos no fogo. É uma técnica não tão utilizada nos dias de hoje que objetiva alisar temporariamente o cabelo crespo e ondulado.

gosto, eu gosto de assumir assim, natural, eu acho mais fácil. Passar química dá muito trabalho, creme disso, daquilo, acho que tenho preguiça também (Irene).

Apesar de em sua fala ela apontar sua escolha a partir de aspectos da praticidade, reconhecemos que ter o cabelo utilizado no estilo Black Power, quando socialmente e midiaticamente se vende e se valoriza um cabelo com características tão distantes desta, reflete, mesmo que de forma não intencional, um posicionamento político.

Concordamos com Coutinho (2010) que o cabelo crespo é tido como empecilho à beleza e mulheres buscam constantemente formas de modificá-lo para diminuir sua insatisfação. Assumir o cabelo crespo dentro da sociedade é uma forma de incômodo para algumas pessoas não negras e aquele que insiste em utilizar seu cabelo de forma natural é vítima de estigmas e de exclusão. Em nossa conversa, conforme evidenciaremos em momento posterior, Irene não utiliza de um discurso de afirmação da negritude evidenciado por seu penteado no estilo Black Power, porém por estarmos em um momento histórico no qual o cabelo crespo é ainda negado e desvalorizado, associamos esta forma de manipulação a uma postura de afirmação de seu pertencimento étnico-racial.

### **3.3.1.2. Dandara**

Se Irene é das mulheres colaboradoras a que menos modifica a forma de manipulação do seu cabelo, Dandara, sua filha, é o oposto. É de fato a que mais modificou seu cabelo, e mesmo ainda muito jovem, já conhece as mais diversas formas de manipulação do cabelo crespo.

Eu gosto de ficar mudando, cansa ser de um jeito só (Dandara).

Percebemos que ainda muito jovem Dandara fez uso de sua primeira química de alisamento capilar e que o resultado deste procedimento não correspondeu às suas expectativas.

Minha mãe às vezes me levava pra trançar o cabelo, e era mais prático pra mim, porque aí não tinha que pentear todo dia, e acho que com onze anos fui ao Silas pra fazer relaxamento. Mas eu pensei

que fosse ficar cacheadinho, mas aí alisou, aí eu comecei a deixar ele liso mesmo, fazia escova, tinha uma época que eu pintava de vermelho, super discreta (*risos*) (Dandara).

O uso de procedimentos químicos que modificam a estrutura do fio do cabelo crespo são técnicas que além dos riscos a saúde traz como problemática a questão da não previsibilidade dos resultados. As químicas são fortes e não são desenvolvidas de forma a respeitar a diferença estrutural capilar de cada mulher, por isso é comum ocorrer o relatado por Dandara, e após o uso, o cabelo não responder da forma esperada.

O que trazemos como importante nesta análise sobre Dandara é a sua ousadia e segurança em relação às mudanças que faz em seu cabelo. Percebemos que ela faz suas escolhas pelas mais diversas formas de manipulação, independente de tendências da moda e da aceitação social.

Aí eu comecei a trançar o cabelo direto com minha prima, até hoje ela que trança pra mim. Aí eu trançava tudo colorido, já fiz com lã roxa, eu gosto de fazer umas coisas diferentes [...]. Aí depois eu continuei trançando, já fiz até dreads de lã (Dandara).

Acho que quando eu tinha, não lembro quantos anos eu tinha, mas eu fui ao salão e fiz amaciamento, ele não ficou liso, ele ficou só mais pra baixo (Dandara).

Além disso, percebemos que suas escolhas são muitas vezes feitas por conta da praticidade, pois conforme suas falas evidenciam, a praticidade e o não ter que levantar cedo para cuidar do cabelo são questões muito importantes para Dandara.

Mas o que eu não gosto mesmo é de pentear, até hoje eu detesto ter que acordar cedo pra pentear o cabelo, por isso eu gosto de trançar, a trança dá menos trabalho. O Black dá trabalho, às vezes até dói (Dandara).

Mas cuidar dá trabalho. Eu gosto de cuidar do cabelo dos outros, mas eu queria ter alguém pra cuidar do meu (*risos*) (Dandara).

É que eu não acho prático mesmo, eu tinha que acordar mais cedo, fazer chapinha, e eu não gosto de acordar cedo. Pensando bem eu acho que o melhor seria raspar (*risos*) porque aí nem precisa acordar

cedo. Quando eu usava trança era bom, acordava e nem precisava olhar no espelho (Dandara).

Válido destacar que no momento que realizamos a pesquisa pudemos conhecer Dandara com dois penteados distintos: cabelo no estilo Black Power e cabelo parcialmente trançado. Quando analisamos suas escolhas percebemos que mesmo quando não intencional, Dandara demonstra coragem e posicionamento positivo em relação à negritude por meio de seu cabelo. Para uma menina jovem, com vivências em espaços com minoria negra, o uso do cabelo no estilo Black Power é um posicionamento político em prol das questões étnico-raciais.

### **3.3.1.3. Jéssica**

As considerações de Jéssica a respeito do cabelo crespo são bastante pertinentes por conta dos conhecimentos advindos de sua atuação profissional em um espaço voltado para a beleza da mulher negra e do cabelo crespo. Apesar de vivenciar e se construir nesta realidade, Jéssica tem uma fala bastante contraditória que nos permite afirmar que suas concepções acerca do cabelo crespo ainda estão em construção e que a reflexão sobre elas é essencial para que sua atuação no salão Raízes Black Power tenha também uma postura política e de valorização da beleza negra.

Jéssica, desde o começo de nossa conversa, se mostra bastante favorável ao cabelo crespo e diz valorizar sua beleza. Válido destacar que o cabelo crespo tem suas peculiaridades quando comparado a outras estruturas de fios e uma delas é o fato de ser mais volumoso e por isso ficar mais armado. Devido ao formato enrolado dos fios, o cabelo também se embaraça com maior facilidade, o que exige dedicação e cuidados. Jéssica reconhece estas questões e nos traz que muitas mulheres que frequentam o salão sofrem por não ter essas percepções sobre seus cabelos.

Porque algumas acham que o cabelo dela é ruim, e não é ruim, é um cabelo mais complicado, mais trabalhoso, mais seco, então tem que tirar um pouco a ideia das pessoas de achar que o cabelo delas é duro, que o cabelo é feio (Jéssica).

Vemos que Jéssica tem a consciência de que não é por exigir maiores cuidados que o cabelo crespo tem que ser considerado ruim ou desprovido de beleza, ela nos traz a necessidade de desconstrução de mentalidade das próprias mulheres negras que acabam por interiorizar e reproduzir esses valores negativos acerca de seus cabelos.

Apesar de Jéssica dizer valorizar a beleza do cabelo crespo no estilo natural e trançado, ela parte da crença que este cabelo só pode ser utilizado de forma natural e com volume em alguns espaços.

Tem empresa que não é pra você chamar atenção, tem coisa que você vai prestar serviço. É aquilo que eu falei: uma juíza não pode estar com um Black deste tamanho (Jéssica).

Porque, o que acontece, as pessoas não vão dar atenção pra ela, para o que ela está falando, vai dar atenção pro cabelo dela, tem coisa que não é pra se chamar atenção. Entendeu? (Jéssica).

Então a profissão faz o jogo, você quer usar o cabelo armado, quer usar? Ótimo, use, mas não no lugar de trabalho, entendeu? (Jéssica).

Mas é difícil você ver os caras, tipo um advogado de Black. Um médico de Black, não pode, porque não pode ter cabelo, tem que ter o cabelo curto. Um dentista de Black... Não pode ter. Um juiz com aquele cabelão, não é, entendeu? No máximo o que a gente vê é um artista ou outro (Jéssica).

Os meninos que usam tranças de repente tem tipo um trabalho, aí a gente molda o cabelo dele mais baixinho, faz um relaxamento pra ele passar na entrevista, porque de Black não vai passar (Jéssica).

Podemos relacionar estas falas de Jéssica com a pesquisa de Gomes (2008) que tece reflexões sobre a interpretação de pessoas negras sobre a maneira como devem tratar seus corpos e como deve ser sua apresentação diante do outro, sempre buscando boa aparência e limpeza. Deste modo a pessoa negra constrói um desejo quase obsessivo de estar sempre bem apresentado para garantir seu lugar na sociedade, para ter respeito e principalmente para ingressar no mercado de trabalho.

A autora ainda traz que o cuidado com a estética do corpo negro pode significar uma reversão da imagem socialmente construída sobre seu grupo étnico-racial.

Diante de uma inevitável incorporação de uma representação negativa de si mesmo, construída pelo outro e por uma condição histórica e social de desigualdade, o negro e a negra aprendem a manejá-la pelo avesso (GOMES, 2008, p. 141).

Neste mesmo caminho, apresentamos a pesquisa de Fagundes (2007) sobre o fortalecimento da identidade do afrodescendente no Brasil por meio da arte de penteados para cabelos deste perfil. A autora analisa que apesar de em nosso país as formas de usar os cabelos não terem significados tão determinantes, é importante atentarmos que além da utilidade inerente do ato de "arrumar" o cabelo, a cultura ainda tem códigos muito próprios para justificar tal ato, pois as formas de manipulação do cabelo podem ser consideradas modos de viver, pensar e sentir o mundo, expressos de forma comum entre pessoas de mesma cultura.

Sendo o cabelo uma das expressões do código cultural de um sujeito, não podemos continuar na crença de que há cabelos para cada espaço ou para cada profissão. A mulher negra deve ser livre para fazer suas escolhas em relação a seus cabelos e não pode ser privada de nenhuma atuação profissional por conta disto. Acreditamos que este discurso de Jéssica parta de uma visão social que ainda considera a beleza negra como algo exótico que deva se restringir a alguns espaços como, por exemplo, televisão.

O que percebemos em vários pontos de sua fala é que ela considera que o negro tem que ter um cuidado maior com sua estética e com sua higiene, e por este motivo ela sempre aponta a manutenção das técnicas de manipulação como fundamental.

Eu sou da seguinte opinião, não sei se é pelo fato de ser cabeleireira, mas se você quer usar um Black, então usa ele arrumado, bonitinho, não uma ponta aqui, outra ponta lá, e sai pra rua achando que tá abafando, que não é. Entendeu? (Jéssica).

É a manutenção. Não adianta você colocar cabelo e não vir fazer manutenção, fazer relaxamento e não fazer a manutenção (Jéssica).

Quando realizamos a pesquisa, Jéssica estava utilizando seus cabelos relaxados. Apesar de reconhecer que as técnicas de alisamento estão em evidência nos dias de hoje, ela nos conta nunca ter pensado em alisar seus cabelos, pois sabe que este tipo de técnica danifica os fios e prejudica o cabelo da mulher negra.

Hoje o que está no mercado do cabelo crespo é alisamento, independente se for uma pessoa clara ou uma pessoa negra (Jéssica).

Eu não tenho mania de alisar até hoje, eu nunca tive vontade de alisar, fazia uma escova de vez em quando, mas era raro. Eu aprendi a gostar do meu cabelo mesmo sabe? É... Acho que quando você aprende a cuidar é mais fácil, porque aí você aprende a gostar, aprende a se virar. Nunca desejei ter cabelo liso, escorrido, nunca foi assim, porque eu mesma era cabeleireira e podia ter passado coisa na minha cabeça (Jéssica).

Por isso eu nunca sofri preconceito, por isso eu nunca quis alisar meu cabelo. Porque além dos conceitos, que eu estudei, eu sei que não dá, que eu vou maltratar meu cabelo, não vai acontecer, e eu nunca quis ser uma pessoa que não fazia parte do meu meio (Jéssica).

Jéssica faz uso de relaxamentos, que apesar de ser uma técnica que utiliza de procedimentos químicos e modifica a estrutura dos fios, em alguns casos, é menos agressivo que o alisamento.

No meu cabelo eu tenho relaxamento só na franja, o resto é natural (Jéssica).

De vez em quando eu ia com ele solto, mas na época eu não gostava muito de cabelo solto, armado, aí eu fui crescendo, amadurecendo, e os conceitos vão mudando, e aí eu fui fazendo relaxamento a cada três meses, e eu mantinha ele cacheado, do jeito que ele é aqui (Jéssica).

Jéssica tece considerações importantes sobre o cabelo crespo. Concordamos com ela que os cuidados de higiene e cuidados com o cabelo são fundamentais, mas salientamos que estas questões não se referem somente à mulher negra, mas a todas as outras. Jéssica tem uma fala sempre muito segura, e acreditamos que em nossas conversas ela sentia necessidade de demonstrar segurança por ser a única mulher colaboradora que tem uma atuação profissional diretamente ligada à estética negra.

Porém, percebemos também que em alguns momentos estas falas tão seguras carregam possíveis incoerências, principalmente em suas concepções sobre o significado do ser mulher negra em nosso país. Apesar disto, reconhecemos que Jéssica tem uma atuação presente e de extrema importância no espaço onde atua profissionalmente. Estar diariamente com mulheres

negras colaborando para o cuidado de seus cabelos e para elevação da autoestima por meio dos procedimentos capilares e de conversas são atitudes importantes.

#### 3.3.1.4. Monalisa

Quando analisamos a trajetória de vida de Monalisa e sua relação com seu cabelo, percebemos que das mulheres colaboradoras ela é a que mais se incomoda e tem dificuldades de aceitação de seu cabelo.

Ao analisar o posicionamento de Monalisa, concordamos com Coutinho (2010) que aponta que a desvalorização da estética negra é uma das formas de manter a dominação, que tenta fazer com que o negro acredite que é inferior, e que por este motivo deva obedecer a uma minoria “privilegiada”.

A autora sinaliza que o psicológico do negro é agredido e para dissimular sua origem étnico-racial, nega a autoavaliação estética. A consequência disto é o negro sentir vergonha de sua cor e de seu fenótipo e viver numa busca constante por recursos que camuflem suas origens raciais, acreditando que deste modo poderá ter maior aceitação dentro da sociedade.

Nas falas de Monalisa vemos que este incômodo e esta busca por uma estética diferente da sua inicia na infância, mas a aflige até os dias de hoje.

Eu me acostumei, lembro que no meu aniversário de dez anos eu usava o cabelo bem baixinho. E eu sempre fui "vaidosinha", eu sempre me arrumava, colocava arquinhos e coisa e tal. Mas tinha o problema do cabelo né, mas não era nada assim (Monalisa).

Então vira e mexe eu olho pra outras meninas e penso: "Nossa como eu queria ter esse cabelo", mas ao mesmo tempo eu meio que me arrependo de ter alisado porque eu vejo cabelo Black e eu acho lindo, e eu morro de vontade de usar (Monalisa).

Mas sim, eu queria ter um cabelo liso, ou cacheado, acho lindo cabelo cacheado (Monalisa).

Mas pensando na relação de mim para outras meninas, lógico tinha as meninas da minha turma que tinham um cabelão, comprido, nossa meu sonho né? (Monalisa).

Essa idealização de uma beleza tão distante da dela fez com que ainda jovem Monalisa optasse por alisar seus cabelos. Conforme relatado por ela, quem a levou pela primeira vez para alisar seus cabelos foi uma tia que também fazia uso de alisantes.

Com catorze anos eu alisei o cabelo pela primeira vez. Ele já tinha crescido. Aí minha tia alisou, e me levou né, falou que ia pagar pra mim alisar o cabelo. E o dela ela tinha alisado, e tinha ficado lindo, e eu queria ter cabelo liso né? Porque meu cabelo dava muito trabalho, e eu não podia usar ele solto, e tal (Monalisa).

É importante atentarmos como o alisamento marca a trajetória de vida de Monalisa, é como se este procedimento tivesse feito com que ela se aproximasse dos valores de beleza por ela tão valorizados e o resultado disto foi satisfação, alegria e elevação de sua autoestima.

Aí depois que eu alisei as pessoas elogiavam e falavam que tava lindo (Monalisa).

Primeira vez que eu tinha alisado, então ficou aquele cabelão comprido, lindo, lindo, nem parecia que tinha alisado. Aí eu fiquei toda besta né? Aí, dava menos trabalho né? Nossa bem menos porque pra sair só colocava um negócio, uma presilhinha, dava pra fazer o que você quisesse né? Não precisava sair sempre com a mesma cara, usar o mesmo cabelo sempre. Aí minha autoestima ficou lá em cima né, "Ah agora eu tenho cabelo liso" (Monalisa).

Ficava na frente do espelho, me olhando. E minha maior expectativa era ir pra aula na segunda feira, aí todo mundo ia ver meu cabelo liso. Mas aí na segunda ele já tava sujo, porque eu tinha feito no sábado, e ficava passando a mão e tal [...] a resposta foi boa, a galera olhando, as meninas olhando, falando, e tal (Monalisa).

Os relatos de Monalisa foram os que nos permitiram compreender de forma mais significativa este processo de aproximação de um ideal de beleza. Percebemos que quando relata sua trajetória de vida, é a partir do alisamento que ela começa a valorizar sua beleza e mais do que isso, que estar com os cabelos impecavelmente lisos e sem volume são ainda os motivos que a deixam feliz.

Ela ainda se mostra incomodada com o cabelo quando se compara a outras meninas negras. Por mais que seus fios agora estejam lisos, ela reconhece que não é um cabelo igual ao de mulheres brancas.

Mas pra secar meu cabelo é diferente do que outras meninas fazem. Eu não posso simplesmente levantar ele e fazer um coque, não consigo, por enquanto que ele tá curto, menos ainda, aí tenho que colocar presilha, tic-tac, tem vezes que eu nem gosto, mas eu tenho que usar porque se não fica tudo pra cima (Monalisa).

Apesar de Monalisa destacar a praticidade como um dos fatores para a escolha do alisamento, percebemos em vários momentos de sua fala que com o cabelo desta forma, se sente mais aceita e acredita que sem química, na forma natural, seu cabelo é desprovido de beleza.

É que mesmo que inconsciente eu fico seguindo esses padrões e tal, de ter cabelo liso, aí tenho que lavar cabelo, que alisar cabelo. Mas hoje eu diria que eu aliso o cabelo não por isso de padrão, acho que é mais pela comodidade como eu te falei. É mais cômodo estar com ele liso, hoje eu acordei e ele já tava assim, liso. Eu já pensei em fazer tranças, eu tenho vontade de mudar, porque eu enjojo muito fácil das coisas. Mas eu tenho medo de não ficar bom (Monalisa).

Com o cabelo crespo, amarrado, as pessoas te olham. Sei lá se é psicológico isso, mas eu acho que quando você está com o cabelo solto liso você já é mais comum, então as pessoas não ficam te olhando tanto, comparando de quando você tá com o cabelo crespo, sei lá (Monalisa).

Por exemplo, se eu quiser ter meu cabelo enrolado agora, eu vou ter que deixar ele crescer, aí vai ficar um pouco liso, um pouco crespo; ou então eu vou lá e corto e aí vou ficar com o cabelo curtinho, e eu sei que não vai ficar bonito agora, mas que mais pra frente vai ficar bonito. Então implica nisso, de ter que passar um tempo feia, feia com o cabelo natural. Então eu com meu cabelo natural fico feia entendeu? (Monalisa).

Conforme analisa Paixão (2008), situações de desqualificação de mulheres negras são recorrentes e atravessam nossas relações sociais do cotidiano.

Representações associadas à feiura, à inferioridade permeiam o nosso imaginário social e podem explicar a reação de certos indivíduos que, ao pensarem na relação de negros e negras com seus cabelos, não admitem a possibilidade de uma “experiência estética” (Paixão, 2008, p. 15).

Percebemos que essa questão da inferioridade é bastante presente na vida de Monalisa e que sua escolha pelo cabelo alisado, apesar de todas as privações que este acarreta, é considerada por ela a melhor escolha, pois permite que se aproxime de um ideal de beleza que é mais valorizado.

### 3.3.1.5. Thulany

No momento que realizamos a pesquisa, Thulany estava com os cabelos relaxados com procedimento químico e alisado com escova.

Quando narra sua relação com o cabelo em sua trajetória de vida ela nos conta que o trançar sempre faz parte de suas escolhas e que ainda criança gostava e adotava o cabelo trançado.

Ah, eu trançava desde criança. Minha mãe, minha avó trançava ele, e o das minhas irmãs também (Thulany).

Percebemos que Thulany tem um posicionamento muito positivo em relação ao cabelo crespo, pois desde criança aprendeu a valorizar a beleza negra e a compreender que a não representação da mulher negra em espaços midiáticos era resultado de uma ideologia racista.

Ela acredita que há um modismo acerca do cabelo crespo nos dias de hoje, o que modificou o posicionamento das pessoas em relação a algumas formas de adoção do cabelo crespo.

Porque hoje em dia, você ter seu cabelo Black, você usar trança, um dreads, é moda, é bonito. Mas acho que lá atrás, as pessoas olhavam, riam, faziam umas caras estranhas. Hoje já virou estilo, é mais estilo do que significado. Pra eles não tem significado (Thulany).

Concordamos com ela que em alguns espaços há uma valorização desta forma de manipulação. Nas carreiras de moda, nos programas de televisão, a mulher negra que utiliza seu cabelo natural, com tranças ou dreads tem sua beleza valorizada. Porém, ao saírem destes

espaços o cabelo da mulher negra não é aceito e é visto de forma negativa, o que nos faz questionar se há mesmo uma valorização deste cabelo como moda.

Quando questionamos Thulany sobre o uso frequente de alisamento por mulheres negras, ela diz:

Porque muitas dessas mulheres negras que alisam os seus cabelos não se reconhecem como negras e acreditam que alisando elas ficarão mais “bonitas”, isso na concepção delas. Elas pensam que alisando o cabelo serão aceitas na sociedade (Thulany).

O que temos que observar é que Thulany, que conforme evidenciamos tem posicionamentos e ações muito positivas em relação a questões étnico-raciais, faz uso de relaxamento e de escovas para manter seus cabelos lisos, o que nos traz questionamentos se o uso de alisamento é sempre para aceitação social.

Eu não aliso o meu cabelo, eu relaxo a raiz e o produto que eu utilizo é químico. O meu cabelo não sofre danos, estou sempre procurando hidratar e não encontro dificuldade na manutenção (Thulany).

As vivências de Thulany em espaços de militância negra nos parecem essenciais para compreender e analisar suas escolhas em relação a seu cabelo. O que percebemos é que apesar dela se sentir tranquila em relação à sua escolha pelo cabelo alisado, sente que em alguns espaços de militância, esta forma de manipulação não é bem vista.

Têm sim uns grupos mais radicais que acham que porque a gente tá usando cabelo liso a gente tá querendo ficar embranquecida, mas acho que é um discurso mais antigo, que hoje, não que não caiba, mas que não precisa ser tão forte assim (Thulany).

Mesmo com o cabelo alisado ela faz uso das tranças em alguns períodos e pondera que esta escolha influencia na forma como ela é vista em lugares de atuação do movimento negro, como se causasse mais impacto e mostrasse para as pessoas que ela tem orgulho e afirma seu pertencimento étnico-racial.

(Sobre o uso das tranças) Então eu uso porque eu gosto, porque eu acho bonita a história das tranças, das mulheres africanas trançarem os cabelos, acho lindo meu cabelo trançado. Mas é sim importante

em alguns espaços, porque você chega e você tem que dar aquele impacto de estar afirmando quem você é. É diferente você chegar nesses lugares com trança e com cabelo alisado (Thulany).

Figueiredo (2010) enfatiza que o cabelo é, em alguns casos, um fator mais importante do que a cor da pele para a classificação racial e que por conta desta importância o movimento negro brasileiro toma o cabelo natural como símbolo de afirmação da identidade.

O discurso proferido pelo movimento negro é o de estabelecer uma regra contrária à regra vigente, e se a regra é alisar o cabelo visando a dissimular a sua condição étnica racial, a contrarregra é afirmar os fenótipos, não alisar o cabelo (Cunha, 1991). Ao propor a afirmação do cabelo, o movimento negro não o isola de um conjunto de roupas e adereços que comporiam uma nova estética (Maués, 1991; Vieira, 1989). O discurso da militância negra em torno do cabelo é basicamente contestatório e pretende a destruição de imagem dual construída na sociedade ocidental. Nela, o negro encontra-se associado à feiura, à burrice, à sujeira, etc., em contraposição ao branco, visto como bom, belo e justo (FIGUEIREDO, 2010, p. 7).

Neste sentido, a autora sinaliza que o discurso do movimento negro propõe uma inversão simbólica, uma vez que considera o uso do cabelo natural a uma valorização da identidade negra, constituindo-se em símbolo étnico.

Apesar de concordarmos com a autora que o cabelo natural é uma forma de valorização da identidade negra, ao analisarmos o posicionamento de Thulany e a amplitude de sua criticidade sobre questões étnico-raciais, percebemos que o uso do cabelo alisado não é uma escolha que demonstre desvalorização de seu pertencimento étnico-racial. Thulany escolheu o cabelo alisado por conta de praticidade e sua atuação e luta pelo fim de práticas racistas e discriminatórias não sofre influência negativa por conta desta escolha.

### **3.3.2. Significados e consequências das escolhas de formas de manipulação do cabelo crespo**

*“E tinha piscina, e eu não podia entrar. Todo mundo tava lá e eu não podia entrar porque depois ia ficar sofrendo com chapinha, secador...”<sup>33</sup>.”*

---

<sup>33</sup> Entrevista Monalisa – Fonte: Pesquisadora (2013).

Após termos tecido considerações sobre as diferentes formas de manipulação do cabelo pelas mulheres colaboradoras é importante salientarmos quais as consequências de suas escolhas e como isto marcou e ainda marca suas trajetórias de vida. O cabelo crespo exige cuidados específicos por conta da estrutura dos fios e o que percebemos é que independente de como optam por utilizar seus cabelos, o cotidiano é marcado por essa escolha.

Uma das questões necessárias de salientarmos é sobre as dificuldades dos procedimentos de manipulação. Percebemos nas falas das mulheres que o uso de tranças, apesar de trazer a praticidade do “acordar com o cabelo pronto” causa certa dor e incômodo.

Porque aquelas tranças enraizadas, a mulher puxava, nossa, doía muito, muito, muito, muito (Monalisa).

É que eu não acho prático mesmo, eu tinha que acordar mais cedo, fazer chapinha, e eu não gosto de acordar cedo. Pensando bem eu acho que o melhor seria raspar porque aí nem precisa acordar cedo. Quando eu usava trança era bom, acordava e nem precisava olhar no espelho (Dandara).

O meu não machuca, minha prima puxa, mas não machuca que nem o dele, às vezes sai uma “feridinha” é tranquilo, já acostumei com a dor. Fazer dreads dó mais. Eu fiz dreads de lã acho que duas vezes, demora oito horas pra fazer, eu não aguentava mais (Dandara).

O que mais dói é dreads, trança não dói tanto (Dandara).

Mas cuidar dá trabalho. Eu gosto de cuidar do cabelo dos outros, mas eu queria ter alguém pra cuidar do meu (*risos*) (Dandara).

Quando pensamos nas consequências das escolhas de manipulação, Monalisa é a que melhor nos permite compreender as dificuldades e privações do cabelo alisado. Isto porque o cabelo alisado não fica liso o tempo todo, na maioria das vezes este cabelo tem sua estrutura modificada por produtos químicos, mas precisa de escovação e do uso da chapinha para se manter liso e sem volume.

E todo mundo fala, meu namorado fala: "Querida tanto ver você de cabelo molhado", só que não é assim, porque tem química então

quando o cabelo seca não fica nem enrolado nem liso, fica aquela coisa estranha (Monalisa).

Mas se você me perguntar se eu pudesse, se eu teria o cabelo de outro jeito, sim eu teria, porque esse me dá muito trabalho, me enche o saco. Ontem mesmo era pra eu ter saído com as meninas, mas eu tava com preguiça também, mas se eu tivesse com o cabelo pronto, teria ido também, aí era só colocar uma roupa e sair. Mas não, meu cabelo tava nojento, tinha que lavar, secar, passar chapinha (Monalisa).

Mas pra secar meu cabelo é diferente do que outras meninas fazem. Eu não posso simplesmente levantar ele e fazer um coque, não consigo, por enquanto que ele tá curto, menos ainda, aí tenho que colocar presilha, "tic-tac", tem vezes que eu nem gosto, mas eu tenho que usar porque se não fica tudo pra cima (Monalisa).

Por exemplo, em casa tem uma menina que tem cabelo liso, cabelo lindo e ela lava o cabelo, passa um secador e pronto, o cabelo dela fica perfeito (Monalisa).

Percebemos em todos os momentos da fala de Monalisa como a escolha pelo cabelo alisado causa sofrimento e privações em sua vida. Além destes relatos apontados inicialmente e que nos mostram o trabalho e o tempo que ela gasta para cuidar do seu cabelo após cada lavagem, ela ainda nos relata como é privada de algumas situações, por não poder molhar seu cabelo e perder o efeito da escova e da chapinha. Monalisa deixa de ir às aulas, pular na piscina e de se divertir para manter seus cabelos lisos e não permitir que o vejam em sua forma natural.

Já teve vez de eu estar de TPM, e aí não queria sair de casa porque meu cabelo tava ridículo. Passava chapinha arrumava e pensava "Está muito feio, não vou sair de casa". Já faltei de aula por causa disso. Mas tipo, hoje eu estou bem mais tranquila, bem mais resolvida (Monalisa).

Já aconteceu de eu sair, de ir pra uma festa e eu estar de cabelo preso, e estar todo mundo de cabelão solto, e tal. Aí eu fico meio assim de estar de cabelo crespo. Mas aí eu bebo umas e esqueço (*risos*) (Monalisa).

Tem festa que eu penso, vou pular na piscina, mas e quando eu sair da água meu cabelo vai estar daquele jeito, né? Aí eu percebo que meu cabelo crespo me priva de algumas coisas (Monalisa).

*(Ao relatar sobre um passeio em um local com piscina)* E tinha piscina, e eu não podia entrar. Todo mundo tava lá e eu não podia entrar porque depois ia ficar sofrendo com chapinha, secador (Monalisa).

O cabelo tá lá bonitinho e a gente pensa que ele tá armado, aí a gente não pode sair na chuva, e não pode fazer algumas coisas, é complicado (Monalisa).

Ainda sobre alisamento, Monalisa relata a questão da frequência que tem que fazer o retoque de raiz para que seu cabelo não fique com duas texturas diferentes, o liso e o crespo. Percebemos que desde sua adolescência era algo muito difícil sair de casa ou viajar sem a raiz do cabelo estar alisada, e que até hoje faz seus planos a partir do retoque de sua raiz, sempre cautelosa para que ninguém veja a raiz do seu cabelo crespa.

É que quando a raiz do meu cabelo cresce muito, me dá muito trabalho, e eu fico extremamente irritada, aí eu não vejo a hora de alisar a raiz (Monalisa).

Aí quando a raiz crescia dava mais trabalho, eu ia lá, alisava, e não era muito barato, mas minha mãe podia pagar. Quando eu fazia alguma coisa de errado ela me deixava de castigo, e ela não pagava pra eu alisar o cabelo (Monalisa).

Então era uma punição eu ir com o cabelo crespo, não alisado nos lugares (Monalisa).

Pensar que para a mãe de Monalisa, fazer com que ela fosse aos lugares sem a raiz do cabelo alisada era uma forma de castigá-la, nos permite compreender de forma nítida a importância da raiz sempre lisa. Salientamos sobre como deve ser significativo para Monalisa se adequar ao que socialmente é considerado bonito para que, apesar de todas estas dificuldades relatadas por ela própria, continue usando alisamento em seu cabelo.

Outra questão muito presente na fala das mulheres colaboradoras refere-se à curiosidade das pessoas em relação ao cabelo crespo quando utilizado nas mais diversas formas.

Uma colega minha uma vez quis passar a mão no meu cabelo pra ver como que era, e um amigo mais descarado perguntou "É igual Bombril?" (*risos*), aí eu apelei e falei "Sua mãe tá boa?", ele falou que o cabelo dele é outra linhagem, claro, ele é branco. E quando a minha amiga passou a mão e achou super macio. É que as pessoas acham que é duro, que vai furar a mão (Irene).

Às vezes era gente que eu nem conhecia, perguntava quem trançava, falava que ficava diferente. As pessoas tem curiosidade, perguntam como chama, eu penso que é estranho as pessoas não saberem o que é trança, todo mundo trança cabelo (Dandara).

Quando eu entrei na federal eu já tava com ele Black mesmo, quando eu trancei as meninas da minha sala perguntavam "Como faz?", "Como faz pra lavar?", eu falava "Gente é normal, eu só lavo". Pra mim é estranho esse tipo de curiosidade (Dandara).

O que eu não gosto mesmo é que mexam no meu cabelo, aí eu não gosto que chega nem perto. Ele desarruma muito fácil, eu gosto de deixar ele certinho (Dandara).

Em nosso entendimento, essa curiosidade em relação ao cabelo crespo demonstra uma característica resultante da ideologia racista presente nas mais diversas relações sociais. O cabelo crespo é visto como exótico e essa curiosidade que as pessoas têm em colocar as mãos para sentir sua textura é ainda tão frequente por conta da pouca incidência de mulheres que utilizam seus cabelos crespos naturais.

Acreditamos que tocar o cabelo por achar que ele é duro ou como relatado por Irene, que ele "fura a mão", demonstra uma realidade pautada no racismo e na desvalorização da beleza negra.

Quando pensamos em todas estas questões e todas as dificuldades que as mulheres negras encontram ao adotarem as mais diversas formas de manipulação de seus cabelos, percebemos que o cabelo crespo exige uma luta diária que ultrapassa o seu não enquadramento nos padrões de beleza. As privações que as mulheres negras relatam, as dores que sentem nas diversas práticas e esta curiosidade e necessidade que outras pessoas têm em tocar seus cabelos, nos mostram que há um preconceito contra o próprio cabelo e que este preconceito é só mais um dos reflexos de nossa sociedade racista.

### 3.3.3. Relações possíveis entre cabelo e identidade

*“E acho que quando você assume seu cabelo crespo, parece que tem mais orgulho de ser negra, eu me sinto assim”<sup>34</sup>.*”

Ao conversarmos com as mulheres colaboradoras e questionarmos sobre questões identitárias, sempre buscávamos expor nosso entendimento sobre identidade negra, para que a partir disto elas pudessem nos narrar como se deu o processo de construção identitária ao longo de suas trajetórias de vida.

Concordamos com Reis (2009) que para compreendermos a identidade em um indivíduo, precisamos direcionar nossos olhares sobre a trama de relações sociais de que este participa, já que sua formação identitária se dá pelo externo juntamente com as percepções interiores. Por isto em nossa pesquisa buscamos compreender as questões relativas à negritude nos diferentes espaços e nas diferentes relações que as mulheres colaboradoras estabelecem.

Sobre a construção identitária, Reis (2009) ainda nos aponta que existem dois grupos distintos que atuam neste processo, o primeiro é o dos estabelecidos e o segundo é o grupo *Outsiders*. O primeiro inferioriza o segundo, para manter sua superioridade. Desta forma, o grupo estigmatizado constrói uma imagem negativa e inferiorizada de si mesmo, há a incorporação da inferioridade.

A imagem negativa sobre um determinado grupo, leva as pessoas a serem julgadas e tratadas negativamente. Até as próprias pessoas do grupo se julgam inferiorizadas e incapazes. Pois, o descrédito atribuído a um grupo que é inferiorizado atinge todas as pessoas que se identificam neste grupo, provocando a baixa autoestima (Reis, 2009, p. 4).

Quando analisamos as concepções de identidade das mulheres negras, percebemos que a relação que estabelecem com outras pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais é primordial em suas construções identitárias. Esta questão está presente de forma muito evidente na fala de Monalisa quando nos diz:

Acho que minha aceitação foi mudando, antes eu pensava mais que queria ser branca, teve umas fases que eu não queria ser assim, eu via as pessoas, a maioria era branca e você se sente excluída. Mas

---

<sup>34</sup> Entrevista Dandara – Fonte: Pesquisadora (2013).

hoje minha aceitação é super tranquila, eu adoro minha cor, adoro ser diferente e tal, e penso em fazer o que eu tiver vontade no cabelo (Monalisa).

Então a questão da identidade, sim eu acho que teve esse processo de eu me camuflar, de eu querer abafar o fato de eu ser negra e tal, mas hoje eu tenho minha identidade bem definida, sou negra, tenho um namorado branco (Monalisa).

Percebemos nas falas de Monalisa que sua construção de identidade é conflituosa e que se dá nas comparações que estabelece com pessoas não negras. Neste caminho, compartilhamos do entendimento de identidade de Gomes (2005) e compreendemos a construção identitária como uma formação social, histórica, cultural e plural que implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico-racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Isto significa que nenhum sujeito se constrói a nível individual e sim na relação com o outro. Percebemos que a identidade de Monalisa e das demais mulheres colaboradoras se forma e se transforma a partir da alteridade e em diversas subjetividades e contextos sociais, se modificando na relação do sujeito com os diferentes grupos. Por este motivo, suas identidades não são homogêneas, não seguem um modelo fixo e estão sujeitas a constantes mudanças.

O que percebemos ao desenvolvermos esta pesquisa é que o conceito de alteridade é peça fundamental para discutirmos a construção de identidade e pertencimento étnico-racial em pessoas negras. Compreendemos alteridade com base no pressuposto de que a existência de cada indivíduo só é possível a partir do contato deste com o Outro – e neste caso, são todos aqueles que estão fora da particularidade de seu mundo.

De acordo com Trombetta (2010), a teoria freiriana perpassa pela presença da alteridade na construção do próprio eu.

O reconhecimento da alteridade, da diferença, é indispensável para a emergência ético-epistemológica do eu e também do outro. É o diálogo com a alteridade que permite a construção da identidade. O eu e o outro se constituem e realizam a vocação ontológica (ser mais) no diálogo e na aceitação do outro como pessoa-sujeito (TROMBETTA, 2010, p. 34).

De acordo com este autor a compreensão da teoria freiriana apresenta que o ser humano é subjetividade que se constrói na intersubjetividade. Desta forma, a existência do eu

se dá a partir da existência e do diálogo com o outro e a compreensão de seu mundo acontece por meio do olhar daquele que é diferente dele, na experiência e no contato.

Nas falas de Thulany percebemos que essa construção da subjetividade a partir da intersubjetividade é algo muito presente e que por meio de sua formação familiar e sua atuação em espaços de militância, ela foi se construindo como mulher negra e formando sua identidade de maneira muito positiva.

Então, a minha construção de identidade, foi um pouco mais fácil, devido meus pais serem militantes, e sempre me mostrarem que a gente é bonito, que nosso cabelo é bom, que tudo é maravilhoso (Thulany).

Thulany é uma exceção frente à realidade de tantas outras mulheres negras que têm suas infâncias e outras fases de sua vida em espaços onde questões da negritude não são discutidas. Vemos isto na experiência de Dandara, que diz não ter sido levada a refletir sobre o significado de ser negra apesar de vivenciar na pele as dores e de preconceito e racismo.

Na verdade, eu acho que eu nunca conversei com ninguém sobre o que é ser negro. Eu tenho um amigo que fala que tem que assumir o cabelo, mas eu acho que não é a questão física, acho que é mais questão de sentir. Você tem que se sentir dentro de uma etnia, tem que sentir o jeito que você é. Se você se identifica como negro, você tem que se gostar sendo assim. Eu acho que eu nunca tive problema de ser negra (Dandara).

Apesar de relatar não ter tido estes espaços de debate, Dandara enfatiza em sua fala ter uma boa aceitação de sua negritude. Outra questão que salientamos é a questão do sentir-se negra, permitindo assim identificar-se como tal. Esta questão do sentir e do aceitar-se é muito presente na fala de Jéssica, que considera estes passos fundamentais para se construir enquanto negro.

Eu acho que o preconceito começa em você. Se você não se assumir, não assumir seu cabelo crespo, o natural desde que seja bem cuidado, não adianta, as pessoas não... Acho que o "X" da coisa não é isso, as pessoas querem ser o que ela não é, querem fazer o que ela não pode (Jéssica).

Concordamos com Jéssica que a construção da identidade pode ser positiva se o sujeito tiver boa aceitação de seu pertencimento étnico-racial e de sua estética negra, porém, nos questionamos até que ponto isto é possível em uma sociedade que nega este pertencimento e desvaloriza esta beleza.

Válido salientar que é a partir do Outro que construímos nossa identidade e nossa autoimagem - é a partir do olhar do Outro que construímos o olhar sobre nossos próprios corpos. Se a construção do eu ocorre na intersubjetividade, a construção de nossa imagem e de nossas percepções sobre nossa estética e nosso corpo ocorre também a partir desta relação de alteridade, a partir do olhar externo sobre nosso corpo. Desta forma, quando refletimos sobre como a mulher negra constrói sua autoimagem, compreendemos que o olhar do outro pode contribuir tanto para aceitação como para negação de seus atributos físicos e de seu cabelo.

Além disto, se atentarmos à constante desvalorização dos atributos físicos da negritude, sobretudo o cabelo crespo, percebemos a necessidade de entender como as questões estéticas influenciam o modo como mulheres constroem suas identidades.

O conflito racial em nossa sociedade, conforme analisa Gomes (2003), pode ser expresso também pelo cabelo da mulher negra, uma vez que as expressões negativas que são atribuídas ao cabelo também recaem no sujeito e no seu pertencimento étnico. O padrão de beleza estabelecido socialmente é muito distante das características da mulher negra, e estas mulheres se constroem imersas neste discurso racista no qual aprendem que sua estética é o oposto do que é belo, do que é valorizado. A beleza ideal pauta-se na mulher de pele clara, de traços finos, de cabelos lisos e claros. A mulher negra, em contrapartida, na maioria das vezes, não corresponde a nenhuma destas características e necessita de estratégias para lidar com essa situação.

Nas falas das mulheres colaboradoras, percebemos que elas veem o uso do cabelo em sua forma natural ou no estilo Black Power como um instrumento de afirmação da negritude, que exige coragem e posicionamento.

Sim, eu acho. Na verdade eu acho que tem que ter muita coragem pra assumir o Black, o cabelo crespo. Eu acho lindo (Monalisa).

Acho que quem usa, usa pra isso mesmo, pra falar "Eu sou negra, tenho o cabelo afro sim e tenho muito orgulho disso". Acho que é usado sim para afirmação (Monalisa).

*(Sobre o cabelo no estilo Black Power chamar a atenção)* Acho que sim, porque não é todo mundo que gosta. Agora que tá virando um pouco de moda, mas antes não era assim, agora as pessoas estão mais acostumados. Tem gente que olha por curiosidade, que quer saber como cuida. Mas tem gente que não gosta, que tem preconceito (Dandara).

Percebemos nesta última fala de Dandara que reconhece a existência do preconceito como forma de uso do cabelo crespo, e acreditamos que sua adoção pelo Black Power, apesar deste preconceito, pode ser uma forma de afirmação. Percebemos que ela também tem essas percepções quando nos diz que:

E acho que quando você assume seu cabelo crespo, parece que tem mais orgulho de ser negra, eu me sinto assim. Na federal é legal você ver os africanos, tudo com o cabelo natural, eu acho muito legal. Eu acho legal você se sentir a vontade do jeito que você é, eu fiquei mais feliz (Dandara).

Costa (1999) afirma que a discriminação que o negro sofre do seu corpo faz com que ele perceba-o como um mal a ser sanado, e por isso, busca metamorfosear seu corpo presente com diversas técnicas, dentre as quais destacamos os produtos químicos de alisamento capilar.

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (COSTA, 1999, p. 5).

Neste sentido, é necessário analisarmos o posicionamento das mulheres colaboradoras em relação à associação do cabelo alisado e da negação da negritude.

Ainda que têm sim uns grupos mais radicais, que acham que porque a gente tá usando cabelo liso a gente tá querendo ficar embranquecida, mas acho que é um discurso mais antigo, que hoje, não que não caiba, mas que não precisa ser tão forte assim (Thulany).

Então pode ser que algumas pessoas pensassem que porque eu alisava eu não queria ser negra, mas eu não sei, acho que eu nunca encarei o cabelo como sendo pra afirmar ou negar que eu sou negra (Dandara).

Nogueira (2007) analisa que a pessoa negra impõe sua negação e começa a ter uma relação persecutória com o próprio corpo.

Os (as) negros (as) nem conseguem estabelecer uma identidade como os (as) brancos (as) e nem com o próprio grupo étnico-racial, do qual tem um sentimento de horror. No intuito de expurgar, negar, a marca, rejeita, e até pode violentar o próprio corpo, como por exemplo, fazendo plástica no nariz, alisando o cabelo, etc. (NOGUEIRA, 2007, p. 45).

Porém, o que percebemos analisando a fala das mulheres colaboradoras, é que o alisamento nem sempre é realizado na negação de negritude, que muitas vezes elas estão seguras e com uma relação positiva em relação a seus pertencimentos étnicos, mas que optam por outros motivos que não a negação, pelo cabelo alisado. Esta questão pode ser elucidada na fala de Thulany quando afirma:

Porque depois eu entendi, que além de sermos mulheres negras, nós somos vaidosas. Então eu acho que se você conhece sua história e você quer alisar seu cabelo, não tem problema nenhum, porque você não tá negando a sua cor, mas você é vaidosa (Thulany).

Não importa como você usa o seu cabelo, o que importa é que você precisa conhecer a sua identidade, enquanto mulher negra. E eu fico maravilhada, porque nosso cabelo possibilita várias formas da gente usar, então eu posso mudar de look todo dia (*risos*) (Thulany).

Ainda sobre identidade, outro fator importante que percebemos na fala das mulheres colaboradoras, principalmente com Jéssica, é que elas não sentem a necessidade de ficar afirmando suas negritudes, e que apesar de terem que cotidianamente lutar e combater as práticas racistas e discriminatórias, estão num processo de aceitação do ser negra que se intensifica conforme vivenciam situações em que o ser negra não é indiferente.

Isso que eu penso. Agora não, não fico pensando em afirmar não: sou negra, sou negra... Se eu tivesse que usar meu cabelo de escova pra

mim também não ia fazer diferença, é uma opção minha. É o olhar da pessoa, eu não me sinto diferente, não me sinto menos porque eu não tenho o tanto que aquela pessoa tem, ou não faço as coisas que ela faz. Não, se eu quiser aquilo que ela tem, eu vou correr atrás, entendeu? Acho que cada macaco no seu galho (*risos*) (Jéssica).

Ah, eu não sinto necessidade de afirmar minha negritude não. Tem gente que faz questão de afirmar, e entra em associações, pra melhorar os direitos das pessoas (Jéssica).

Mas hoje sou tranquila, me aceito bem como negra. Queria sofrer menos com a questão do cabelo (Monalisa).

A discussão sobre identidade, algumas vezes, restringe-se especialmente ao espaço acadêmico e isto ficou evidenciado quando as mulheres demonstraram dificuldades em abordar o conceito. Válido destacar que objetivávamos compreender a construção identitária a partir de questões estéticas, mas em nossas conversas, conseguimos ir além destas questões e constatamos que o corpo negro e o cabelo crespo são importantes símbolos identitários, e que estas mulheres se constroem a partir de suas práticas cotidianas e das situações diárias de racismo que vivenciam e superam.

## **Algumas Considerações Não Finais: o encontro comigo mesma...**

---

Façamos da interrupção um caminho novo.  
Da queda um passo de dança,  
do medo uma escada,  
do sonho uma ponte, da procura um encontro!  
Fernando Sabino

Um misto de alívio e de ansiedade define a turbulência de sentimentos que sinto na fase por hora conclusiva deste estudo. Alívio por compreender que o processo de pesquisa, apesar de custoso, é recompensador – não encontro palavras que me permitam expor o quão gratificante é ver um trabalho realizado a custo de dedicação, trabalho coletivo e esforço pessoal. E ansiedade por reconhecer que apesar de estar na fase conclusiva da pesquisa, a abrangência do tema não nos permite caracterizar o trabalho como terminado. Percebo que os trabalhos não se encerram em si mesmos, pelo contrário, acredito que a maior contribuição das pesquisas de cunho acadêmico é a possibilidade de novas indagações, de novas criações e de um construir e reconstruir sem fim do conhecimento e das teorias, que se atualizam de acordo com os ‘novos tempos’, com as novas pessoas e com a diversidade de percepções e subjetividades de cada pesquisador/a.

Este estudo teve como fonte inspiradora questões pessoais e aspectos de minha subjetividade. Conforme evidenciado, as inquietações enquanto mulher negra, com reconhecimento tardio de minha identidade étnico-racial e vivências conflituosas na relação com o cabelo crespo, foram fundamentais e se constituem como marco inicial de meu interesse e engajamento político em relação a esta temática. Aspectos subjetivos que somados ao reconhecimento da possibilidade de cursar o mestrado transformaram-se em indagações acadêmicas sobre o processo de construção identitária em outras mulheres negras. Seriam vivências semelhantes às minhas? O processo de construção identitária sempre se dá de forma conflituosa? Que relação estabelecem outras mulheres negras com seus cabelos crespos? A partir destes e de outros questionamentos optei centralizar minha pesquisa na busca pela resposta da questão norteadora: “De que forma o cabelo marca a construção de identidade na trajetória de vida de mulheres negras?”.

Nosso objetivo geral era compreender a relação da mulher negra com sua estética, analisando de que forma o cabelo interfere/interferiu na construção da sua identidade ao longo de sua trajetória de vida. E para alcançar estes objetivos - reconhecendo a necessidade de passos minuciosos e precisos - traçamos os seguintes objetivos específicos: compreender como as mulheres negras significam suas identidades; identificar situações de racismo e outras formas de discriminação vivenciadas por estas mulheres e suas estratégias diárias de superação e por fim analisar como a questão estética, principalmente o cabelo crespo, é compreendida pelas mulheres na relação com o “ser negro”.

Durante as leituras e orientações ainda na fase de elaboração do projeto, reflexões cuidadosas nos foram necessárias para desenharmos os caminhos metodológicos. Nesta fase constatei que para uma pesquisa alcançar satisfatoriamente seus objetivos deve conceber seu

percurso metodológico visando responder de forma eficaz à questão de pesquisa proposta. Nossa escolha foi por uma pesquisa de cunho qualitativo, com instrumentos metodológicos da observação como registro em D.C., entrevistas individuais e também as rodas de conversa.

Quando pensávamos em quem seriam nossos sujeitos, nossa maior preocupação era no estabelecimento de uma relação de diálogo e respeito e por isso optamos por pesquisa com mulheres colaboradoras. No total contamos com a ajuda de cinco mulheres, sendo que três foram escolhidas a partir de indicações de Silas<sup>35</sup>, proprietário de um salão de São Carlos especializado em beleza negra e cabelo crespo. Reconhecemos a importância de Silas nas indicações das mulheres colaboradoras e também nas considerações pertinentes, que fez como forma de contribuir com o estudo - ele atuou como um “facilitador de caminhos” e foi fundamental em nossos passos iniciais.

Por terem sido estabelecidas de forma cautelosa e refletida, consideramos que as escolhas metodológicas para a realização desta pesquisa foram oportunas e satisfatórias. As conversas individuais e as observações registradas em D.C. oportunizaram a apresentação e descrição de forma dedicada e minuciosa as intenções de pesquisa para cada colaboradora, e a partir desta ação, estas mulheres nos permitiram aproximação e compreensão dos significados de ser mulher negra em uma sociedade pautada em valores machistas e racistas. Neste mesmo caminho, acreditamos que a roda de conversa foi de grande valia, pois se constituiu como um momento de troca e reflexão coletiva, permitindo o aprimoramento de conhecimento não só para a construção deste trabalho, como também para as mulheres colaboradoras que puderam compartilhar e discutir percepções acerca da negritude, resignificando seus próprios conhecimentos.

As cinco mulheres que colaboraram trazendo vida e significado para este estudo, mostraram que apesar de serem mulheres negras, com vivências e atuações numa mesma cidade do interior paulista, são formadas a partir de suas singularidades, de seus aspectos subjetivos e neste ponto apresentamos uma das riquezas deste grupo de colaboradoras: elas se complementam em suas singularidades.

Jéssica nos trouxe relevantes informações sobre a estrutura do cabelo crespo e os procedimentos químicos e físicos mais adotados pelas mulheres com estas características capilares - sua atuação profissional em um espaço voltado para a beleza negra foi de grande valia. Nas discussões sobre a temática, Jéssica traz alguns pontos de contradição, que para nós

---

<sup>35</sup> As outras duas mulheres foram selecionadas a partir de vivências proporcionadas pela graduação e/ou mestrado, no próprio espaço universitário.

é uma demonstração de que ela está aos poucos construindo seus valores e seu pertencimento em relação às questões étnico-raciais.

Irene, com vivências que vão desde a fase da infância até após sua aposentadoria num espaço constituído por uma maioria masculina, permitiu-nos compreender que ser mulher negra em alguns espaços é um exigir de luta diária. Seu sorriso no rosto fica como uma das suas estratégias para (sobre) viver nesta sociedade que insiste em negá-la - mas que não nos enganemos, pois por de trás deste sorriso há uma mulher com trajetória de vida sofrida, com dores intensificadas por conta de seu pertencimento de gênero e étnico-racial.

Uma de suas estratégias de combate ao racismo que acreditamos ser válido destacar refere-se ao modo como valoriza e preza pela educação de suas duas filhas, ensinando-as que o estudo e a aceitação de seu pertencimento étnico-racial e de sua estética negra fazem parte do caminho de luta contra a opressão.

Dandara, filha de Irene, nos possibilita compreender que esta educação e estas estratégias de luta contra a discriminação de práticas racistas e machistas foram valores passados de mãe para filha. Em sua segunda formação acadêmica percebemos como ela valoriza o estudo como caminho para superação das desigualdades raciais, e as mudanças constantes que faz no seu cabelo e independente da opinião social nos mostra como a aceitação de seus atributos físicos é intensa e positiva.

Quando retomo a colaboradora Monalisa, é importante destacar que a partir de suas vivências e suas experiências com o cabelo alisado, me foi possível melhor compreensão e reflexão por falarmos de questões muito próximas à minha realidade. Ela relatou as dores e privações resultantes de seu cabelo alisado permitindo-me compreender a angústia da busca por um ideal de beleza tão distante da mulher negra.

A última mulher colaboradora que teceremos considerações nesta etapa do trabalho é Thulany. Jovem, negra, comprometida com causas políticas de militância negra e com ideias e valores muito bem construídos e refletidos sobre negritude e estratégia de combate contra racismo e discriminações, ela enriqueceu não só esta pesquisa como também algumas questões pouco amadurecidas que ainda tinha sobre aspectos das relações étnico-raciais.

Conforme fica evidenciado nestes apontamentos é possível compreender que as colaboradoras são mulheres negras com trajetórias, compreensões e graus de comprometimentos diversos. Mas apesar destas peculiaridades, foi possível compreender que há alguns fatores relacionados à realidade da mulher negra que nos permitiram aproximá-las e analisarmos suas falas a partir de focos que emergiram de análise consolidada do que era comum a elas.

Deste modo, a constante leitura e releitura não só de suas falas como também dos autores/as que alicerçaram a construção deste estudo nos permitiram delimitar três focos de análise. O primeiro intitulado “as vivências da infância: a menina negra no contexto familiar e escolar” nos permitiu compreender as vivências da infância e do ingresso escolar das mulheres colaboradoras. Percebemos a importância da figura materna na manipulação de seus cabelos e reconhecemos a escola como primeiro passo de negação e inferiorização do corpo negro e do cabelo crespo.

No segundo foco “significado do ser negro e representações de si” analisamos as compreensões das mulheres colaboradoras sobre aspectos da negritude, suas vivências relacionadas a racismo e práticas discriminatórias, a hipersexualização do corpo da mulher negra, além das estratégias que utilizam para superar a dificuldade de ser negra em uma sociedade machista e racista.

Quando pensamos e dimensionamos estes dois focos de análise, percebemos que eles nos permitiram atender de forma satisfatória aos objetivos relacionados à análise de situações de racismo e outras discriminações vivenciadas pelas mulheres colaboradoras e de suas estratégias diárias para superação dessas práticas.

No terceiro e último foco de análise “cabelo crespo e identidade negra” objetivamos compreender as percepções das mulheres colaboradoras sobre questões identitárias e, principalmente, relacionar estas questões sendo ou não influenciadas por suas escolhas estéticas e sobre a manipulação de seus cabelos crespos. Este foco nos permitiu tecer algumas considerações para responder a questão de pesquisa norteadora do estudo e em atingir o objetivo geral proposto.

Ao final desta etapa percebemos que nossas escolhas nos permitiram atender aos objetivos da pesquisa e] a responder a nossa questão de pesquisa proposta.

Comprendemos que o cabelo é um importante símbolo identitário e que as escolhas que estas mulheres fazem da forma de manipulação, mesmo quando não consciente reflete um posicionamento político.

Suas trajetórias de vida mostram que o cabelo marca suas histórias desde a infância, quando são manipulados pela mãe e quando sofrem a primeira rejeição de suas estéticas no meio escolar, perpassa a adolescência que é quando lhes é possível optar pela maneira como vão utilizá-los – alisado, natural, trançado, etc., até a vida adulta, quando ainda sentem a rejeição de seus corpos tanto em situações do cotidiano quanto nas relações que estabelecem.

E para além das questões teóricas e metodológicas julgamos pertinente nesta fase conclusiva do trabalho tecer algumas considerações sobre o significado da realização da pesquisa a partir de minhas percepções enquanto pesquisadora e educadora.

A primeira questão foi perceber que não somos pesquisadores, mas nos construímos como tais, e que este processo de edificação ocorre também por meio de conflitos e de dificuldades. Ingressar no curso de pós-graduação e ter a responsabilidade de desenvolver, realizar e apresentar uma pesquisa em forma de dissertação, inegavelmente me trouxe inseguranças. Sobre a atribuição de um novo papel, o de ser pesquisadora intrigava-me: O que significa ser pesquisadora? Que responsabilidades estão implicadas neste processo de construção de conhecimento? E estas questões somavam-se aos receios em relação às escolhas teóricas e metodológicas: será que tais leituras me permitirão melhor compreensão do tema? Será que os recursos metodológicos são os mais adequados para responder a questão de pesquisa? Será que as mulheres colaboradoras compreenderão e me auxiliarão a alcançar os meus objetivos?

Foram fases de questionamentos constantes, que para além da angústia, permitiram-me amadurecimento. Se interiormente angustiava-me com tantas perguntas, na relação fortalecida com minha orientadora, compreendi que estas eram dúvidas necessárias, pois a partir delas, poderia refletir e me construir como pesquisadora – nas dúvidas encontrei o caminho para amadurecer minhas concepções de pesquisa e para compreender que estamos constantemente nos formando como produtores/as de conhecimento.

Para além da angústia é primordial ressaltar minhas alegrias. Alegrias proporcionadas pela liberdade de escolha da temática e de alguns dos/as autores/as que me inspiraram. Alegria também em me sentir acolhida por uma orientação presente, atenta e dedicada, que muito me auxiliou nas melhores escolhas e em caminhos seguros. E alegria principalmente, por ter me encontrado como mulher negra e ter a partir da construção deste trabalho compreendido que o caminho que quero trilhar é em prol de mudanças, de melhorias e de valorização de outras mulheres com o mesmo pertencimento étnico-racial que o meu.

O que quero salientar ainda nesta fase conclusiva é que um dos maiores aprendizados que o curso de mestrado me proporcionou foi compreender que a produção deste estudo não objetivou a construção de verdades absolutas e inquestionáveis, pelo contrário, em primeiro plano, objetiva a criação e desenvolvimento de novos questionamentos e de outras pesquisas que podem ser desenvolvidas, a partir de meu olhar e/ou do olhar de outros/as pesquisadores/as que possam vir a se interessar pela temática.

Meu desejo maior é que este e outros conhecimentos e pesquisas produzidos no interior de universidades não se limitem somente a estes espaços. É preciso que o conhecimento universitário cumpra com sua função social e que o conhecimento produzido traga melhorias para a sociedade em geral. Quando pensamos em pesquisa em educação com foco na temática étnico-racial, o primordial é que o conhecimento produzido se volte para a modificação de nossa realidade opressora e desumanizante, que ainda inferioriza homens e mulheres negros, dentro e fora do espaço escolar.

O desenvolvimento e a concretização desta pesquisa de Mestrado me fortaleceram em relação à minha identidade e meu pertencimento étnico-racial. E para além das angústias e indignações sobre a realidade de negras e de negros em nossa sociedade, almejo trilhar e seguir meus passos em uma luta e engajamento político, que mesmo a passos curtos e penosos, possam trazer modificações e melhorias para a realidade étnico-racial.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, v. 17, p. 265-280, 2011.

ANDRADE, Paulo Sérgio de. **Pertencimento étnico- racial e Ensino de História**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2006.

ARAÚJO, Artur Antônio dos Santos. **Estereótipos: constituição, legitimação e perpetuação no discurso sobre o negro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BRITO, José Eustáquio de. Educação e relações étnico-raciais: desafios e perspectivas para o trabalho docente. **Educação em Foco**. Belo Horizonte. 1996, v. 14, p. 57-74, 2011.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. In: Sousa, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

COSTA, Sidiney Alves . Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: Dulce C. A. Whitaker. (Org.). **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. 1º ed. Presidente Venceslau: Letrsà Margem, v. 1, 2002.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética dos cabelos crespos em Salvador**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local). Universidade do Estado da Bahia, BA, 2010.

CUNHA, Aline Lemos da. **Narrativas entrelaçadas: conversando sobre leituras e lembranças de escola com mulheres que se “encontram” em um Salão de Beleza de Cultura Afro**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2005.

DOMINGUES, Carla; VICENTE, Lindsay; SILVA, Marta; DIAS, Mônica; COELHO, Sara. Auto-conceito/auto-estima e vinculação nas relações de namoro em estudantes do ensino secundário. In **Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho**. Portugal, 2010. p. 1615-1628.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. SP, Loyola, 1977.

\_\_\_\_\_. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Colombia, Editora Nueva América, 1995.

FAGUNDES, Raphaela M. **Penteado Afro: cultura, identidade de profissão**. Fundação Cultural Palmares. 2007.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin . **Afrodescendente Identidade em construção**. São Paulo. Rio de Janeiro: EDUC. Pallas, 2000.

\_\_\_\_\_. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afrodescendente. **Psicologia & Sociedade**; 14 (1), p. 69-86, jan./jun.2002.

FIGUEIREDO, Ângela. Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada. In: Rosy de Oliveira e Antônio Liberac Cardoso Simões Pires. (Org.). **Olhares sobre o mundo negro: Trabalho, cultura e política**. Curitiba: Editora Progressiva, 2010, v., p. 175-201.

FIGUEIREDO, Luciana Araújo. **A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Dourado, MS, 2010.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1), p. 3-10, jan/jun. 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rev. E atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Mariana Selister. A (des) (re) construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas. **Revista eletrônica de turismo cultural** (USP), v. 4, p. 48-70, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

\_\_\_\_\_. **Identidades e Corporeidades Negras: uma experiência com formação de professores (as) para diversidade étnico-racial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 33, p. 727-744, 2012.

\_\_\_\_\_. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, Set./Out./Nov./Dez. 2002, p. 40 – 51.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed. 34, 1999. p. 7-69.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LIMA, Maria Batista . Identidade Étnico/ Racial no Brasil:Uma Reflexão Teórico- Metodológica. In: **II Fórum Identidades e Alteridades: Práticas e Discursos em Múltiplos Espaços**, 2008, Itabaiana/SE. Caderno de Resumos e Programação. SÃO Cristóvão: Editora/ufs, 2008. V. Único. p. 1-18.

LUCA, Andrea Quirino de ; ANDRADE, Daniel Fonseca; SORRENTINO, Marcos . O diálogo como objeto de pesquisa na educação ambiental. **Educação e Realidade**, v. 37, p. 589-606, 2012.

LUCENA, Francisco Carlos de; LIMA, Jorge dos Santos. Ser negro: um estudo de caso sobre identidade negra. **Saberes**, Natal-RN, v.1. n.2. 2009, p. 33 – 51.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas, Editorial Psi, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6 ed. Petrópolis : Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento científico:** pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. 3ª ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise. São Paulo**, ano XIII, n. 135, p. 40 - 45.

NOGUEIRA, Simone Gibran. **Processos Educativos da capoeira angola e construção do pertencimento étnico-racial.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos- UFSCar. São Carlos, 2007.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo contra negros:** um estudo sobre o preconceito sutil. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Márcia Maria Micussi de. **Mulheres na fronteira:** Identidade negra de mulatas na cidade de São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, PUC. São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 29, n. 79, p. 309-321, 2009.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz.; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais.** *Anais da 32ª Reunião da ANPED*, 2009.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para “F” e negra para trabalhar”:** escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), IFCH, UNICAMP, 2008.

PAIM, Altair dos Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Aparência física, estereótipos e discriminação racial. **Ciências & Cognição**, Salvador, v.16, n.1, 2011.

PAIXÃO, Marli Madalena Estrela. **Uma Rosa para meus cabelos crespos:** experiência estética e política da imagem. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.

PEDROSA, Claudia Mara . O trabalho doméstico e o espaço privado: iniquidades de direitos e seus impactos na vida das mulheres negras. In: Silva, Tatiana Dias; Goes, Fernanda Lira. (Org.). **Igualdade Racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes**. 1ed. Brasília: IPEA, 2013, v. 01, p. 59-80.

PEREIRA, Marcos Emanuel; ÁLVARO, José Luís; OLIVEIRA, Andreia; & DANTAS, Gilcimar. Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo. **Psicologia & Sociedade**, 23(1), p. 144-153, 2011.

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaina; SOUSA, Angela Maria Alves e. VIEIRA, Neive Francenely Cunha . Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem (UERJ)**, v. 15, p. 276-283, 2007.

QUEIROZ, Renato da Silva. (org). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

REIS, Maria da Conceição. **O Processo Civilizador na Construção da Identidade Negra**. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009, Recife. Civilização e Contemporaneidade, 2009, p. 41 – 54.

SANT’ ANA, Antônio Olímpio de. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele. (org.) **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39 - 68.

SANTOS, Jocélio Teles. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 49-65, 2000.

SANTOS, Marzo Vargas dos; MOLINA NETO, Vicente. Aprendendo um negro ser.: uma Perspectiva dos Estudantes **Cad. Pesqui.** , São Paulo, v 41, n. 143, 2011.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia: Brasil: lugares de negros e brancos na mídia In: VAN DIJK, Teun (org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo,: Contexto, 2008, p 73 – 117.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 1999, v. 1, p. 13-24.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; Bernardes, Nara Maria Guazzelli. Roda de Conversas - Excelência Acadêmica e Diversidade. **Educação (Porto Alegre)**, v. 30, p. 53-92, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

STRECK, Danilo R., REDIM, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VAN DEN BERGHE, Pierre L. “Brasil”. In: CASHMORE, E. (org.) **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000, p.102-106.

VAN DIJK, TEUN (org.): **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo, Contexto, 2008.

ZANETTI, Júlia; SACRAMENTO, Mônica. Jovens negras: ressignificando pertencimento, construindo práticas. In: WERNECK, Jurema (org.). **Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Criola. 2008, p. 24 – 38.

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. São Paulo: Letras à Margem, 2002.